

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**OS LIVROS NA ESCOLA ESTADUAL BARÃO GERALDO
DE REZENDE : ENTRE A BIBLIOTECA E A SALA-
AMBIENTE**

MARIA DO CARMO BIANCHI

Orientadora : LILIAN LOPES MARTIN DA SILVA

2003

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Título: OS LIVROS NA ESCOLA ESTADUAL BARÃO GERALDO DE REZENDE :
ENTRE A BIBLIOTECA E A SALA-AMBIENTE

Autor: MARIA DO CARMO BIANCHI
Orientadora: LILIAN LOPES MARTIN DA SILVA

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por MARIA DO CARMO BIANCHI e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 07/11/2003

Assinatura:.....

Lilian Lopes Martin da Silva (Orientadora)

COMISSÃO JULGADORA:

Profª. Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira

Profª. Dra. Rosalia de Ângelo Scorsi

Prof. Dr. Ezequiel Teodoro da Silva

2003

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gilденir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

B47L Bianchi, Maria do Carmo.
Os livros na Escola Estadual Barão Geraldo de Rezende : entre a biblioteca
e a sala-ambiente / Maria do Carmo Bianchi. -- Campinas, SP: [s.n.], 2003.

Orientador : Lilian Lopes Martin da Silva.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Bibliotecas. 2. Ambiente de sala de aula. 3. Livros. 4. Leitura. 5.
Memória. I. Silva, Lilian Lopes Martin da. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

03-166-BFE

DEDICATÓRIA

Ao meu pai e à minha mãe.

Ao meu companheiro e aos meus dois filhos.

À comunidade escolar da EE Barão Geraldo de Rezende.

Agradeço:

Primeiramente aos meus pais que, embora com pouca escolaridade, sempre incentivaram os filhos a estudar.

À minha orientadora, por ter acreditado em mim e me apoiado nos momentos mais difíceis.

Às minhas colegas de trabalho e amigas, Mariene e Helena, que me incentivaram a ir em frente em meu projeto.

Às minhas companheiras de trabalho no Projeto onde este trabalho nasceu: Lourdes, Norma, Lia e Lillian.

À direção e à Renata, secretária da escola, que me abriram as portas de seus arquivos.

A todos os ex-professores, ex-alunos e ex-funcionários que me concederam entrevistas: Newton Antônio Wigberto de Mattos Gobbo, Antônio Romano, Margarida Maria Santos Zambelli, Renata Cristina Moda Pietrobon Motta, Vanderley Antônio Tonella, Dona Rita Moda Pietrobon, Héliide Fátima Pires, Maria Cristina Carvalho, Dona Celina Siqueira Frederighi de Brito, Dona Lucy Santana Martins, Odete Moretti Dalben e Shirlei Botelho.

Ao pessoal da Diretoria de Ensino de Campinas Leste e Oeste que me concederam entrevistas e abriram as portas das suas bibliotecas.

A todos os meus alunos de 1999 a 2003, que me ajudaram a pensar melhor o ensino de Língua Portuguesa na sala-ambiente, especialmente às turmas de 1998 e 2000 e ao aluno Leandro, pela especial colaboração.

Às estagiárias de Licenciatura que me ajudaram a transformar e organizar as estantes de livros no ano de 1998.

Ao senhor Aristides Barbieri, pela atenção e pela entrevista concedida.

Ao centro de Memória da Unicamp.

Às colegas de curso, Maria das Dores e Elizabete, pela leitura atenta ao meu trabalho.

Ao colega de trabalho professor Newton pela correção final.

SUMÁRIO

Resumo	VI
Apresentação	01
I - Uma Biblioteca na sala-ambiente de Língua Portuguesa	05
As idéias que foram nos guiando: a sala-ambiente como local de memória	18
A biblioteca de classe como lugar de educação do leitor	23
Outras idéias para a sala-ambiente e alguns problemas	25
Como as idéias se transformam: as dificuldades de implantação deste novo sistema	33
Pausa: mudando o rumo da pesquisa	44
II - A Escola Barão Geraldo de Rezende (1932-2003): entre as origens e os desafios de expansão	46
III - Uma biblioteca para a escola Barão Geraldo de Rezende	58
Criação e instalação	60
Os livros resistem: a biblioteca assume diferentes formas	68
Os livros se espalham pelas salas-ambiente	81
Formas de constituição do acervo de nossa biblioteca	83
Palavras finais	94
Bibliografia	95
Álbum de fotografias	98

RESUMO

Com o objetivo de criar um ambiente propício e colaborador na formação do leitor montou-se uma sala-ambiente para Língua Portuguesa, na Escola Estadual Barão Geraldo de Rezende, em Campinas, São Paulo. Este trabalho narra o processo de idealização e construção deste ambiente. Também apresenta uma pequena história dos livros e da biblioteca, resultante da busca do passado deste acervo, nesta instituição. Ressaltam-se as tensões entre duas forças opostas agindo sobre a vida da biblioteca na escola : a de sua destruição e de sua regeneração. A vontade que nos guiou e conduziu nesse processo foi a de conhecer, recuperar e registrar as diferentes formas de existência de uma biblioteca escolar, numa instituição com mais de 30 anos.

ABSTRACT

Aiming at the achievement of a proper and cooperative environment for readers' education, we structured a special classroom for Portuguese Language at State School Barao Geraldo de Rezende, in Campinas, Sao Paulo State. This paper describes the construction process of that environment. It also brings about a short history of the books and the library, as resulting from the search of the past of the library in the institution. It emphasizes the tensions between the two forces that worked upon the life of the library in the school: its destruction and its regeneration. The will that guided and conducted that process was to recognize, recuperate and register the different manners of being of a school library in a 30-year-old institution.

APRESENTAÇÃO

Escola, livros, leitura, biblioteca. Não é fácil tratar disso tudo, num país em que a leitura, desde o período colonial e até os dias de hoje, entrecruza-se com o analfabetismo, a falta de bibliotecas e a inexistência de políticas adequadas para a popularização do livro. Agravando ainda mais essa situação, um país em que instituição onde o ensino da leitura teria seu lugar principal, a escola, se encontra em situação de abandono e precariedade. Principalmente a escola pública, que é responsável pela educação da grande maioria dos brasileiros.

Essa é nossa realidade difícil, às vezes, desanimadora. Sempre desafiadora. Neste relato, em que se falará de escola, de livros, de leitura e de biblioteca, o leitor encontrará depoimentos tristes sobre a existência incerta dos livros em uma escola, mas também encontrará depoimentos outros, cheios de entusiasmo de saudosismo, de esperança, como na caixa de Pandora, que, embora repleta de epidemias e tragédias, trazia escondida a esperança. Uma centelha de esperança, como aquela do final da *História sem Fim*, filme inspirado na obra de Michel Ende. Quando tudo parecia ter se acabado, quando a fantasia parecia perdida para sempre, a princesinha traz, nas mãos, com toda delicadeza, uma semente de fantasia, que, afinal não morrerá. Assim esse relato, embora triste em alguns momentos, tem a intenção de mostrar que nem tudo está perdido, as pessoas resistem, os livros resistem, a biblioteca resiste mesmo quando tudo parece estar perdido para sempre.

Esta pesquisa começou pretendendo contar as atividades de ensino de leitura para crianças do ensino fundamental, numa sala-ambiente toda construída para isso. No processo de reunir a documentação já existente, de nossa prática de sala de aula dos últimos anos, de relatar, de questionar, de buscar respostas, paramos para observar e refletir melhor sobre alguns aspectos desse universo que pulsa, que se movimenta, que nos escapa, que exige de nós muitas ações ao mesmo tempo, que é a escola.

Tudo urge na escola. Nós, professores não temos tempo para muita reflexão. Afinal, a cada 50 minutos entram por nossa porta 30 ou 40 crianças agitadas. A nós, cabe ensinar a ler, escrever, auscultar e controlar os seus anseios e desejos imediatos, educar. Parar para observar e pensar melhor sobre o que fazemos no dia-a-dia não é fácil. No entanto, tentamos entender nosso presente de outra forma, pensando não só para agir, mas

para tentar melhor compreender acontecimentos e situações criadas, existentes, realizamos uma reflexão que pergunta pelo passado, que embora em sua totalidade, nunca seja completamente apreensível, pode nos ajudar a compreender melhor o nosso presente.

Foi assim que perguntamos para o acervo de livros de que passamos a dispor na sala ambiente de Língua Portuguesa da Escola Estadual Barão Geraldo de Rezende, no ano de 1998, de onde ele vinha. Qual era o seu passado naquela escola. Que biblioteca era aquele “depósito” de livros que tínhamos na escola em 1998? De onde ela nascera? Quem foram os protagonistas do processo de sua construção? Que papel o poder público teve neste processo? Querer responder a essas questões (e outras que foram aparecendo daí em diante) nos colocou numa rota de trabalho inicialmente não imaginada. Onde procurar saber? Com quem? De que maneira? Desviamos, então, de um itinerário programado inicialmente e começamos a construir um outro, mais aberto, incerto e desconhecido.

Resolvemos explorar e conhecer melhor o próprio acervo existente na escola em busca de pistas desse passado. Começamos a pesquisar os arquivos da própria escola em busca de uma documentação ou registro que ajudasse a dar conta da vida dos livros ali.

Procuramos as pessoas que pudessem nos contar e dar notícia – através de suas lembranças – da escola e de sua biblioteca. De cada entrevista, novos nomes se revelavam. Fomos ligando e relacionando informações esparsas, trabalhando ao mesmo tempo com a fonte viva e o depoimento oral e o que surgia devagar e aos pedaços nos documentos e nos livros.

Sem dar crédito absoluto às fontes documentais, pois nelas só é registrado o que se quis registrar, no passado; sem dar total crédito aos depoimentos orais, pois a memória é seletiva, algo dito hoje, pode ser desmentido a seguir, ou reformulado em novo depoimento, procedemos à nossa análise das informações encontradas nas fontes coletadas. Coletadas não sem dificuldades e desencontros. Juntando, contrastando pedaços de memória, alcançar entender um passado, em seus fragmentos e suas incertezas. Neles, pudemos melhor compreender o que buscávamos, a pequena história de nossa biblioteca e suas dificuldades de sobrevivência, na escola, as principais figuras humanas que bravamente trabalharam para o seu existir.

O que o leitor encontrará neste relato é uma história em três tempos que começa no presente e volta para o passado. Na primeira parte, apresentamos a sala-ambiente de

Língua Portuguesa na Escola Estadual Barão Geraldo de Rezende, enfatizando o momento de sua construção, em 1998 e discorremos sobre os conceitos e idéias que nos guiaram neste processo e o difícil embate entre tais idéias e a realidade escolar.

A segunda parte, traz um breve relato da história da nossa escola, que se mistura com a própria história da educação do nosso distrito iniciada ainda no final do século XIX.

A terceira parte traz a história da criação de nossa biblioteca escolar, como ela foi organizada, as pessoas envolvidas.

Através deste relato, pretendemos oferecer para o leitor uma pequena viagem ao passado de nossa escola e biblioteca. Para alguns, essa viagem poderá significar lembranças esquecidas, para outros, a descoberta de outros tempos. Para a escola, poderá significar um pedacinho de sua história resgatada, registrada, que poderá servir de início para novas pesquisas sobre a história e a história da educação do nosso Distrito.



Allegorical Figure of grammar, Laurent de La Hyre, 1650

I - UMA BIBLIOTECA NA SALA-AMBIENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA

*As salas-ambientes são salas de aula nas quais os recursos didático-pedagógicos, agora disponíveis nas escolas, criam vida.*¹

Início pela descrição da belíssima biblioteca que aparece na animação feita pelos estúdios Walt Disney do conto tradicional *A Bela e a Fera*. O filme traz uma imagem nova para o enredo e para a personagem. A Bela desta versão não tinha duas irmãs más e gananciosas, nem é bondosa ao extremo, como na versão tradicional, mas é esquisita. Era o comentário geral: “Uma esquisita”. Gostava de ler e escolhia seu destino. Ao contrário da versão tradicional, em que a heroína é magicamente transportada para um palácio fantástico. Bela vai até lá a cavalo.

Quando há o encontro entre a Bela e a Fera, o amor de Fera ocorre à primeira vista, mas Bela, ao contrário, terá que ser conquistada. Para isso, a Fera recorre a um expediente: fazer-lhe uma surpresa. Ajudado pelos empregados, a Fera descobre o amor de Bela pelos livros; e, num dia especial, leva-a até a biblioteca do Castelo. *Há uma coisa que quero lhe mostrar, mas antes precisa fechar os olhos. É uma surpresa.* Toma-lhe as mãos, abre as enormes portas de um salão e puxa-a para dentro. A sala está escura, mas um globo em cima de uma escrivaninha permite ao espectador perceber o que Bela ainda não pode ver: trata-se de uma biblioteca.

A Fera abre as pesadas cortinas e deixa que a luz entre. Não somente Bela fica encantada, como também nós espectadores nos deslumbramos com a cena. A câmera faz várias tomadas da imensa sala. Primeiro mostra o deslumbramento de Bela diante de uma parede coberta de estantes de livros. Depois passeia mostrando essa parede do chão ao teto. Uma imensa janela envidraçada, com pesadas cortinas verdes, circundadas por livros que vão do chão ao teto. O teto forma uma abóbada azul como o céu. Em outra tomada, surge a parede toda. Deste ponto, pode-se ver a parede principal do salão: são duas as janelas envidraçadas e cobertas pelas cortinas com livros que não acabam mais. “Cascatas de livros, enxurradas de livros, sobre todos os assuntos”. Assim descreveram a biblioteca para Bela o Relógio e o Castiçal, dois personagens transformados pela magia. Duas longas e

¹ Site: www.educacao.sp.gov.br

sinuosas escadas saem de cada lado do salão e sobem como serpentes até o local mais alto das estantes. No centro, a parede é formada por uma saliência em semicírculo, também coberta por livros. Embaixo, algo parecido com uma lareira. Fera lhe pergunta: *Você gostou?* Encantada, Bela exclama: *Que maravilha! Não é possível. Eu nunca vi tantos livros em toda a minha vida! É sua*, respondeu a Fera.

Bela estava totalmente seduzida; e muitas histórias de amor foram lidas por ela para deleite da Fera. A partir daí, foi um passo para o encantamento agir sobre a magia.

Quando começamos a transformar a sala-ambiente de Língua Portuguesa da Escola Estadual Barão Geraldo de Rezende em uma sala de leitura, em uma biblioteca, pretendíamos causar esse encantamento em nossos alunos que passariam a freqüentar essa sala nas cinco aulas de Português da semana. Desejávamos que essa sala fosse transformada numa biblioteca, com mais ou menos 1.200 exemplares, dos mais diversos tipos; e que estes estivessem organizados de tal forma que permitissem ao aluno o acesso fácil e contagiante.

A sala 13, a última do segundo andar, tinha sido escolhida para ser uma das salas de Português. Havia duas, na escola, uma ao lado da outra.

O prédio da escola tem uma estrutura esquisita. Nada de uma entrada com a diretoria de um lado, a secretaria de outro, um corredor longo com várias portas de salas de aula e um espaço reservado para o pátio e os banheiros dos alunos. Ao entrarmos na escola, encontramos sim a diretoria de um lado e a secretaria de outro, mas depois passamos por um hall de entrada e saímos direto no pátio, em volta do qual estão as salas de aula, que parecem ter sido construídas sem a orientação de um projeto de construção de prédio escolar. Conta-se, que o prédio da escola foi aproveitado de um antigo almoxarifado da prefeitura, para funcionar com cinco salas de aula e que foi crescendo conforme foi crescendo a população do bairro. Esse pátio forma um quadrado circundado por nove salas de aula. Outrora, a copa de um enorme flamboyant cobria todo esse espaço; hoje, vemos o céu e as pontas de outras árvores que circundam a escola. Os cinco mil metros do terreno da escola são bem arborizados. Deste pátio, ao lado esquerdo de quem sai do hall de entrada, há uma passagem que dá acesso a um outro pátio, coberto, em cima do qual estão mais quatro salas de aula. Tudo isso forma um segundo bloco.

Para chegar à sala-ambiente de Língua Portuguesa, temos que subir as escadas deste bloco e passar por um corredor estreito. Se as crianças estiverem em aula, a caminhada é tranqüila; mas se estiverem esperando para entrar nas salas, na hora da entrada, com um pouco de sorte chegamos à porta da sala 13 quase que ilesos. Normalmente, as crianças gritam, se aglomeram, brigam.

Chegar é um alívio! Escadas, corredores, barulho, tudo isso se transforma numa visão. Não tão fantástica quanto à da biblioteca do castelo da Fera, mas agradável. Convido o leitor a uma visita a esse espaço.

Ao abrirmos a porta, deparamos-nos com a maior sala da escola, bem arejada e, muito bem iluminada. Logo num primeiro olhar, percebemos se tratar de uma sala diferente das salas convencionais de uma escola. A primeira imagem que nos salta aos olhos é uma belíssima reprodução (90x90cm), de um quadro chamado **Compartmento C, Vagão 193** (Eduard Hopper, 1938). Essa reprodução ajuda a harmonizar a sala. Mas não é apenas a harmonia o que ela sugere para o ambiente. Na verdade, sua característica mais importante consiste no poder fantástico que exerce nos “visitantes” da sala. O seu poder é impactante, pois sempre há comentários sobre ela, tanto dos alunos que sempre freqüentam a sala, como dos visitantes esporádicos. “Quem é aquela moça? “Quem fez o quadro?” “Quem pintou o quadro?”

No quadro há a representação de uma moça sentada, de vestido e de chapéu modernos e verdes, um verde de tonalidade escura. Está de cabeça levemente abaixada. E este gesto, ajudado pelo chapéu de abas largas, esconde seu rosto. Imediatamente, o observador da tela busca o que ela faz, e descobre que está descontraída e lê um livro pousado sobre suas pernas. Outro livro se encontra aberto, virado para baixo, como se estivesse marcando uma página. A luz incide sobre o livro, sobre o momento da leitura. Iluminação, quase mágica, que pode sugerir algo revelador. Ela está num compartimento de um vagão de trem. O trem está em movimento, mas a moça está distante do movimento da paisagem que o trem vai deixando para trás. Concentra-se numa outra viagem: a da leitura. O ambiente todo do quadro é verde em diversos tons, como a sala, com suas cortinas e carteiras.

A parede onde este quadro está afixado fica bem em frente de quem chega e nela também aparecem outras reproduções que dividem espaço com a lousa verde, com o

expositor de livros, que fica logo abaixo do citado quadro, com a tela de retroprojetor que permanece enrolada acima da lousa e com um móvel verde-claro, em cima do qual há um aparelho de TV 29 polegadas. Do lado esquerdo, simetricamente à reprodução de Hopper, há a reprodução de uma natureza morta, (70x90cm), chamada **Natureza Morta com Novelas Francesas e Vaso com Rosa** (Christie's Peissenberg, 1887). A natureza morta é uma representação clássica na pintura, mas esta chama a atenção, pois se trata de uma natureza morta com livros, colocados ao lado de um vaso de flor. Os livros, jogados sobre uma superfície, na qual está o vaso, e em redor dele, parecem pétalas caídas das flores do vaso. A natureza é morta, mas as flores são vivas, vivas no momento da representação, sugerindo que os livros também têm vida. O quadro é feito com pouca variação de cores, predominando cores em pastel, marrom avermelhado e verde, nada que traga muito contraste às cores predominantes na sala toda.

Bem no centro desta parede, acima da tela do retroprojetor, há a reprodução de um quadro, (40x50cm) - para nós, anônimo, sem referências, retirado de um livro didático². Nele também predominam cores claras que variam do branco para um verde muito leve. O quadro representa um livro aberto, que é bem grosso e com capas resistentes. Dele, parece sair uma leve fumacinha, cooperando, possivelmente, para o clima meio mágico que a imagem parece querer sugerir. Se o primeiro quadro pode sugerir a leitura como viagem, o segundo como vida, este terceiro pode sugerir a leitura como um ato cercado pela magia e fantasia.

A segunda parede que chama a atenção, já da porta da sala, é aquela ocupada por dois vitrôs cobertos por duas cortinas: uma escura, que serve de forro a uma clara, de algodão cru. Seu barrado apresenta um detalhe em verde água, do mesmo tecido das cortinas que cobrem os pequenos vitrôs da parede do lado apostado a esta.

Esta parede, ao contrário daquela do filme, só é perceptível, ao entrarmos na sala. Ela é iniciada no teto por pequenos vitrôs que descem uns 70 cm e são cobertos por essas cortinas listradinhas de verde-água e branco. Ela é completada por um armário com portas e uma série de estantes de aço abertas, contendo livros.

Para visualizar bem a última das quatro paredes da sala, é necessário dirigir-se à frente. Há na parede do fundo três grandes reproduções, além de dois grandes painéis.

² **Literatura Brasileira - das origens aos nossos dias**, São Paulo, Scipione, 1998.

Nesta parede é onde também se localiza a porta de entrada. Nestes dois grandes painéis brancos, simetricamente colocados, são expostos trabalhos dos alunos. As três reproduções foram colocadas ao lado e no meio deles.

No centro se encontra uma reprodução (70x90cm), cujo título é **Allegorical Figures of Grammar** (Laurent de La Hyre, 1650). É um quadro que apresenta um jogo de cores e de luz maravilhosos. A moldura, dourada, realça suas cores, predominantemente o azul. O quadro apresenta uma mulher, uma dama que cuida de um vaso de flor. Veste-se com um manto azul claro e tem a cabeça coberta. A gramática e a literatura estão representadas de uma forma antropomorfizada pela figura dessa mulher, pois de suas mãos saem duas faixas em que estão impressas as seguintes palavras: Gramática e Literatura. Como no quadro da natureza morta, a aproximação da idéia de leitura às flores, a algo vivo e belo, pode sugerir também a beleza e a vida que os livros escondem. Também é um quadro que causa impacto para os observadores, pois há comentários que aproximam a imagem da mulher ali representada a uma santa, para uns, ou a uma bruxa, para outros.

Do lado direito, há uma reprodução, de 60x80cm, de diversas formas de escrita, através de uma montagem feita com representações retiradas do livro **L'Aventure des Écritures-naissances**³: escrita cuneiforme, hebraica, da mesopotâmia, chinesa, egípcia. Também é um quadro forte. Os freqüentadores são atraídos por aquele conjunto de sinais que nada lhes dizem de seu significado, mas que provocam curiosidade: o que é isto? A descoberta de que aquilo tudo são outras formas de escrever de outros tempos e povos, que não existe só a nossa forma, é muito instigante para o aluno.

Do lado esquerdo, outra montagem, só que agora de fotografias. Mostra situações diversas de contato com a leitura, ou seja, representa sempre atos ou locais onde acontece a leitura. Há fotos clássicas retiradas de livros de fotografia, mas também fotos tiradas por nós que participamos da pesquisa. Entre elas, há uma foto tirada de uma menina nordestina que, ao mesmo tempo em que descasca feijão, tem ao seu lado o caderno de estudo. Há fotos da primeira sala de leitura do Recife, com suas estantes repletas de livros muito antigos e com uma placa dizendo: *É proibido mexer*. Há ainda fotos de nossa própria sala-ambiente: a sala dentro da sala. A escolha das fotos que compõem este painel,

³ Zali, Anne e Berthier, Annie. *Bibliothèque Nationale de France*, 1997

portanto, não foi aleatória, obedeceu a um gosto estético, e às idéias em que nós acreditamos: não há única maneira de ler, nem um único gesto, ou lugar.

O conjunto de imagens da sala foi escolhido, produzido, justamente para exercer uma sedução em seus freqüentadores, os alunos especialmente. Para ficar gravado em suas memórias, para norteá-los num caminho, para “traduzir” para eles um mundo novo, diferente: o mundo da leitura, como bem sintetizou Scorsi: *Nós queríamos oferecer aos nossos alunos um ‘banquete’ de imagens, como em “A Festa de Babbet”,⁴ em que a personagem oferece um banquete de bom gosto, não só gustativo, como também visual, às pessoas tão severas, tão radicais, que se deparam num dia com aquele luxo todo do banquete. Aquilo mexe com eles.*⁵

Queríamos também mexer com nossos alunos, com esse luxo que as imagens em seu conjunto, ou individualmente podem oferecer. Mas não um luxo capitalista, e sim luxo estético com o qual o aluno, no geral, não está acostumado, para também introduzi-lo num mundo estrangeiro, num mundo diferente do seu, um mundo que poderá abrir as portas para outros saberes.

Essa nossa intenção de criar um ambiente forte, que agisse sobre os alunos e professores, às vezes transparece ou se concretiza em comentários a respeito da sala feitos durante umas aulas: *É a mais bonita da escola. Parece sala de cinema.* Ou comentários de alunos que não freqüentam mais a sala: *Eu tenho tanta saudade desta sala, professora!* E mesmo de professores novos: *Por que essa sala é tão mais bonita que as outras da escola?*

Como o leitor pode ver, nossa sala-biblioteca não é um salão repleto de livros até o teto altíssimo, como o do castelo da Fera, nem dos grandes palácios, mas também temos na sala um conjunto de livros que hoje tem 2.113 exemplares: desde os autores mais tradicionais até os mais modernos; desde exemplares antigos, remanescentes da época da criação da biblioteca da escola, até os exemplares novinhos em folha enviados pelo Governo em 2002. São enciclopédias, gramáticas, livros de estudo e de ficção. Enfim, um conjunto de livros organizados e classificados de acordo com o seu gênero. Cada prateleira da estante exhibe uma fileira de livros marcados com durex coloridos na parte inferior da lombada: numa prateleira predomina o azul, noutra o vermelho, o verde, o verde e amarelo,

⁴ Filme *A Festa de Babbet*” diretor: Isak Dinesen, 1998.

⁵ Rosalia de Ângelo Scorsi, em entrevista gravada em outubro de 2002.

o azul e vermelho... cada cor , ou conjunto de cores indicando um gênero de texto. Nas bordas das prateleiras, anuncia-se o gênero de cada conjunto: amor, aventura, suspense/terror/policial/mistério, contos, poesia, cartas/biografias, informativo, enciclopédias. É bonito ver as fileiras comportadas de livros identificados com as respectivas cores, conversando com as outras imagens da sala. Tanto as fixas como aquelas em movimento, em algumas aulas. Um conjunto de livros inseridos nesse ambiente de harmonia de cores e de imagens forma a biblioteca da sala-ambiente de Língua Portuguesa da Escola Estadual Barão Geraldo de Rezende.

Essa pequena biblioteca, com estantes abertas, com esse conjunto de livros organizados de acordo com o gênero e a finalidade como hoje se encontra na sala-ambiente de Língua Portuguesa de nossa escola, começa a ganhar esse formato na década de 90 do século passado.

Tudo começou em fevereiro de 1998, quando passamos a cuidar do espaço, organizando e transformando essa sala comum numa outra, que pudesse ambientar nosso trabalho e agir conosco na formação do leitor. Esse era o nosso principal objetivo.

Por esta sala ser a maior da escola, já no ano de 1996, por decisão do grupo que então começava a participar do projeto Fapesp⁶, ela passou a ser idealizada para ser a biblioteca da escola. Ou melhor, não seria apenas uma biblioteca, mas uma sala de multimeios: com tevê e retroprojetor, cortina que vedava completamente a luz e um conjunto de carteiras de braço para servir também como sala de aula. Com exceção das paredes com vitrôs e da parede com quadro negro, todas as outras eram ocupadas por estantes de livros. Com a decisão, em 1998, de se trabalhar com as salas-ambiente, esta “sala-biblioteca-espaço multimídia”, ainda parcialmente equipada e organizada, foi desmanchada, cedendo espaço para a sala-ambiente de Língua Portuguesa.

O acervo geral da escola, nesta época, era o que havia sobrado do tortuoso processo de “monta e desmonta” da biblioteca escolar, que há tempos não contava com bibliotecário, espaço adequado, e se constituía de: antigas e incompletas enciclopédias, além de edições, também antigas, de literatura.

⁶ Trata-se de um Projeto em parceria Escola Pública/Universidade, financiado pela Fapesp, desenvolvido na escola, de 1996 a 2000, do qual o subprojeto de Língua Portuguesa passou a participar a partir de 1998. Da Escola Estadual Barão Geraldo de Rezende, as professoras Lourdes José da Silva e Maria do Carmo Bianchi eram integrantes, e da Universidade de Campinas, as professoras Lilian Lopes Martin da Silva, Norma Sandra de Almeida Ferreira e Rosalia de Ângelo Scorsi.

Terminada a divisão dos livros destinados às respectivas salas-ambiente de cada disciplina do currículo, o que coube à sala-ambiente de Língua Portuguesa permaneceu na sala 13. Além deste acervo que ocupava as estantes desta sala, havia um outro que ocupava as prateleiras de um armário da sala dos professores. Ali ficavam obras mais recentes e que circulavam – pela ação dos professores de Português – entre os alunos.

O desafio da transformação da sala 13 em uma sala-ambiente de Língua Portuguesa teve que ser enfrentado. A primeira decisão foi levar para a sala esse armário com livros que ficava trancado na sala dos professores. Trancado ele ainda permaneceu durante o primeiro semestre de 1998, agora na sala de Português.

Com a ajuda de grupos de estagiários, licenciandos do curso de Letras da Unicamp, e o engajamento da equipe de professores do Projeto Fapesp, a sala foi se compondo, e junto com ela a biblioteca foi tomando novos ares.

As observações que conseguimos obter dos estagiários sobre a ação dos alunos nas chamadas aulas de biblioteca de classe, a BC⁷, com esses dois acervos, logo no começo de nossa pesquisa mostraram que a concretização de biblioteca que desejávamos para propiciar a formação de leitores ainda estava distante.

Da estante aberta, onde ficavam empoeiradas e mal cuidadas obras de referência, dicionários, gramáticas, livros didáticos e algumas coleções antigas de obras de literatura, os alunos pareciam guardar uma certa distância e reservar um grande desinteresse. De acordo com os registros de uma estagiária, *a estante mais parecia uma paisagem fixa, do lugar*. Isto porque durante todo o 1º semestre de 1998 não lhe havia sido possível observar qualquer atividade em torno deste material, o que lhe sugeria que estavam ali abandonados.

À outra estante, que ficava fechada e na qual estavam os livros de literatura, os alunos não tinham acesso direto. Dependiam da presença e mediação de uma aluna que, uma vez por semana, nas aulas de BC, era escolhida para fazer o papel de bibliotecária, gerenciando as escolhas. Na estante fechada, os livros ficavam separados em prateleiras,

⁷ No início de nossa pesquisa, em 1998, decidimos que o processo de formação do leitor nas aulas de Português se faria através de duas frentes de trabalho: A Leitura programada e a Leitura de Livre Escolha. Duas noções de trabalho com leitura que estavam presentes já nos Parâmetros Curriculares Nacionais. A sala-ambiente seria nossa colaboradora. A leitura de livre escolha consistia nas chamadas aulas de biblioteca de classe que aconteciam uma vez por semana. Os alunos teriam a liberdade de movimentar-se pela sala, dirigir-

classificadas de acordo com o nível do ensino fundamental de 5^a/8^a séries, e do médio. E como eram muitos, havia duas ou três fileiras deles acomodados em cada prateleira.

As primeiras observações dos estagiários evidenciaram também que na aula de Biblioteca de Classe não era possível nem o manuseio direto nem uma visão das obras. Os (poucos) alunos que desejavam trocar os livros que vinham lendo dirigiam-se à colega bibliotecária e lhe pediam para procurar na estante alguma coisa de amor, de aventura, de poucas páginas. Era essa a maneira de se pedir e trocar livros nas turmas de uma das sétimas séries, que os estagiários acompanhavam. Quando uma aluna manifestou interesse por história de amor, a estagiária propôs-lhe a leitura de *Amor de Perdição*, mas a aluna-bibliotecária a impediu de retirar, dizendo que se tratava de um livro para o colegial.

Revela-se aqui uma noção de leitura - em níveis - que a escola, muitas vezes, passa para o aluno. Mesmo o professor, dividindo as estantes em níveis de ensino, leva os alunos à idéia de proibição para determinadas obras. É muito comum ouvir de professores e também de pais e funcionários que não é adequado para as quintas séries, por exemplo, um certo conjunto de livros. A noção de leitura como perigosa está implícita nesta atitude.

A situação de ter os livros separados por série e trancados no armário praticamente impedia o conhecimento e o manuseio do acervo, gerando uma série de desdobramentos nas relações de todos com os livros, nas maneiras e critérios de proceder à escolha e no funcionamento da aula. Fixamos, então, um primeiro propósito para a pesquisa em relação ao acervo, de modo a conhecê-lo melhor, em sua extensão, adequação e potencialidades. Organizá-lo de outra maneira e avaliar os efeitos destas mudanças nas aulas de Biblioteca de Classe e nos leitores seria uma solução?

Durante todo o primeiro semestre de 1998, uma dupla de estagiários que acompanhava sistematicamente as aulas de Biblioteca de Classe, numa das duas turmas de sétima série, pôde perceber e descrever vários aspectos relacionados aos alunos enquanto leitores. Um deles é que a maioria dos alunos orientava-se por um critério bastante rígido para a escolha de livros: o número de páginas. Quando o critério não era esse, os alunos escolhiam da seguinte forma: livros de amor, de mistério, de aventura, de poesia...Entretanto, não conseguiam, explorando o livro, perseguir as pistas que permitissem a sua classificação numa dessas categorias, precisando da ajuda de um adulto

se às estantes e escolher o livro que bem entendessem para ler, folhear, levar para casa, para mais tarde fazer

(professor ou estagiários) para isso. Também se equivocavam, por exemplo, com o conceito de romance. Para a expressão “romance” havia um sentido compartilhado por todos os alunos. Uma história de amor.

Não podendo manipular diretamente as obras do acervo, não podendo acercar-se da estante para olhar, considerar, comparar diferentes materiais, formatos, folhear, etc. os alunos ficavam impedidos de explorar um conjunto de aspectos do livro que emolduram o texto em si e colaboram na criação de um horizonte de expectativa para o leitor, permitindo-lhe, assim, antecipar/avaliar as promessas das histórias que tinham em mãos.

Assim, pode-se dizer que, no início do trabalho, os alunos, de modo geral, traziam consigo uma “inexperiência” em relação ao livro, não conseguindo, muitas vezes, identificar o título do livro e o nome do autor.

A partir das observações de como os alunos faziam seus pedidos de livro e de sua “inexperiência” no trato deste objeto, também planejamos construir um entendimento maior de seu funcionamento enquanto leitores, tentando apreender suas expectativas, suas buscas no acervo, suas avaliações e seu conhecimento anterior dos livros e da leitura.

A partir das constatações destas dificuldades em relação ao uso do acervo, fizemos várias perguntas: Seria possível ter um acervo único disposto em prateleiras fixas, bem dividido e organizado, que permitisse ao aluno uma busca mais eficiente do livro desejado? Ou a descoberta de algo que lhe pudesse agradar? Seria possível trazer para a sala de aula uma biblioteca de verdade?

A reflexão sobre tais perguntas possibilitou a primeira mudança concreta na sala-ambiente, pois decidimos unificar os acervos. No segundo semestre de 1998, iniciamos a organização da nossa biblioteca de classe. E, ainda com a ajuda dos estagiários, o “acervo interessante” do armário trancado pôde sair para prateleiras abertas e ser organizado. Exemplares considerados inadequados quer pelo precário estado de conservação, quer pela natureza da obra, fruto talvez de doação, que estavam nas estantes abertas, foram retirados delas e novos espaços foram abertos para a absorção dos livros, que haviam permanecido até então trancados.

Lentamente, foram cadastrados todos os livros e o acervo, em toda a sua extensão, foi dividido em alguns conjuntos, a partir de discussões com os alunos: poemas,

outras atividades correlatas a essa leitura.

informativos, contos, romances nacionais e internacionais e teatro a partir de discussões com os alunos. Além disso, cada livro recebeu, em sua lombada, as etiquetas coloridas, criando-se assim um código de cores que estava relacionado à divisão acima citada para tornar mais funcional a organização e a busca. Foi produzido um catálogo que continha, na ocasião, 1.242 obras cadastradas.

Resultado desta primeira arrumação foi uma nova valorização do espaço sala-ambiente e da biblioteca: um acervo visível e organizado, facilitando a busca, a descoberta; com o livre acesso ao livro, com o espaço alargado para a procura, permitindo uma nova interação aluno-livro, aluno-aluno.

A estante aberta e com o acervo integrado eliminou a “censura” a obras. O professor, às vezes, classifica como muito infantis, ou pelo contrário, como avançadas demais certas obras para os alunos de determinadas faixas etárias, impedindo a liberdade de escolha, proibindo as leituras. Com todo o acervo nas estantes, democratizou-se a escolha. Além disso, a troca, antes feita num dia, passou a ocorrer muitas vezes, em outras aulas não destinadas somente à escolha de livros.

A estante limpa, colorida, arrumada, modificada em sua apresentação, passou por si mesma a "desejar" a aproximação dos alunos e a ser desejada por eles, como revela a fala desta estagiária em seu diário de Campo:

Quando o novo aspecto da biblioteca estava já se delineando, com as etiquetas coloridas já sendo incorporadas às lombadas dos livros, ouvíamos dos alunos expressões de entusiasmo pela maior facilidade de localização das obras, muitos alunos, enquanto estávamos a catalogar ainda, davam uma voltinha pela classe passando pela estante com os olhos perdidos, isto é, fixos nas prateleiras e esboçando movimentos e desejos de folhear os livros (Diário de Campo de J. set/98)

Em questionário respondido pelos alunos, no final de 1998, 99% deles responderam que a nova organização ajudava-os na escolha dos livros. Resultado muito próximo das palavras acima da estagiária.

Ao lado deste material, conservamos algumas coleções de livros didáticos, algumas obras de referência mais atualizadas, catálogos de editoras para manuseio e

consulta e algumas poucas revistas de que já dispúnhamos. Mais tarde, outras foram incorporadas.

Anexamos à estante um pequeno **expositor de livros**, destinado a abrigar obras selecionadas do acervo. Tais exposições visavam dar destaque a conjuntos de livros existentes no acervo e que podiam representar novos e diferentes desafios de leitura para os alunos⁸. Seja por autor, por gênero, ou ainda pela preferência de algum leitor escolhido (um professor ou um aluno), os alunos têm no expositor um segmento especial da estante que oferece/torna visível por um período certas obras que podem ser escolhidas por eles.

Também acrescentamos à sala dois **quadros murais** destinados a abrigar comentários de livros e outros trabalhos realizados pelos alunos em torno de histórias lidas. E ainda iniciamos a formação de um **acervo de textos em CD e Fita K-7**. Além de um acervo de imagens em transparências relacionadas aos livros que eram lidos por todos alunos, na frente chamada Leitura Programada.⁹

Essas mudanças na biblioteca e em toda a sala-ambiente trouxeram novo movimento para as aulas de Português. A visita às estantes passou a acontecer, sistematicamente, na aula de Biblioteca de Classe para troca de livros e foi de longe o momento mais apreciado dentre todas as atividades realizadas nesta aula *...porque descobrem-se livros novos (CHL, 7ª B) ...porque se conversa... (JS 7ª C) trocam-se opiniões... (JP 7ª A) tem-se liberdade... foge-se da monotonia ... (LM 7ª A)* que aparecem na fala de muitos alunos que responderam ao nosso questionário de avaliação no final de 1998.

A ida à estante também passou a acontecer fora deste momento programado. Os alunos passaram a trocar com maior frequência livros e ficou de certa forma comum ter durante as aulas alunos diante da estante. Afinal, os livros estavam ali, à espera... Em algumas turmas, mais que em outras, havia um conjunto de alunos que, ao entrar na sala,

⁸ Nesse sentido, em 1999, com as mesmas turmas de alunos de 1998, agora na oitava série, este expositor nos valeu para expor um conjunto de obras clássicas da literatura universal esquecida nas estantes da biblioteca. Trabalho que rendeu bons frutos e abriu uma nova perspectiva de leitura no grupo de alunos muito acostumados com a leitura dos famosos paradidáticos, mais fáceis e finos.

⁹ Essa frente de trabalho, Leitura Programada, também sugerida nos Parâmetros Curriculares Nacionais, consistia na escolha de um título de literatura que quase sempre representava um desafio de leitura para os alunos, mas que pelo fato de ser compartilhada com a classe o com o professor que promovia sessões de leitura dramatizada, discussões sobre trechos da obra, ajudava o aluno a familiarizar-se com outros tipos de textos considerados mais difíceis.

abandonavam a mochila sobre a carteira e voavam para as prateleiras de livros e de lá voltavam com três ou quatro exemplares para retirar e já iam devolvendo outros três que haviam levado nas aulas anteriores.

E como a Bela contou várias histórias para “amansar” a ferocidade da Fera na sua imensa e maravilhosa biblioteca, neste espaço, também, os alunos podem ouvir histórias, contar relatos de história lidas, ver imagens, ouvir música, recitar poemas, ouvir de um gravador poemas de Drummond, Bandeira, Vinícius, nas vozes deles mesmos, ou de algum intérprete famoso.

AS IDÉIAS QUE FORAM NOS GUIANDO: A SALA-AMBIENTE COMO LOCAL DE MEMÓRIA

Embora a idéia de salas-ambiente não fosse completamente nova em 1998, um conceito inovador para a criação destes ambientes que nos guiou na pesquisa está baseado nas idéias de Jameson (1997), Yates (1993) e Benjamin (apud Bhabha: 1998), que foram trazidas ao trabalho por uma das professoras integrantes da equipe.¹⁰

A escola não está imune às interferências de fora, como um lugar asséptico, apropriado para a educação processar-se obedecendo estritamente a um programa curricular. Ao contrário, ela se insere na cultura e mantém com ela liames indissolúveis. Por isso pensamos que o local onde alunos e professores atuariam diariamente — a sala-ambiente — deveria ser um local concreto, intencional e esteticamente composto para se tornar um lugar da cultura, um lugar da memória, onde se passassem imagens inesquecíveis à memória dos que atuam nela, imagens escritas, visuais ou (áudio)visuais. Assim, os utensílios, objetos e imagens que passaram a compor esse espaço deviam estar esteticamente dispostos, com o objetivo de sugerir atitudes e atividades favoráveis a um ensino de Língua Portuguesa no qual pulsa uma língua viva, feita da matéria verbal escrita e também de outras.

A sala, como sendo um local de cultura e memória, foi uma idéia que também norteou a nossa concepção de sala-ambiente, ampliando as idéias sugeridas no documento oficial da Secretaria da Educação, bem como outras anteriormente conhecidas. Foram três conceitos que atuaram na idealização e construção dessa sala. Estes três conceitos foram recuperados e apresentados por nós, neste texto, a partir de entrevista realizada com Scorsi, em 19/03/2003, e da consulta a alguns textos publicados por ela, relativos ao trabalho. Scorsi explica-nos que:

Jameson (apud Scorsi: 2002) nos diz que a cultura moderna e pós-moderna é dominada por uma lógica espacial, muitas vezes desnorteadora, produzida pela lógica do atual capitalismo multinacional, o qual o autor chama de capitalismo tardio – lógica esta que se espalha com profundos reflexos na sociedade. Segundo

¹⁰ Trata-se da professora Rosalia de Ângelo Scorsi, do laboratório de Estudos Audiovisuais (OLHO) FE/Unicamp.

o autor essa lógica mais deslocaliza do que localiza os que percorrem seus espaços. Sugere, então a adoção de uma prática política e pedagógica apropriada à nossa situação, prática essa que levante os problemas de espaço como sua questão organizativa fundamental. Uma forma cultural que se organize 'como uma estética de mapeamento cognitivo' na qual o indivíduo será convidado a se orientar para um sentido de localização e de reconstrução um conjunto articulado que pode ser retido na memória.

Se a construção dos espaços, na lógica do capitalismo pós-moderno, mais desnorteia do que norteia o sujeito, na construção de nossa sala buscamos um caminho que fosse na contramão dessa tendência. Continua ela dizendo que:

Jameson diz que conhecer a época em que vivemos é também compreender seus mecanismos e trazer ao nosso contexto de atuação alguns desses mecanismos para torná-los cúmplices de nossas intenções. É preciso a adoção em nossos dias de uma política cultural que imponha uma certa distância estética do ser massivo do capital multinacional. Desta forma, naquele espaço exíguo da sala-ambiente como local de cultura e memória, propusemos uma lógica, cujo objetivo era localizar os seus frequentadores, para apropriar-se de uma nova cultura. Ao contrário da lógica capitalista que desnorteia para colonizar. Tentamos adotar a prática política e pedagógica apropriada à nossa situação, uma forma cultural que se organizaria como uma estética de mapeamento cognitivo, que orientaria, que inseriria os alunos naquele espaço de cultura e memória. Foi uma tentativa, pequena, de descolonização, ou melhor, de colonização para a leitura através da convivência cotidiana com um ambiente favorável à aprendizagem.

Toda a transformação que a sala foi sofrendo ao longo de nossa pesquisa, não só nas estantes de livros, mas também no espaço como um todo: organização, cortinas novas, imagens nas paredes, objetos reprodutores de imagens (áudio)visuais, visavam atingir essa lógica da organização do espaço como a norteadora do processo de ensino-aprendizagem ligado à orientação do leitor, nas possibilidades de acesso à cultura dos livros.

Além do conceito de Jameson sobre a lógica espacial do capitalismo tardio, Scorsi busca em Benjamin (apud Bhabba: 1998) outro conceito que nos guiou no processo de organização da nossa sala-ambiente:

Benjamim desenvolve o conceito de estrangeiridade. Todo tradutor experimenta, no encontro com um espaço da diferença cultural, um sentimento de estrangeiridade diante do diferente. Essa diferença age como “um elemento instável de ligação” (Scorsi: 2002) capaz de estabelecer o conhecimento do novo. O tradutor é alguém que se depara em um espaço da diferença cultural e experimenta um sentimento de estrangeiridade diante dessa diferença. O elemento estrangeiro, o do espaço da diferença cultural, age como elemento instável de ligação, e ele provoca a entrada do novo que abala as estruturas habituais de referências e põe em movimento outros sistemas diferenciais de significação social e cultural. Se esse agente estrangeiro pode ser o causador de disjunções das diferenças, ele também é constitutivo de novas situações de conhecer.

Assim, nós estamos “traduzindo” coisas, idéias para nossos alunos, através de um elemento intersticial capaz de abalar as estruturas habituais de referências e por em movimento outros sistemas diferenciais de significação social e cultural.

Portanto, no contato com esse espaço novo, diferente do já conhecido do aluno, este poderia experimentar essa sensação de estrangeiridade e experimentar o contato com um “mundo” diferente do já conhecido, o mundo dos livros e das imagens a eles ligadas, ensaiando a posse cultural dos objetos pertencentes a esse espaço novo. Toda a decoração da sala, toda possibilidade de acesso aos objetos nela existentes, permite que o aluno também se sinta estrangeiro dentro do novo mundo.

Aos dois primeiros conceitos, ligados mais à localização e à inserção do aluno num mundo cultural, junta-se o conceito ligado à arte da memória (Yates apud Scorsi: 2002). O cenário marcado por imagens fixas ou não deve funcionar como uma espécie de memória artificial das histórias lidas ou ouvidas no interior da sala-ambiente nas aulas de Língua Portuguesa; ou das imagens que estão relacionadas direta ou indiretamente ao ato de leitura. O autor faz um estudo e descreve *o programa detalhado de educação da memória contido no Ad Herennium, na parte dedicada à Arte da memória ou à Arte da palavra – uma técnica de memória artificial para potencializar a memória do orador, que*

consiste na criação imaginária de imagens agentes e locais fantásticos para serem fixados na memória. (Scorsi: 2002: 49). Uma memória artificial para ajudar a memória natural.

As imagens colocadas em nossa sala seriam potencializadoras das imagens das leituras feitas neste ambiente. O Ad Herennium falava do palácio da memória, com imagens agentes em locais fantásticos, para que elas possam agir, modificar, transformar, fixando na memória dos freqüentadores da sala. Nós queríamos colocar em nossa sala imagens agentes que se fixassem na memória dos alunos, para que aquele local de sala de aula também fosse fantástico; para que o aluno conversasse com as imagens. Portanto, a sala-ambiente seria o local que orienta e acolhe o aluno para o mundo da leitura; seria o local que permite a existência de imagens ajudando na memória dos leitores; e também um lugar diferente, “estrangeiro” que desestabiliza os freqüentadores para introduzi-los no novo.

Esse não seria o espaço do “vez-em-quando”, como o de uma biblioteca, visitada às vezes pelos alunos; mas o espaço do “todo-dia”, permitindo a apropriação do espaço e de objetos pertencentes a ele pelos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Sendo a nosso propósito formar leitores, nosso objetivo mais amplo era o esforço de inserção, não só do aluno, como também do professor num espaço sócio-cultural amplo, de leitores que fossem também produtores de textos e críticos de sua produção e das produções alheias.

A formação do leitor de uma forma mais ampla, ligada à formação integral do indivíduo voltado para a cultura, a tradição, a ética e a estética, necessitava de um ambiente que contivesse não só estantes com livros, mas que deveria também se compor de outros objetos da cultura moderna e tradicional, como quadros com pinturas sugestivas e alusivas ao mundo da leitura, aparelhos reprodutores de imagens auditivas e visuais: a TV, o vídeo, o gravador, o retroprojektor.

Ela conclui:

Pensar a sala como um espaço de “localização” do sujeito, apontando-lhe direções, criando uma idéia de inserção, pela possibilidade de ligação e familiaridade com os elementos de composição do lugar. Um lugar que convidasse pela sua organização a uma participação orientada, especialmente, em

relação à cultura dos livros. Igualmente pensar a sala como um lugar que contém referências diferentes daquelas já conhecidas pelos alunos que vão – pela diferença – agir sobre eles deslocando significações. E, finalmente, como um espaço que pudesse ser recuperado pela memória, inclusive pela memória da leitura. Estas foram novas e desafiadoras idéias.

Se a sala já podia ser pensada por nós como um lugar de fortalecimento do professor, porque além de facilitar seu trabalho podia ser a expressão de sua visão num campo particular de conhecimento, a partir destes novos conceitos de reflexão sobre o espaço, pudemos pensá-la como lugar de localização dos alunos em contraposição às formas culturais e sociais de vivência de uma deslocalização constante a que todos estão submetidos. E, mais ainda, um lugar de localização do professor em relação à instituição escolar como um todo, em relação ao conjunto de referências e materiais próprios de seu trabalho na disciplina. Lugar que favorece a apropriação de objetos e saberes por parte de alunos e professor.

A BIBLIOTECA DE CLASSE COMO LUGAR DE EDUCAÇÃO DO LEITOR

Antes das novas idéias trazidas, por Scorsi para a constituição desta sala-ambiente, para o nosso grupo, outras já conhecidas por nós e já postas em prática ao longo de nossa vida profissional, inclusive em escolas diferentes, deram direção ao trabalho. Referimo-nos à prática de ensino de leitura feita através das chamadas **bibliotecas de classe**. Uma idéia ou proposta amplamente veiculada na década de 1980, em publicações diversas, inclusive oficiais e em forma de cursos de formação continuada.

Essa proposta aparece primeiramente documentada em Geraldi (1984). O livro por ele organizado trazia textos teóricos e práticos voltados para a discussão de novas perspectivas para o ensino de Português, dentre elas aquelas referentes ao ensino de leitura, especialmente de literatura. Embora a penetração destas novas propostas no meio escolar tenha sido cheia de resistências, grupos de professores, porém, ousaram mudar suas práticas arraigadas e abraçar a nova proposta, criando desta forma condições para mostrar à sociedade os resultados destas teorias na prática. Tudo isso permitiu que em final da década de 90, muito do que havia sido proposto nesta coletânea de textos nos anos 80 se impusesse nos meios educacionais a ponto de figurar (mesmo transformadas) numa publicação de âmbito nacional e institucional: os Parâmetros Curriculares Nacionais, editados pelo Governo Federal (1998).

Essa proposta e sua prática não eram novas para nós e foi a base do nosso processo. Da coletânea, dois textos: *Unidades Básicas do Ensino de Português e Prática da Leitura de Textos na Escola* expunham algumas experiências com o trabalho de leitura na sala de aula.

Em *Unidades Básicas do Ensino de Português*, o autor propõe que o ensino de Português se efetive através de três práticas principais: prática de leitura de textos, prática de produção de textos e prática de análise lingüística. Para nós, interessa reproduzir aqui a prática de leitura de textos, que se subdivide em dois tipos, com dois níveis de leitura: a leitura de textos curtos e a leitura de textos longos.

Esta última, a leitura de textos longos, se organiza através da seleção de um conjunto diverso de títulos, que ficam disponíveis aos alunos para a escolha. A leitura do livro escolhido se inicia em sala de aula e pode continuar em casa. É reservada uma aula

para isso. A troca dos livros é feita nesta aula, uma vez por semana. A avaliação desta atividade deve abolir provas, ou fichas de leitura. Em lugar disso, o aluno é incentivado a ler, pelo menos, um mínimo de livros estipulado pelo professor a cada bimestre.

Em *Práticas de Leitura de Textos na Escola*, Geraldi levanta quatro posturas de leitores ante o texto: a leitura como busca de informações; a leitura como estudo do texto; a leitura do texto como pretexto; e a leitura fruição do texto. Aqui, nos interessa recuperar esta última, que viabiliza o trabalho com o texto literário que está ligada à gratuidade, da atividade. Para isso, o professor deve atentar para três pontos fundamentais: o respeito à caminhada do leitor, o circuito do livro e da leitura e a idéia de que não há leitura qualitativa no leitor de um livro só. Por que respeitar a **caminhada do leitor**? Cada leitor tem o seu percurso, que não se inicia necessariamente pelo “monumento literário”,¹¹ mas com as várias leituras feitas no dia-a-dia de forma gratuita ou não, buscando informações ou apenas se divertindo.

Por considerar a fruição como uma das modalidades da leitura, o autor propõe o **circuito do livro** nas aulas de Português, pois acredita que, sem um circuito que envolve várias formas de aproximação do aluno ao livro, não é possível forjar leitores. Assim, ele acredita que a escolha do livro poderá ser feita através de diversas maneiras: pela capa, pela indicação dos colegas, pela indicação do professor, pela curiosidade, pelo título, etc. Numa aula reservada só para escolha, para troca de idéias, para leitura propicia-se a criação deste circuito.

O autor não acredita na **leitura qualitativa como algo a ser alcançado pelo leitor de um livro só**. *O mergulho de um leitor num texto depende de seus mergulhos anteriores e a quantidade gera a qualidade* (Geraldi: 1984:87) Assim, é muito importante que o aluno possa ler muitos livros e principalmente de sua escolha, para a quantidade transformar-se em qualidade.

Disponibilizar um conjunto de livros, permitir que o aluno escolha o que lhe agrada, incentivar a leitura de forma mais gratuita, propostas de Geraldi (1984) eram nossos principais objetivos, logo no início da pesquisa, pois acreditávamos, como ele, no processo de interação aluno/livro, aluno/aluno, aluno/professor e, agora, aluno/ambiente.

¹¹ Grifo do autor

OUTRAS IDÉIAS PARA A SALA-AMBIENTE E ALGUNS PROBLEMAS

As idéias que fomos recolhendo de Scorsi e Geraldini nos deram um primeiro e fundamental amparo e rumo, em 1998. Mais à frente, já vivenciando os percursos desta escrita e reflexão, saímos em busca de outras companhias. Que outras idéias poderíamos aproximar das nossas, especialmente no que dizia respeito à sala-ambiente e seu impacto no ensino? Entramos em contato com dois artigos, um de 1992 e outro de 1997, que falam das experiências e das vantagens do uso de salas laboratório e salas-ambiente. Um deles relata uma das experiências desenvolvidas nas cidades de Porto Alegre-RS e Belo Horizonte-MG, em escolas da rede municipal de ensino (Silveira: 1992). O outro artigo analisa as vantagens da sala-ambiente, uma publicação do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ciências e Ensino da FE/Unicamp (Penin: 1997).

O artigo de Silveira (1992), cujo título é “Salas-laboratório, jornal, oficinas, teatro, dança...”, narra a experiência da escola Ana Íris do Amaral, da rede municipal de Porto Alegre-RS. Desde 1989, ano de sua criação, direção e professores aboliram as salas de aula convencionais e criaram salas laboratórios, como foram chamadas por eles. Neste sistema, quem circula de uma sala para outra não são os professores, que se fixam numa delas, mas os alunos. Em cada uma, os materiais específicos das disciplinas são acondicionados de maneira a facilitar o trabalho do professor e também o envolvimento do aluno, pois diminui a distância entre o aluno e o material de consulta.

O artigo conta que a experiência iniciou-se com apenas quatro salas laboratórios e que mais tarde, todos os outros professores passaram a exigir espaços próprios para suas disciplinas. Assim, para cada disciplina montou-se uma sala organizada para receber os alunos de todas as séries da escola. Estas salas também começaram a ser usadas fora do horário das aulas para outras atividades, as chamadas “oficinas extraclasse”.¹²

Dentre as vantagens citadas pelos professores envolvidos destacam-se:

¹² Programa de Atividades Alternativas e Complementares, criado em 1989 pela Secretaria Municipal da Educação de Porto Alegre e implantado em todas as escolas de sua rede, visando ao enriquecimento do currículo, já que pode oferecer ao aluno do ensino público uma série de cursos e programas de lazer.

a) *A iniciativa é excelente, pois temos melhores condições para criar um ambiente que facilita a aprendizagem.* b) *Aqui tenho a oportunidade de priorizar a cultura, uma coisa inovadora em relação à linha das outras escolas, que são muito tradicionais.* c) *Diminui em 90% o papo furado durante as aulas e entre uma aula e outra.* d) *Antes perdíamos de 5 a 10 minutos nas trocas de aulas; hoje gastamos, no máximo, dois minutos.* (p.43)

Apesar dos elogios à implantação destas salas laboratório, o artigo também aborda as limitações e as dificuldades, que passam pelo entendimento destes espaços pelos professores de outros turnos que não as utilizam como sala-ambiente, além de todo o trabalho físico a que essa iniciativa predispõe. Outra dificuldade citada é o choque entre dois professores da mesma matéria tendo que usar a mesma sala-ambiente, o que foi solucionado através de mudanças no horário dos professores.

Dentro do mesmo texto, outra experiência iniciada em 1991, agora em Minas Gerais, é narrada por Rosângela Guerra. A experiência foi desenvolvida na Escola Municipal Professora Isaura Santos, de Belo Horizonte-MG. Da mesma forma das salas laboratórios de Porto Alegre, esta escola criou as salas-ambiente, que também são muito elogiadas pelos professores. Segundo eles, as salas-ambiente permitem (...) *que professores e alunos aproveitem melhor o tempo de aula, num espaço propício para a criação conjunta. (...) facilita o trabalho do professor já que todo o seu material fica reunido num mesmo local, (...) ajudam a melhorar a questão disciplinar (...)* (p.44). Apesar da avaliação positiva, os professores também citam as dificuldades enfrentadas no processo de implantação das salas-ambiente numa escola de grande porte: a falta de salas que acomodem todos os professores, em todas as aulas, em salas específicas; o problema de carga horária regulamentada, que impede a distribuição das aulas de forma mais adequada; a dificuldade inicial para alunos aprenderem o novo esquema de movimentação no espaço escolar.

O artigo escrito por Penin (1997) traz para a esfera acadêmica a discussão das salas-ambiente. A autora defende que não só os professores de Português e de Ciências, como já era costume em algumas escolas há tempo, tenham salas especiais, mas todos, de todas as disciplinas. Assim, pede a transformação das salas de leitura e os laboratórios já existentes em muitas escolas num espaço não mais da escola, mas do professor. Para defender sua posição, Penin argumenta em dois níveis: no físico e no social.

Para ela, (...) *planejar um ambiente de conhecimento que convoque as pessoas à aprendizagem e ao prazer na busca de novos saberes é tarefa dos profissionais do ensino* (p. 20 e 21). No plano físico, Penin traz vários argumentos em defesa desta proposta. Nós os apresentamos, literalmente, segundo alguns tópicos:

a) as salas de leitura e os laboratórios são espaços planejados para estimular a aprendizagem e facilitar o ensino; b) os materiais que os professores precisam estão à mão e os alunos podem observar e manipular objetos, estimulando-se com essas ações e sentindo o prazer de aprender; c) A vivência cotidiana num ambiente rico em materiais convidativos ao conhecimento, além de propiciar ao aluno a aprendizagem planejada pelo professor, ainda possibilita a sua auto-estimulação pela exposição aos objetos presentes, levando-o a visitar e/ou pesquisar por conta própria assuntos dos quais passou a gostar; d) Trabalhar numa única sala facilita as condições de trabalho do professor, que pode manter seus materiais didáticos num mesmo local, evitando que os transporte pelas diferentes salas de aula; e) Os alunos viverão um espaço privilegiado de uma sala-ambiente, não por algumas poucas aulas do mês, mas diariamente. (...) a exposição a imagens e a outros estímulos intencionalmente organizados faculta a cada aluno examinar um assunto mais atentamente e voltar a ele em outra ocasião; f) (...) uma sala-ambiente, com diferentes materiais e produções expostos, ainda tem a vantagem de tornar mais bonita e alegre uma classe. Num mundo onde a imagem toma cada vez mais importância, não podemos nos conformar com um ambiente de estudo branco ou cinza como muitas salas ainda o são. (Penin, 1997, p.21).

No plano social, a autora argumenta que *esse ambiente influi no clima da aula, na disponibilidade das pessoas para a aprendizagem, para o trabalho comum e na qualidade dos resultados alcançados*, pois a disposição das carteiras na sala pode ser mudada de acordo com o tipo de aula, permitindo a interação do professor com a classe. Quebra-se, assim, a velha relação triádica entre professor, aluno e conteúdo, criando uma relação dinâmica e múltipla, se pensarmos na presença singular de cada aluno neste ambiente. Além disso, permite múltiplas manifestações de inteligência através da diversidade de materiais e das possibilidades variadas de agrupamentos na sala de aula. Para a autora, multiplicar e enriquecer os ambientes são a idéia presente na sua concepção de sala-ambiente.

A iniciativa do Governo Estadual de propor a implantação de salas-ambiente na rede estadual pode ter nascido das experiências de outros Estados, como essas, citadas no artigo da revista Nova Escola. Para iniciar o processo de implantação das salas-ambiente, o Governo Estadual lançou um documento esclarecendo o que é, como organizar, como equipar, como utilizar este espaço. Fez isso através de um site da Secretaria da Educação, www.educacao.sp.gov.br, do qual tomamos conhecimento, em setembro de 2000.

Em 2000, o governo estadual organizou outro site: www.lendoeaprendendo.sp.gov.br para que os professores, tanto da rede estadual como das redes municipais de ensino do Estado de São Paulo, pudessem encaminhar a escolha dos livros didáticos e das obras de ficção e de não ficção dentro do PNLD/SP. Neste espaço de comunicação, reservado aos professores, foi novamente disponibilizado este conjunto de orientações, elaborados por especialistas da CENP (Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas) da Secretaria da Educação, para ampliar a discussão sobre a sala-ambiente.

Este documento aposta na capacidade criativa do professor que, em sua ação *mediadora entre o aluno e o conhecimento, encontrará nas possibilidades oferecidas pelas salas-ambiente, um elemento facilitador e enriquecedor do trabalho escolar, que levará ao desenvolvimento de uma nova forma de ensinar e aprender* (p.1). Para isso, sugere ao professor uma mudança de postura, baseada numa nova concepção que se distancie *da chamada pedagogia tradicional que defende a transmissão dos conteúdos por parte de um professor que tudo sabe e nada tem a aprender, para um aluno passivo, que nada sabe* (p. 1-2). Sugere adoção de uma concepção pedagógica, baseada na idéia de que cabe ao professor *estimular o aluno a pensar ativa, crítica e autonomamente, atuando como mediador entre o aluno e o conhecimento* (p.2).

Esses novos conceitos são resultantes das mais recentes discussões sobre como se dá o processo ensino-aprendizagem e as quais se apoiam numa *forma de olhar para a construção do conhecimento humano, que se impõe no mundo atual, em acelerada transformação* (p.2).

Propõe-se, enfim, uma nova concepção baseada na idéia de que, nestes ambientes, aprendem professores e alunos e que a mudança da prática do professor só será possível através da reflexão que este fizer sobre seu trabalho neste ambiente novo e cheio de possibilidades.

Trata-se, enfim, da criação de ambientes mais favoráveis à construção do conhecimento, orientada por uma proposta pedagógica de interação, que inclui trocas afetivas, formação de hábitos e respeito mútuo. São os professores e os alunos que, decidindo em conjunto, poderão planejar a montagem da sala-ambiente e dos 'cantos', não só a disposição dos materiais e mobiliário, mas também a prática docente e discente, mudando-a para melhor. (p. 3).

Embora o enfoque do documento esteja na formação de salas-ambiente para as primeiras séries do ensino fundamental, há sugestões também para a implantação nas outras séries do ensino fundamental e para o ensino médio.

O documento ainda conceitua as salas-ambiente como salas nas *quais os recursos didático-pedagógicos (...) criam vida*, permitindo ao professor dar maior vazão à sua criatividade, dinamizar seu trabalho e enriquecer as atividades de ensino-aprendizagem (...), tornando esse processo muito mais prazeroso e eficaz (p. 3). Ao aluno, a sala permite sua interação com uma maior diversidade de recursos/materiais pedagógicos que lhe permitem ter mais condições de estabelecer uma relação entre o conhecimento escolar e sua vida no mundo.

Das vantagens da criação e utilização de salas-ambiente, o documento elenca que este espaço permite:

- agregar materiais, muitas vezes dispersos na escola, cujo uso conjugado permite enriquecer o trabalho docente;
- montar situações concretas concernentes a cortes da realidade efetiva;
- criar espaços e construir situações que permitem a participação diversificada do educando em seu processo de construção do conhecimento;
- criar um espaço propício para a troca de experiências e exploração de vivências;
- criar condições para a estimulação da observação e da criatividade.

Enfim, é o espaço da construção coletiva do conhecimento.

Sobre a composição e organização destas salas-ambiente, o documento sugere que sejam espaços flexíveis e que possam ser adequados a situações específicas e diversificadas, para: facilitar o acesso por parte dos alunos ao material; e facilitar as condições de reconhecimento do material adequado a cada situação, pelo aluno e pelo

professor. A sala-ambiente deve dispor de um *mobiliário mínimo, para a guarda e conservação dos materiais, como armários e/ou arquivos, e/ou caixas (...) além de carteiras, lousa, quadros de avisos*. Os materiais que devem compor esta sala são os *materiais e recursos didático-pedagógicos (...) produzidos pelos próprios alunos e professores e os adquiridos pela escola como: a) livros didáticos, paradidáticos, livros de literatura infantil, juvenil, revistas, jornais; b) jogos, equipamentos e instrumentos, discos, CDs, equipamentos para atividades experimentais, instrumentos musicais etc.* (p.4).

Apesar de propor a organização das salas-ambiente com livros e outros materiais didáticos, o documento frisa que *a biblioteca continua sendo um local para consulta, pesquisa e estudo; um ambiente de aprendizagem* (p.7). Ela seria mais um ambiente de aprendizagem para complemento de pesquisas feitas na sala-ambiente.

Nossa experiência mostrou que a transformação da biblioteca, ou melhor, a divisão do acervo da nossa antiga biblioteca pelas várias estantes das diferentes salas-ambiente acabou por suprimir um espaço de leitura e de aprendizagem da escola – a Biblioteca - que não pode ser confundido plenamente com a sala de aula. Embora a biblioteca que tínhamos estivesse sem organização e não dinamizada por falta de profissional destinado para isso, o seu espaço físico ficou perdido, e há, hoje, críticas a essa perda. Há também outros inconvenientes que levam, muitas vezes, alguns professores e alunos a confundirem o espaço da sala-ambiente de Língua Portuguesa com o espaço da biblioteca, devido ao tamanho de seu acervo. As aulas de Português, muitas vezes, são interrompidas para a busca de algum livro, por parte dos alunos de outros professores e salas.

Para a organização, especificamente da sala-ambiente de Português, o documento recomenda que: *ela seja organizada para que a leitura e a escrita possam acontecer de forma significativa, ou seja, o trabalho com a língua materna deve garantir a função social do texto* (p. 8). A sala-ambiente de Português deve

ter uma ampla variedade de materiais de leitura: textos de literatura infantil ou infanto-juvenil, literatura clássica, livros paradidáticos, poemas, jornais, revistas (Veja, Superinteressante e outras) gibis, panfletos, dicionários, guias, cartazes, quadro de avisos, murais, mapas históricos e geográficos. Além desses, os jogos estruturados e os confeccionados pelos alunos e professores,

filmes, vídeo, TV, slides, aparelho de som, CDs com diversos tipos de músicas, fantasias ou vestuários e adereços para a caracterização de personagens, fantoches de mão e de dedos, máscaras etc.(p. 9).

Quanto à organização, o documento sugere que o material seja

organizado por gênero ou assunto, ficando acessível aos alunos, de maneira que possam manuseá-lo e lê-lo sempre que sentirem necessidade, assim como durante horário destinado à leitura, escrita e aos jogos. Sugere-se que o professor monte o canto do jornal, dos gibis, das revistas, dos livros de literatura, dos filmes, dos CDs, das fantasias, das sucatas, dos textos elaborados pelos alunos, das gravuras e, também, reserve um espaço na parede para o mural.(...) As regras para o uso dos materiais devem ser combinadas com os alunos (os jogos, revistas gibis e outros), cuidando-se para que o ambiente fique agradável e atenda aos seus propósitos (p. 9).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, outro documento oficial, agora do Governo Federal, publicado em 1998, a proposta de sala-ambiente não está desenvolvida. No entanto aponta-se para a idéia de que: *Formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, principalmente em relação ao uso que se faz deles nas práticas de leitura* (p. 71). Entre as condições sugeridas, delineiam-se idéias de uma biblioteca e uma sala de aula equipada:

a) A escola deve dispor de uma biblioteca em que sejam colocados à disposição dos alunos, inclusive para empréstimo, textos de gêneros variados, materiais de consulta nas diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas, entre outros. b) É desejável que as salas de aula disponham de um acervo de livros e de outros materiais de leitura. Mais do que a quantidade, nesse caso, o importante é a variedade que permitirá a diversificação de situações de leitura por parte dos alunos (p.71).

Das experiências narradas pelos professores de Porto Alegre e Belo Horizonte, das reflexões feitas por Penin (1997) e dos documentos oficiais dos Governos Estadual e Federal sobre a idéia de sala-ambiente, emergem imagens de um novo professor, um novo aluno e uma nova concepção de ensino-aprendizagem.

A sala de aula fortalece-se como espaço do professor, que ali pode reunir, fixar e dispor seu material de trabalho, de modo a planejar o melhor ambiente de conhecimento para sua disciplina. Um professor que ganha melhores condições de trabalho e que atua não como transmissor, mas como mediador na produção de conhecimento.

O conhecimento a ser buscado com este ambiente apresenta-se como flexível, através da produção conjunta e compartilhada, fruto de negociações entre alunos, entre estes e o professor e entre estes e os materiais existentes no próprio ambiente. Além disso, um conhecimento que, embora disciplinar, articula-se com a cultura, com o ambiente extra-escolar.

Destas três diferentes reflexões, a sala-ambiente emerge como um espaço enriquecido, dinâmico, alegre, bonito, estimulante, convidativo, que propicia trocas, inclusive as afetivas.

COMO AS IDÉIAS SE TRANSFORMAM: AS DIFICULDADES NA IMPLANTAÇÃO DESTE NOVO SISTEMA

As “cores” com as quais foi “pintada” a nossa sala-ambiente de Língua Portuguesa dão-lhe uma tal vivacidade, que ela quase cria pernas, asas, sussurros, vozes até, como as montanhas e lagos e rios na mitologia dos povos primitivos, ou mesmo na mitologia greco-romana. Mas a sua arquitetura e utilização são “quase” um oásis dentro da escola em que ela se localiza. Há problemas, há contradições no processo de implantação e de enraizamento dessas idéias e desse lugar no espaço escolar marcado por visões e posições conflitantes por práticas cristalizadas, etc.

No calor de fevereiro, no período destinado ao planejamento anual de 1998, os professores efetivos da escola estavam em número reduzidíssimo. Éramos apenas três. Impossibilitados de planejar efetivamente as atividades do ano letivo, nos dispusemos a realizar outra tarefa na escola. A grande parte dos professores que fazia parte do corpo docente daquele ano ainda estava escolhendo aulas na Diretoria de Ensino e só apareceriam na escola uma semana depois.

A direção da escola chamou-nos e disse que o governo “exigira” a transformação das salas de aula em salas-ambiente. Verificando, mais tarde, essa informação, percebemos que o Governo Estadual havia sugerido que as escolas, na medida do possível, transformassem suas salas de aula comuns em salas-ambiente. Por que uma sugestão do Governo Estadual se transformou em exigência?

Nós, professores, diretores e funcionários das escolas da rede estadual, não somos consumidores passivos das instruções vindas dos órgãos centralizadores do sistema de ensino. Por isso, no processo de assimilação destas propostas, no nosso cotidiano escolar, não nos “tornamos semelhantes” àquilo que absorvemos, mas “apropriamo-nos” de idéias, propostas, prescrições (Certeau: 1994).

Esta apropriação envolve, não só a nossa percepção da proposta, como também a nossa disposição para pôr em prática as ordens recebidas. Por isso a forma como demos nosso primeiro passo para a implantação das salas-ambiente na escola e como fomos modificando esse primeiro passo dado, é permeada de criatividade e de desvios.

Dentro da distinção que Certeau (1994) faz entre “estratégias” e “táticas”, podemos compreender como as idéias se transformaram ao enraizar-se no cotidiano da escola. Para o autor, as estratégias são *ações que graças ao postulado de um lugar de poder (...) elabora lugares teóricos, capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem. As estratégias tecnocratas visam criar lugares segundo modelos abstratos (...) que produzem, mapeam e impõem* (Certeau: 1999: 99). Assim, podemos considerar a recomendação da Secretaria da Educação referente à implantação de salas-ambiente na rede estadual de ensino do Estado de São Paulo como uma “estratégia” de controle pelo poder, que busca numa abstração, empreender mudanças no ensino. Já a tática (as nossas ações) *cria para si um espaço de jogo, uma maneira de utilizar a ordem imposta do lugar ou da língua. Sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõe uma lei, ele aí instaura pluralidade e criatividade. Por uma arte de intermediação, ele tira daí efeitos imprevisos. (...) Vai à caça* (Certeau: 1994:100). Peregrina-se por um sistema imposto e é nessa peregrinação que aparecem os desvios das “ordens” recebidas.

Não há a passividade da recepção de ordens, ou mesmo recomendações do poder público. E é na perspectiva de uma *apropriação, no sentido de fazer algo com o que se recebe (...) no sentido da pluralidade de usos, da multiplicidade de interpretações, da diversidade de compreensão dos textos e na perspectiva de “que a apropriação tem seus recursos e suas práticas, e que uns e outros dependem da identidade sócio-histórica de cada comunidade* (Chartier :2001:116) que compreendemos o processo de implantação das salas-ambiente em nossa escola.

Assim, podemos entender como um primeiro “desvio”, a apropriação de uma recomendação como ordem, pela direção da escola. Em primeiro lugar, entendemos a forma como foi recebida a sugestão que se transformou em ordem. Para algumas pessoas, toda fala vinda dos superiores é sempre uma ordem incontestável. E toda fala de um superior para seus “comandados” deve ser uma ordem. Em segundo lugar, a ação inicia-se imediatamente, sem a busca, sem a pesquisa dos instrumentos de colaboração que a sugestão governamental trazia consigo, sem reflexão. Nesta mesma época, além da sugestão da criação das salas-ambiente nas escolas da rede, o Governo Estadual, através da Secretaria da Educação, disponibilizava, pela internet e através de material impresso enviado a todas as escolas da rede, material explicando o que era e como poderia ser criada

uma sala-ambiente. Estas informações não chegaram até nós, professores. Apenas chegou a informação da “exigência” da criação das salas-ambiente.

Inicialmente, a ordem foi dada cegamente, mas encontrou terreno propício. Nós, professores, também seguimos a ordem, sem questionar, porém com uma diferença: nós já havíamos ouvido falar de experiências positivas do uso de salas-ambiente em outros estados do país e até de experiências deste tipo desenvolvidas em Cuba, há mais de uma década. Assim, acreditávamos que a experiência seria algo interessante, e, mesmo sem muita informação de como fazer, fomos “inventando” as nossas salas-ambiente.

As propostas criadas no âmbito central da Secretaria da Educação, ao chegarem às unidades escolares também sofrem uma ação da comunidade que as transforma e as adapta à sua realidade, inventando outra coisa, destacando-a de sua origem, combinando seus fragmentos, criando algo não-sabido, novo, a partir da proposta inicial.

No início do processo, a transformação destas salas começou a ser feita apenas com as noções genéricas que nós professores tínhamos do que poderia ser uma sala-ambiente, já que a diretora muito pouco opinou sobre essa criação, deixando quase tudo em “nossas mãos”. A única sugestão feita por ela foi a da separação do acervo de livros existente na antiga biblioteca da escola, local onde ficaria a sala de Português, de acordo com as diversas disciplinas do currículo escolar, que mais tarde, estando separado, deveria ser encaminhado a cada sala-ambiente correspondente a cada disciplina. Para ela, talvez, bastasse um conjunto de livros específicos para criar as salas-ambiente. Mais tarde, nós pudemos perceber toda a mudança de postura que a criação destes ambientes exigia, não só do professor, como também de toda a equipe escolar.

O nosso primeiro movimento, portanto, foi o de separar esse acervo em grupos de livros que se referiam a determinadas áreas e encaminhá-los para as respectivas salas-ambiente recém criadas. Inicialmente, as 13 salas da escola foram distribuídas: 2 para Língua Portuguesa, 2 para Matemática, 3 para Geografia e História, 1 para Física, 1 para Biologia, 1 para Química, 1 para Artes, 1 para Inglês e 1 para vídeo e materiais de laboratório de ciências. Os acertos nos horários de aulas dos professores foram feitos de maneira a acolher cada professor na respectiva sala-ambiente de sua disciplina, organização que, com o tempo, foi se perdendo.

O ano letivo começou efetivamente e cada professor levou para suas respectivas salas parte do acervo que lhe cabia. Armários foram distribuídos de acordo com as necessidades. Nessa época, a escola tinha duas TVs e dois vídeos, um permaneceu na sala de Português e o outro na sala de vídeo e reuniões que já existia. Dos três retroprojetores, um ficou na sala de Educação Artística, o outro na sala de vídeo e o outro ficava disponível para todas as outras salas. Esse foi nosso primeiro e “possível” entendimento do que seriam salas-ambiente na escola. A biblioteca, como já apresentamos, era apenas um acervo desordenado de livros que muito pouco era usado pelos alunos de forma dinâmica. Resolvemos, então, transportá-lo para o que acreditávamos que seria o dinamismo da sala de aula, acessível aos alunos.

Em 2000, entramos em contato com o material da Secretaria da Educação disponível na internet (site: www.educacao.sp.gov.br) e pudemos constatar que aquele primeiro esforço que fizemos para implantar as salas-ambiente na nossa escola ia, em parte, ao encontro do que se propunha para a sua composição e organização.

Uma parte destas propostas foi incorporada por nós, mesmo porque os materiais nela implicados estavam disponíveis na escola, mesmo que precariamente: livros didáticos, livros paradidáticos, armários, lousa, quadros de avisos, revistas, jornais, jogos, alguns equipamentos. É evidente que quanto aos equipamentos, tanto na quantidade, como na conservação, muitos deixavam a desejar, limitando o seu uso para poucos professores.

Com essa decisão tomada pela escola de transformar salas de aula comuns em salas-ambiente, os integrantes do Projeto Fapesp, já em andamento na escola desde o final de 1996, passaram a incorporar em suas pesquisas a invenção destes ambientes. Nós, do subprojeto de Língua Portuguesa, que iniciávamos nossa pesquisa, adotamos a idéia como impulsionadora de nossas propostas e questionamentos na busca da formação do leitor na escola.

Desta forma, os professores integrantes de cada subprojeto (Português, Física, História, Educação Artística, Ciências, Biologia e Química) passaram a interferir diretamente nas decisões e ações da construção desses espaços, na sua idealização, na sua organização e na compra de equipamento e materiais para compor as diferentes salas. Essa ação do projeto de pesquisa na composição destas salas-ambiente acabou permitindo novos

desvios e muita criatividade para o processo; e algumas conseqüências, umas, materiais e outras de uso.

Em primeiro lugar, somente as salas ocupadas por integrantes do projeto foram equipadas melhor, pois de todas as áreas do currículo, apenas Português, História, Biologia, Química, Ciências e Educação Artística faziam parte do projeto de pesquisa acima citado. Com as verbas que cada subprojeto recebeu, as salas envolvidas foram sendo mais bem equipadas com cortinas, mesas, cadeiras, TV, aparelho de som, tela de projeção, arquivos, livros e outros materiais de consumo.

Uma sala para Português foi inicialmente a mais bem equipada. Uma sala para Física foi montada com sofisticados materiais para formar o laboratório específico para o ensino desta matéria, porém nada de mesas especiais para acolher equipamentos delicados, apenas um conjunto de velhas escrivaninhas maltratadas pelo uso. A sala de vídeo, que já possuía televisão e retroprojeter, ganhou um conjunto de mesas e cadeiras para acolher quatro alunos em cada uma, uma tela de retroprojeter e persianas para barrar a entrada de luz. Nesta sala também se encontram materiais específicos para o ensino de Ciências.

Uma sala de Educação Artística foi organizada, com mesas grandes com tampo de ardósia e cadeiras, além de armários, retroprojeter e tela de projeção. Uma sala para História também recebeu, mais tarde, um aparelho de TV, tela de projeção, mapas e quadros nas paredes. Uma sala para Ciências, além dos livros, as carteiras e armários, tinha aquário, plantas.

Quanto às outras cinco salas da escola apenas continuaram com suas velhas e estragadas escrivaninhas, velhos armários doados pela Unicamp, um acervo de livros constituídos não só pelo antigo acervo da escola como também pelos novos livros enviados pelos programas de distribuição feitos pelos governos estadual e federal. Nada de TV, nada de aparelho de som, nada de tela de projeção, nada de cortinas especiais. Alguns professores, não participantes do projeto, se envolveram com o projeto de salas-ambiente e foram fazendo, apesar das adversidades, mudanças em suas salas, enfeitando as paredes, alterando a organização das carteiras, visivelmente, influenciados pela organização das salas melhor equipadas.

Em segundo lugar, como nem todos os professores da escola faziam parte do projeto, com algumas exceções, somente os professores que dele participavam (recebendo

inclusive bolsa de estudos) organizaram e equiparam os nossos espaços, com a ajuda financeira que o projeto propiciava, e passaram a cuidar da sala-ambiente, zelando por sua limpeza e ordem do material nela existente. Embora o documento disponível no site da Secretaria da Educação cite muitas vantagens deste tipo de sala de aula, não há nele um item enfatizando a necessidade do cuidado que uma sala deste tipo exige de quem a utiliza. Fica apenas implícito isso. A percepção da necessidade deste cuidado indispensável para o bom funcionamento destas salas somente é possível para quem participa efetivamente de sua construção. Os professores que não participaram do projeto de pesquisa, salvas as exceções, ficaram à margem deste processo e não conseguiram perceber que o professor é um elemento que passa a fazer parte do ambiente, inventando-o e cuidando dele todo momento. Não eram raras as reclamações sobre salas maltratadas pelo mau uso: pichadas, com os livros desorganizados nas estantes, cortinas rasgadas. E os professores começaram a disputar as salas mais bem organizadas, achando-se no direito de ocupar uma sala limpa e organizada, mas muitas vezes não tinham consciência do trabalho que tínhamos para deixá-las assim.

Em terceiro lugar, a utilização pedagógica destas salas também variou bastante de professor para professor. Durante os anos do projeto, os professores envolvidos nos subprojetos da Fapesp, mais orientados pelo grupo da universidade, faziam uso da sala de forma mais dinâmica, utilizando-a regularmente e colocando em movimento os materiais acessíveis aos alunos. Outros professores, que não participavam diretamente do Projeto, procuravam, influenciados pelos colegas fazer o mesmo. Outros, como já vimos, nem entender a sala-ambiente. Utilizaram as salas que lhes couberam como salas comuns. Muitas vezes, nem tiveram acesso às salas específicas de suas áreas, ficando à margem desta organização, sem compreendê-la e sem fazer o uso esperado.

Atualmente (2003), são poucos os professores que realmente utilizam a sala-ambiente como propõe o documento da Secretaria e da forma como esse uso foi idealizado por aquele pequeno grupo de professores da escola. A maioria dos professores que participou do projeto Fapesp já não está mais na escola, apenas os mais envolvidos com sua atuação como professores acabam fazendo algum uso mais dinâmico do material existente nas salas-ambiente, mesmo nas salas mais equipadas com livros, TV e telas de retroprojetores.

Utilizar esses espaços de forma tradicional não é o maior problema, perto da destruição que muitas salas sofrem: perde-se material, danifica-se o mobiliário, etc. Não existe na escola uma política de educação do professor para isso, que nesse sistema seria o grande colaborador da criação e manutenção desses espaços. Muitos deles são professores “eventuais”, que muitas vezes não conseguem controlar os alunos e nem cuidar do material e mobiliário das salas. Da parte da escola também não há muito esforço direcionado para uma política de orientação dos novos professores quanto ao uso e conservação destes espaços.

Essa falta de compromisso do professor e do aluno com os materiais da escola pode ser resultante de um processo de transformação do espaço escolar num lugar passageiro para alguns professores que não se fixam nela através de laços empregatícios mais duradouros. O mundo que nos cerca é todo descartável. E na escola, as carteiras, as mesas, todo o mobiliário é feito de material frágil e inadequado, feito para durar pouco, para ser substituído. Mesmo com cuidado, eles se quebram com poucos meses de uso. Como as folhas dos cadernos são descartadas do espiral com um leve puxão, as carteiras são quebradas, as paredes são pichadas, as folhas dos livros são rabiscadas e rasgadas.

Assim, é difícil para o professor, que apenas eventualmente entra numa sala-ambiente, sentir que a sua organização e o seu mobiliário são de sua responsabilidade nos momentos que se utiliza dela para ministrar suas aulas; é difícil para ele conseguir cumplicidade com o aluno no cuidado com os materiais da sala-ambiente, se ele mesmo não tem intimidade com ela.

Percebem-se, então, algumas contradições no processo de implantação dessas salas pelo governo estadual, que não estão apenas ligadas à falta de verbas e despreparo de professores, diretores e funcionários da escola, mas, sobretudo naquilo que escapa ao controle dos idealizadores e que estão ligados mais à maneira pela qual uma dada comunidade escolar faz uso desta idéia. O órgão governamental propõe a mudança, disponibiliza material, dá instruções; os professores podem ou não ficar sabendo, e se ficam informados têm as suas necessidades, seus desejos, que também entram em jogo modificando-se assim a proposta inicial.

Mesmo numa escola em que a implantação das salas-ambiente teve um certo sucesso, como é o caso de nossa escola, há outras contradições que se interpõem no

processo. Se a comunidade consegue idealizar um projeto, ele funciona? Se ele funciona, consegue se manter por muito tempo? O que impede esse funcionamento? Sabemos de casos de algumas escolas que, depois de um período muito curto de implantação das salas-ambiente, retornaram ao antigo modelo, tantas as dificuldades que encontraram.

Além das contradições específicas da nossa experiência, existem as que a própria estrutura e organização da escola pública propiciam. Já no documento oficial (site: www.educacao.sp.gov.br) sobre a implantação das salas-ambiente, fica claro que o Estado propõe, dá sugestões, *apostando na criatividade dos profissionais de cada escola no desenvolvimento do trabalho coletivo que certamente construirá a escola paulista de alma e cara novas*. (p. 3), ou pede para o professor *abrir mão* de vantagens na hora da escolha de sua carga horária de trabalho, concentrando suas aulas em um único período (p.2), esquecendo, porém, que a maioria dos professores trabalha em mais de uma escola, e que no processo de escolha de aulas divide-se excessivamente os blocos de aulas entre vários professores. Dessa forma, não é suficiente apenas apostar na boa vontade e na criatividade dos professores, dos diretores e dos coordenadores pedagógicos.

Para saber melhor a opinião dos professores desta escola sobre o uso destes ambientes como sala de aula, realizamos uma pequena pesquisa, no final de 2001¹³, e pudemos constatar que os fatores apontados pelos professores que dificultam a implantação e o uso modificado desses espaços no interior da escola são:

- A falta de espaços – No entendimento dos professores, uma escola, para funcionar com salas-ambiente, não pode ter o mesmo número de salas que o número de turmas. Ela deve possuir algumas salas extras que em alguns horários não serão usadas, pelo menos para o fim a que se propõem. Às vezes há mais professores de uma disciplina dando aulas no mesmo horário, o que dificulta o uso da mesma sala-ambiente. Dos 29 professores entrevistados, apenas 18 disseram usar as salas de sua disciplina em todas as suas aulas. Quanto aos demais, o uso é esporádico ou inexistente. A política de atribuição de aulas, muitas vezes, é responsável pela contratação de três professores diferentes para apenas seis aulas da mesma disciplina. Cada professor com duas aulas

¹³ Essa pesquisa foi feita em outubro de 2001, através de um questionário que deveria ser respondido por 50 professores que atuavam na escola na época, mas que por várias dificuldades, foi respondido por apenas 29 professores.

de Inglês, por exemplo. Dessa forma, fica muito difícil acomodá-los nas respectivas salas-ambiente.

- A distância entre as salas – À inexistência de espaços suficientes, soma-se a “geografia dos prédios”. A locomoção dos alunos de uma sala à outra é difícil, atrapalhada pelas distâncias, escadas, espaços não cobertos, etc.
- A lógica da organização do horário - Outro ponto de dificuldade se refere à carga excessiva de trabalho dos professores. Esta condição não permite a organização das aulas obedecendo à lógica do uso destas salas e sim ao interesse particular dos professores, que dão aulas em várias escolas. Portanto, a distribuição das aulas fica amarrada a interesses particulares de cada professor e não a propósitos educacionais.
- A falta de espaço na sala – A falta de espaço nas próprias salas para o professor guardar o seu material didático pessoal é também um problema. A pesquisa mostrou que 19 dos professores entrevistados tinham espaços em armários para seu material, restando 11 deles sem esse espaço e que precisavam recorrer à sala dos professores.
- A falta de preparo e de engajamento dos professores - Em nosso entendimento esse é o aspecto mais difícil de ser sanado: a falta de preparo dos próprios professores, que não sabem bem como lançar mão de um espaço e seus equipamentos diversos de maneira a modificar sua prática educacional. É interessante salientar que muitos professores não sabem ainda que o espaço da sala-ambiente, que anteriormente era da quinta série A, no período da manhã e da sétima B no período da tarde, agora passou a ser a sua sala, que ele compartilha com outros professores da mesma disciplina. E que, portanto, cabe a esses professores, em conjunto, cuidar, zelar pela sala, pelo patrimônio contido nela, pela arrumação, pelo embelezamento, pela seleção de materiais didáticos, e até pela limpeza mais fina do lugar. Essa dificuldade de preparo e de engajamento dos professores para a adequada utilização das salas-ambiente é ainda mais reforçada pelo abandono a que os professores são submetidos na escola, não só pela direção, como também pela coordenação e funcionários da manutenção.

Um exemplo bastante marcante em nossa experiência é o caso da disciplina de Física. Quando a Fapesp financiou a pesquisa em nossa escola, o subprojeto de Física comprou um conjunto de material didático bem sofisticado, que custou na época R\$ 15.000,00 e que está guardado em armários na sala-ambiente de Física. Na época, o

professor envolvido no subprojeto de Física participou da pesquisa em que um laboratório seria um instrumento importante para a produção de conhecimento nesta disciplina. Essa idéia do laboratório como colaborador no processo de aprendizagem ficou perdida. A cada início de ano letivo, troca-se o professor de Física. A escola não tem uma política de engajamento de diretores e coordenadores nas questões mais ligadas à pedagogia, isto é, dificilmente um professor novo na escola é recebido pelo coordenador da escola com instruções ou mesmo informações sobre o projeto político-pedagógico daquela unidade, sobre o funcionamento das salas-ambiente, ou mesmo sobre pequenos projetos que ali se desenvolvem. Essa troca constante de professores e esse desencontro do presente com as propostas passadas de construção das salas-ambiente trazem algumas conseqüências para a continuidade do trabalho de implantação e uso destas salas.

Os questionários também revelaram isso; dos três professores que afirmaram nunca utilizar material didático disponível na sala, um deles era professor de Física. Este professor ainda acrescentou em suas respostas *que o uso da sala-ambiente só é possível com salas equipadas*, revelando-nos que ele não tinha sequer conhecimento da existência deste material bem sofisticado na escola, guardado em armários na sala-ambiente de Física. Assim, esta contradição salta-nos aos olhos e nos traz certa angústia: os coordenadores não conseguem nem informar os novos professores da existência de material riquíssimo para o ensino específico de uma matéria do currículo, possivelmente porque nem eles têm esse conhecimento.

É comum ouvir na sala dos professores frases como estas: *Sala-ambiente só traz problemas e não serve para nada. Fica essa bagunça de vai-e-vem de alunos, essa gritaria*. Algumas colocações são até irônicas, como a de um professor que em meio à discussão sobre a validade ou não das salas-ambiente como recurso pedagógico, afirmou, mesmo com o pouco uso que faz da sala como recurso: *Se me tirarem da sala-ambiente eu não conseguirei mais dar aulas*.

Estas falas, no entanto, não são da maioria. A pesquisa mostrou que 93% dos professores desta escola que responderam ao questionário e que representam praticamente a metade do corpo docente usual, pensa que a sala-ambiente é a forma mais adequada de se efetivar o ensino. Apenas dois deles disseram ser mais interessante voltar à forma tradicional. Isso revela que, apesar das reclamações de dificuldade de acesso à sala da

disciplina específica, da falta de material didático, da movimentação dos alunos e do abandono do professor pelo diretor e coordenador, os professores conseguem enxergar as possibilidades e as vantagens da sala-ambiente no processo educacional. Talvez como um ideal a ser alcançado.

PAUSA: MUDANDO O RUMO DA PESQUISA

Um acervo foi dividido em vários outros menores que foram distribuídos em diversas salas-ambiente da escola. Nasceu uma bela e atraente sala-ambiente para abrigar o ensino da leitura e da literatura, no entanto a perda do espaço da biblioteca, como mais um lugar reservado para a leitura, foi registrada nas manifestações de alunos e professores e em nós mesmas, através da dificuldade nossa de atender aos inúmeros pedidos de busca de títulos, durante as aulas, por alunos de outras séries que não tinham acesso a esta sala-ambiente.

Essa sensação de perda, associada à intimidade que desenvolvemos com o acervo devido à proximidade com os livros, no nosso cotidiano das aulas de Português, desencadeou em nós outros questionamentos que acabaram nos desviando da nossa proposta inicial. Que espaço era esse que ficou perdido? Como ele tinha sido criado? Quem foram as pessoas envolvidas na sua criação? Que livros eram aqueles que ocupavam nossas estantes? Essas foram algumas perguntas que surgiram.

Assim, esta pesquisa muda seu rumo. Deixa de lado o processo de utilização da sala-ambiente como mediadora do processo de formação do leitor, deixa de lado a descrição das atividades desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa, utilizando-se do acervo ao nosso alcance no dia-a-dia, utilizando-se de outras linguagens pictóricas ou auditivas que se juntavam ao nosso trabalho com a leitura e assume outra direção: relatar a história da escola, da biblioteca e de seus livros.



Teacher Mary Roberts is shown in a typical Monroeville classroom in the 1940s

II - A ESCOLA BARÃO GERALDO DE REZENDE (1932-2003): ENTRE AS ORIGENS E OS DESAFIOS DE EXPANSÃO

O papel preponderante da mulher, no que diz respeito à nação e à reprodução de homens e valores, a colocava como “guardiã do futuro”, responsável pela geração e criação do homem novo.¹⁴

Voltemos para o início do século XX, com a história de Dona Alzira (1897-1974), nossa primeira, e durante muitos anos única professora do distrito.

Dona Alzira era uma autêntica “guardiã do futuro”. Com apenas 17 anos partiu de sua casa para ensinar as primeiras letras às crianças na próspera fazenda Santa Genebra, antiga propriedade do barão Geraldo de Rezende. A fazenda era distante da cidade, não havia rodovia, apenas a estrada de ferro Funilense que tinha uma estação nas terras da Santa Genebra. Naquele tempo, das jovens que freqüentavam as escolas normais, poucas assumiam a missão de guardiãs: de *soldados abnegados da educação, prontas à obediência, dispostas a levar a boa palavra aonde quer que seja.*(Reis: 1993:59) A grande maioria fazia o chamado curso normal, objetivando o casamento, ou, no máximo, objetivando exercer a profissão na cidade grande. Não era o caso de Dona Alzira.

O Barão, dono da fazenda, mandara fazer uma escola, ainda no século XIX, para os imigrantes italianos e alemães analfabetos que trabalhavam em sua fazenda (Rezende: 1939)¹⁵. Foi nesta escola, que na época funcionava na residência da família Martins, da filha do barão, Amélia Rezende Martins, que Dona Alzira iniciou sua “missão”, em 1914.

Mais tarde, esses imigrantes passaram a comprar terras e formaram um pequeno núcleo urbano. As crianças que foram nascendo e crescendo nesta pequena vila também passaram a aprender suas primeiras letras, agora, numa sala grande, também nas terras da Fazenda Santa Genebra, também sob a orientação e os cuidados de Dona Alzira.

¹⁴ O termo guardiã do futuro foi utilizado por Reis (1993) em seu estudo sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho, a partir de um estudo do ensino feito em uma Escola Normal da capital. Segundo ela, o objetivo principal destas escolas era transformar moças para exercerem “a sagrada missão do magistério” extensão da “sagrada missão do lar”.

¹⁵ Esta fonte foi consultada no Centro de Memória José Roberto Amaral Lapa, da Unicamp.

Foi Dona Alzira quem improvisou uns pequenos bancos em torno de uma grande mesa para ensiná-los. A escola era um salão, sem forro, bem espaçoso, e simples. O banheiro ficava fora da escola. Era a famosa casinha. Tinha um bom quintal para jogar bola na hora do recreio.

Dona Alzira era tão dedicada, que ela mesma providenciava material escolar; fazia tudo com amor, mas era rígida, muito enérgica. Principalmente os moleques apanhavam muito da professora, que lhes batia com a régua na cabeça. Nessa época, o castigo corporal era permitido, ninguém considerava essa atitude uma espécie de desmando e sim uma forma de educar.

Naquele salão, mais ou menos 50 crianças se reuniam. Havia a primeira série A, cujos alunos nem no lápis sabiam pegar, diferentes daqueles da primeira série B que já sabiam escrever um pouco. A segunda, a terceira e a quarta série também funcionavam no mesmo salão, junto com as primeiras. Dona Alzira dava conta de todos, mas recebia ajuda dos mais adiantados, que passavam lições na lousa para os outros.

Descendente de portugueses, com seu porte altivo, alta e morena, cabelos escuros e ondulados, Dona Alzira passeava entre os alunos e fazia pequenas palestras para cada grupo que compunha sua classe. Não era de muito riso, mas exibia uma cara boa, simpática. Era muito católica e se integrava nos problemas da comunidade. A preocupação dos sitiantes, com a ausência de chuvas em outubro, a sensibilizava. Uma hora mais cedo, ela parava a aula e, em procissão, ia com os alunos até a igreja de Santa Izabel para rezar e pedir chuva. Certa vez, uma notícia pelo rádio, já em 1945, fez Dona Alzira parar mais uma vez sua aula. Agora, não para pedir chuva, mas para agradecer o fim da Guerra, e a escola toda fez mais uma procissão até a igreja.

Uma vez casada com Benedito Alves Aranha, chefe da estação da Estrada de Ferro Funilense, com suas próprias posses, mandou construir uma casa para servir de sua residência, onde também funcionava a sua escolinha, cujo prédio ela cedia ao Governo Estadual gratuitamente.

Dona Alzira, durante 34 anos, devotou sua vida às crianças e ao ensino. Deixou-nos o núcleo da primeira escola do bairro, que se transformaria em Distrito, e muita

saudade e boas lembranças no coração de duas gerações de pioneiros que formaram o núcleo urbano do, hoje, distrito de Barão Geraldo.¹⁶

A escola de Alzira era de um tempo em que havia poucas no país. A grande maioria das crianças das classes populares não freqüentava as salas de aula. E quando se tratava de escolas rurais ou afastadas das cidades, estas funcionavam de forma bastante precária, com um só professor tendo que atender turmas multiseriadas.

Esta escola, como muitas outras pelo Brasil afora, integrava-se perfeitamente à comunidade que via nela e na professora uma única possibilidade de se entrar no mundo dos letrados, já que o acesso às escolas da cidade era difícil para a grande maioria das crianças do distrito. Para a professora, o seu sucesso dependia de sua ligação com o mundo rural de seus alunos, aos seus anseios, aos seus interesses. Essa escolinha fazia parte de um Brasil ainda não preocupado com a democratização do ensino.

Foi com Dona Alzira que se inicia a história de nossa escola, que se localiza no Distrito de Barão Geraldo. Este fica a noroeste do município de Campinas e ocupa uma área de 67 km². Tem uma população de 65 mil habitantes, sendo que 15 mil pessoas freqüentam o distrito trabalhando nas Universidades, escolas, indústrias, hospitais e bancos da região. É formado por uma área bastante agrícola. Localizam-se nele duas grandes fazendas: Rio das Pedras e Santa Genebra, que foram responsáveis pelo início do povoamento urbano que se iniciou no final do século XIX. Entre as duas grandes fazendas Santa Genebra e Rio das Pedras, Luís Vicentim, um imigrante de origem italiana, criou o primeiro loteamento (Ribeiro: 2000), que deu origem ao núcleo urbano que hoje é o Distrito de Barão Geraldo. Com o crescimento urbano, nos últimos anos, iniciou-se um processo de desativação destas duas grandes fazendas, que estão sendo lentamente loteadas, transformando-se em áreas urbanas. Atualmente, o comércio é bastante grande e a vida noturna vem ganhando relativa intensidade.

Além de sediar duas grandes universidades: Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e Puccamp (Pontifícia Universidade Católica de Campinas), o distrito tem 8 escolas públicas e 4 particulares, de ensino médio e fundamental. A Escola Estadual Barão Geraldo de Rezende é uma delas e, atualmente, atende alunos do ensino fundamental (5^a à 8^a séries) e ensino médio.

¹⁶ O retrato de Dona Alzira Aguiar de Oliveira Aranha foi feito a partir do depoimento de um ex-aluno,

O Distrito é formado por vários bairros, mas a nossa escola localiza-se bem na parte central, próxima à área comercial. Muito próxima também da Unicamp, que foi criada em 1966 e que foi uma das responsáveis pela sua transformação, que era predominantemente agrícola. É a escola de ensino “ginasial” mais antiga do distrito, tendo sido criada em 1962, quase como extensão da escola mais antiga que ali existia. Conta com uma área de 6.100 m².

A escola estadual Barão Geraldo de Rezende tem sua história ligada a Dona Alzira que, já tendo ensinado muitas crianças desde 1914, montou sua própria escola, por volta de 1932: a Escola Mista do Bairro da Roseira. Esta ficava no pequeno povoado entre as duas fazendas de propriedade da família do barão Geraldo de Rezende, próxima à estrada de ferro, que ajudava no escoamento da produção de café. Bem no centro do povoamento, havia a estação de trem Funilense. A escola ficava próxima a esta estação.

Vinte anos depois, por Decreto Lei de nº 20.052, em 22/08/52, esta escola passou a denominar-se Grupo Escolar de Barão Geraldo. Mais tarde este grupo escolar teve nome novamente alterado para Grupo Escolar “José Pedro de Oliveira”, época em que o povoado foi elevado a Distrito e um novo prédio foi construído para abrigá-lo.

Foi em 1963, através do Decreto Lei de nº 7.336, em 29/10/62 que a escola de ensino ginasial, para atender alunos das quatro últimas séries do ensino fundamental, foi criada no Distrito. Esta foi denominada de “Ginásio Estadual Barão Geraldo de Rezende”. Este recém criado “ginásio” dividiu durante alguns anos o prédio com “Grupo Escolar José Pedro de Oliveira” e funcionava à tarde, das 16 às 19h. O grupo escolar só seria transferido para outro prédio, na entrada do Distrito, em 1968¹⁷, onde até hoje funciona a EE José Pedro de Oliveira.

De 1963 a 1975, a escola possuía somente 5 salas de aula. Além de atender aos alunos do “ginasial”, também tinha uma classe do curso de “admissão”, que funcionou até 1966. A partir de 1969 e até 1970, passou a funcionar em dois períodos, manhã e tarde. Em 1971, passou a funcionar à noite também. Contava então com mais ou menos 300 alunos e um corpo docente pequeno, em média 14 professores, além de 5 funcionários. De 1971 a 1975, o número de professores passou a 30.

morador antigo do distrito, o senhor Aristides Barbieri.

¹⁷ Informação colhida em depoimento de ex-aluna, ex-diretora e em documento oficial denominado “Mapa de Movimento” e atas de reuniões de APM (Associação de Pais e Mestres).

Com o deslocamento do grupo escolar para o outro prédio, no ano de 1968, a unidade escolar passou a ter uma sala destinada à biblioteca e uma ao laboratório, segundo consta, bem instalados e equipados. Esta era uma escola considerada como modelo pelos professores e diretores dos anos 70. Segundo eles, tudo era muito bem organizado, a comunidade participava das festas, fazia contribuições para a melhoria do prédio, do mobiliário e do ensino. Localizada numa região, naquela época, predominantemente rural, *possuía também uma horta e um viveiro, que eram cuidados pelos próprios alunos, em projetos das aulas de Ciências, que articulavam teoria e prática, sendo a produção da horta usada no sopão que alunos e professores comiam na hora da merenda*, segundo depoimento de um antigo professor da escola.¹⁸

O distrito foi crescendo, novas necessidades foram nascendo e foi implantado curso colegial, antiga nomenclatura do atual ensino médio, que passou a funcionar a partir de 1975, com apenas uma classe de primeiro colegial. Esse curso atendia jovens de toda a região, incluindo bairros vizinhos ao distrito. Ao mesmo tempo, a escola passou a receber os alunos das quatro séries do antigo primário, em virtude da criação, pelo Governo do Estado, da Escola de Primeiro e Segundo Graus. E uma escola que tinha apenas alunos de 5ª a 8ª séries, passou a atender alunos do antigo primário e do colegial. A partir deste ano, a escola passou a ter 40 professores e 8 funcionários.¹⁹

Foi em 1976 que mais quatro salas foram construídas. Parece que, nesse momento, se inicia uma prática que perdura até hoje: um “certo modo” costumeiro entre nós de fazer, desfazendo coisas e que marca a história dessa escola. *Com a construção destas salas, uma árvore de pau-brasil de 2,5 m de altura foi cortada sem nenhuma consulta.*²⁰

As ordens de construção de novas salas de aula vêm de forma autoritária, de um poder central que não busca informar-se dos interesses e das preferências da comunidade que vive o dia-a-dia da escola. As necessidades da comunidade e as decisões políticas de mudanças, não só na organização da escola, como também nas decisões de mudanças do

¹⁸ O professor Antônio Romano, em entrevista concedida em agosto/2002.

¹⁹ Informações colhidas em depoimento de ex-professores e no documento oficial denominado “Mapa de Movimento.”

²⁰ Segundo Antônio Romano, professor de matemática na escola desde 1970, em entrevista concedida em agosto de 2002.

prédio, não convergem; há um desencontro que gera uma insatisfação nos professores e diretores.

Entretanto, até o final dos anos 70, a escola mantinha-se pequena ainda. E a imagem que dela nos propõem dois professores entrevistados é de uma escola que era bem organizada. Havia reuniões pedagógicas toda segunda-feira, onde se discutiam, não só questões pedagógicas, como também publicações do D.O. (Diário Oficial) de leis, decretos e portaria relacionadas à vida da escola e dos professores: ... *nós tínhamos a possibilidade de pagar horas extras para os professores com reuniões e nós fazíamos reuniões semanalmente para fazer a integração das áreas.* (ex-diretora, de 1967 a 1983, Celina F. de Brito) Estas informações aparecem também no depoimento de Antonio Romano, ex-professor de Matemática.

É fácil perceber por que os ex-professores se referiam à escola daquele tempo como “uma escola modelo”. Naquela época, os professores ainda tinham um salário que lhes permitia trabalhar em apenas uma escola e nela se fixarem, com tempo disponível para reuniões pedagógicas, pois não precisavam sair correndo de uma escola para cumprir horário em outra.

O currículo mantinha aulas de trabalhos manuais que permitiam aos alunos aprender várias técnicas de eletricidade, consertar carteiras quebradas, encadernar livros. A escola, além de bem organizada, mantinha práticas comunitárias que integravam alunos, professores e pais. Valorizava-se, através de rituais cívicos, as práticas escolares. *Toda Quarta-feira nós nos reuníamos no pátio, todos os períodos, para hastear e descerrar a bandeira. E nessa hora, conforme a data, a gente falava de Tiradentes, do dia das mães, dos pais e fazíamos a premiação dos alunos* (ex-professor de Português e atual diretor assistente desde 1974, Newton M. Gobbo). *O professor ensinava encadernar livros, com a técnica de costura de marmorizar o papel.* (ex-professor de Matemática, Antonio Romano de 1970 a 1996)

A década de 80 é marcada por uma nova reforma no prédio, mas que também acabou destruindo parte do seu patrimônio. Em 1985, foram construídas mais quatro salas de aula num segundo andar (somando-se às outras 9, já existentes) e, embaixo delas, um pátio coberto, cozinha e casa do caseiro. Lamentam os antigos professores de Matemática e Português que a construção destas quatro salas havia sido bem projetada por um professor

de química, que era estudante de arquitetura. No entanto, pela segunda vez, a construção foi realizada à revelia dos professores e do diretor. Daquele projeto, tão bem pensado por aquele professor, nada se aproveitou. A construção foi iniciada no meio das férias, desalojou a biblioteca, a secretaria, resultando num espaço que até hoje traz problemas para a sua manutenção.²¹ Terminada a obra, a escola ficou com salas novas, pátio coberto e moradia para o caseiro. Mas definitivamente sem o viveiro, sem o pomar e o pau-brasil.

A partir de 1983 e até 1995, a unidade manteve também uma classe para “deficientes”, além das classes do Primeiro e Segundo graus. Foi neste período que a escola começou a mudar muito. O número de alunos aumentou bastante. Se em 1971 havia cerca de 300 alunos, ao longo dos anos 80 e 90, passou-se a contar com 550 alunos do então primeiro grau e 220 para o segundo grau, somando-se mais de 700.²²

Além desses, também os do supletivo. De 1990 a 1995 funcionou no período noturno a suplência de ensino fundamental, com sete salas.

Esse crescimento do número de alunos e o conseqüente aumento do número de salas de aula ao longo das duas últimas décadas são resultantes não só do crescimento populacional do próprio distrito, mas também e, principalmente, das mudanças na política econômica do país, que exigia uma maior democratização do ensino. Exigia que a escola atendesse a um número, cada vez maior, de crianças, jovens e até adultos, à medida que mantinha também um curso de supletivo. No entanto, essa escolarização em massa não previa a manutenção da qualidade do ensino oferecida à população.

Em 1996, houve um novo programa de reorganização das escolas da Rede Estadual do Estado de São Paulo. O governo do Estado, visando separar as crianças menores dos já adolescentes, deslocou os alunos das quatro primeiras séries do ensino fundamental para outras escolas do distrito e transferiram para o Barão Geraldo de Rezende alunos das quatro últimas séries do mesmo nível que estavam distribuídas em outras unidades.

Mais uma vez, uma medida governamental tenta resolver problemas de estrutura e organização da rede pública, que foi crescendo, sem atender à qualidade do

²¹ No plano escolar da escola, datado de 1992, há o registro de um lamento dos professores que dele participaram, quanto à falta de sanitários naquele bloco, o que levava os alunos a demorarem muito para voltar à sala, pois tinham que se dirigir a outro bloco da escola que fica distante dali.

²² Informações retiradas do documento oficial chamado Mapa de Movimento.

ensino, sem cuidar dos prédios escolares, sem investir no pessoal de apoio, sem investir na formação dos professores, sem cuidar das condições de trabalho e de salário destes e daquele.

Assim, a EE Barão Geraldo de Rezende passou a atender exclusivamente os alunos do terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental (antigas 5^{as}/8^{as} séries) e do Ensino Médio, tendo atualmente um total de 450 alunos do ensino fundamental e 850 alunos do ensino médio, em três períodos: matutino, vespertino e noturno. Conta para isso com 50 professores, um diretor e um assistente de diretor, 3 serventes, 3 inspetores de alunos, 5 funcionários da secretaria e uma coordenadora pedagógica. Esta reorganização não só aumentou o número de alunos na escola, como também alterou o perfil de sua clientela. Se até 1995 a escola de Barão concentrava alunos residentes na região mais central do distrito, a partir de 96 passou a receber alunos de regiões mais afastadas e pobres. Para lá também foram remanejados professores que eram “lotados” em outras escolas.

Se em 1996 a redistribuição de alunos pela rede física do sistema público estadual de ensino impôs mudanças difíceis à escola, com especial ênfase aos alunos e professores, em 1998 a “recomendação” da Secretaria de Educação do Estado de transformação das salas de aula em salas-ambiente trouxe mais mudanças, desta vez ao espaço físico da unidade.

Mais uma vez, as ordens do governo não se preocupam com as necessidades individuais e particulares de cada escola, tratando o sistema como único e homogêneo. Mas não é só. Poucas instruções foram dadas, nenhuma atenção ao número de salas de aula de cada escola e o número de turmas que as ocupa, nenhuma atenção ao mobiliário necessário, nenhuma atenção aos professores, principais agentes do processo. Apenas poucas sugestões via internet.

Entendida na escola como uma nova “ordem” a ser cumprida, o ano letivo de 1998 inaugurou-se com o espaço físico da escola totalmente redesenhado. As 13 salas de aula se converteram em 13 salas-ambiente para o ensino das diferentes disciplinas do currículo escolar. Nesta mudança, a escola experimentou alguns ganhos, mas novas perdas, confirmando assim o “seu” modo de fazer coisas, desfazendo outras.

A pequena e resumida história da escola Barão Geraldo de Rezende evidencia que a escola é um organismo instável, em permanente mudança. Sua criação, inicialmente,

obedeceu ao interesse imediato de ensino das primeiras letras a crianças de um pequeno povoado, na época, bem distante da cidade de Campinas. Com o tempo, a escola foi sofrendo mudanças, muitas delas decorrentes do crescimento do povoado que se transformou em centro urbano. A improvisação é uma característica bem marcante em sua história, desde a origem, com a criação dos bancos escolares na velha estação de trem, em 1932, até a instalação do Ginásio Estadual Barão Geraldo de Rezende, em 1962, que passou a dividir espaço físico com a escola, então um grupo escolar. Improvisação que esteve presente também nos processos de construção das novas salas de aula, anos depois, para acolher o número crescente de alunos e a criação e instalação dos novos cursos. Em 40 anos a escola passou de 5 salas de aula para 13. De 300 alunos (aproximadamente) para cerca de 1.300.

Trata-se de uma escola que cresceu em uma época em que o Estado não estava muito interessado em criar e construir grandes prédios escolares, mas numa época em que as autoridades promoveram a democratização do ensino, somente abrindo novas vagas, em qualquer condição, para o funcionamento imediato, atendendo a demanda da população crescente e a inserção das camadas mais pobres da população nos bancos escolares, porém deixando de lado a qualidade do ensino e dos espaços escolares.

A escola foi obrigada a absorver um número enorme de alunos o que veio acompanhado do aumento do número de salas de aulas. Mas isso também veio acompanhado da perda de vários espaços que compunham o que entendemos por uma escola. Espaços físicos, que apesar de não terem sido previstos pelo poder público na construção do prédio escolar foram sendo conquistados pela comunidade escolar, como viveiro, biblioteca, horta. Com o aumento de alunos e de salas de aula, estas se transformaram na única possibilidade de convívio de alunos e professores com a escola, que se fecha cada vez mais para a comunidade e o mundo extra-escolar, limitando o convívio da criança com outras esferas que vão além do livro, do quadro-negro e das quatro paredes da sala de aula.

Adeus para aquela escola integrada com a comunidade, adeus para aquela escola em que crianças e professora podiam viver fora de seus limites, de suas paredes, conhecendo e explorando melhor o meio em que viviam, o que à escola da Dona Alzira era permitido.

Outra implicação decorrente desse aumento desordenado da escola e desacompanhado de atenção por parte do poder público está no descompasso entre o grande crescimento do número de alunos, e do número de salas de aulas, e o “aumento” desproporcional do número de professores e de funcionários. Este ficou bastante aquém do necessário. Essa desproporcionalidade do crescimento entre o corpo docente e discente da escola implica não só na perda da qualidade do trabalho do professor, como também no comprometimento das formas de organização e funcionamento da escola. A escola, com 300 alunos possuía 14 professores e 5 funcionários, anos mais tarde, com quase 1.300 alunos, possui 50 professores e apenas 14 funcionários. A desproporção é evidente. As conseqüências disso são: o professor passa a trabalhar mais horas, rendendo menos em seu trabalho na sala de aula. Sem o aparato necessário para o bom funcionamento da infraestrutura da escola, e do pessoal de apoio representado pelos funcionários, aumentam as dificuldades no funcionamento da escola, como um todo, e do trabalho do professor em sala de aula, que se vê sobrecarregado, tendo que cumprir pequenas tarefas antes desempenhadas pelos funcionários.

Uma terceira mudança importante, resultante desse crescimento desordenado é a presença de um novo perfil de aluno. Antes, as crianças e jovens que freqüentavam a unidade eram filhos dos comerciantes, sitiantes, trabalhadores rurais que participavam da vida escolar e ajudavam em seus propósitos de melhoria. Mais tarde, a escola passou a abrigar principalmente as crianças de classe média que moravam na parte mais central do distrito.

Hoje, a escola passou a acolher crianças oriundas dos bairros mais afastados e mais pobres não só do distrito, como também de bairros afastados da cidade, e até de municípios que fazem parte da zona metropolitana de Campinas. A conseqüência disso tudo é visível: os vínculos da escola com a comunidade foram se perdendo cada vez mais. Mesmo os alunos atuais já não demonstram possuir aquele apego à escola que aparece nos depoimentos de ex-alunos: *Nós adorávamos ir para a escola. Era o lugar de encontro. Nas festas saíamos para pedir prendas.* (ex-aluna). Talvez esta falta de identidade do professor, do aluno e da comunidade com a escola seja uma causa da falta de preocupação em preservar os bens materiais da escola apontada neste relato.

Embora o discurso saudosista que aparece em vários depoimentos, tanto da ex-diretora, de ex-professores e de ex-alunos: *a escola era bem organizada (...) tudo funcionava muito bem (...) nós adorávamos ir para a escola*, possa levar-nos a pensar que atualmente tudo está tão precário, ainda acreditamos que podemos, dentro de situações adversas, dentro das dificuldades do momento, criar novos espaços que buscam novos horizontes. Horizontes esses ligados à inserção da criança no mundo da leitura de forma mais significativa.

No passado, as contradições da escola pareciam menos evidentes, pois sendo pequena, com poucos professores, acolhendo crianças oriundas de uma classe média mais ligada ao mundo rural do que ao urbano, com uma comunidade mais participante, ajudando na construção da própria escola e do processo educacional, com um número de funcionários suficiente ao seu funcionamento, os problemas pareciam menores do que os enfrentados atualmente.



Alexander Von Humboldt's Library, Eduard Hildebrandt

III - UMA BIBLIOTECA PARA A ESCOLA BARÃO GERALDO DE REZENDE

A Biblioteca existe ab aeterno. Dessa verdade, cujo corolário imediato é a eternidade futura do mundo, nenhuma mente razoável pode duvidar. (Borges)

Para falar da biblioteca da escola e entender um pouco sua história de destruição, sobrevivência e resistência, busco uma imagem mitológica do eterno refazer das coisas. É na história de Sísifo que encontro um paralelo. Sísifo, o mais solerte e audacioso dos mortais, conseguiu por duas vezes livrar-se da Morte. Um dia, porém, Tântatos veio buscá-lo em definitivo e os deuses o castigaram impiedosamente, condenando-o a rolar um bloco de pedra montanha acima. Mal chegado ao cume, o bloco rola montanha abaixo, puxado por seu próprio peso. Sísifo recomeça a tarefa, que há de durar para sempre.

A criação, a manutenção e a dinamização de bibliotecas escolares não parecem ser uma prioridade das políticas públicas na história de nossas escolas, especialmente se considerarmos aspectos como “regularidade” e “continuidade”. No projeto de construção do prédio para o funcionamento do ginásio Barão Geraldo de Rezende, nos anos 60, já nem havia lugar para funcionar a biblioteca escolar. Por isso ficou ao sabor de alguns professores mais ligados à leitura, a tarefa de criá-la e colocá-la em funcionamento. De reerguê-la diante de destruições causadas pelos próprios órgãos oficiais através de medidas paliativas na tentativa de uma solução para os problemas do ensino. Foram, então, na escola de Barão, algumas professoras de Português que cumpriram e vêm cumprindo a missão de Sísifo: reerguer o acervo de livros que rola montanha abaixo, de quando em quando.

Na busca da história da biblioteca, que hoje se encontra em nossa sala-ambiente de Língua Portuguesa, descobrimos outras personagens importantes que permitiram em diferentes momentos a existência de partes do acervo que ocupa nossas prateleiras ainda hoje.

Se, nas primeiras décadas do século XX, Dona Alzira tinha sido a “guardiã do futuro”, que lançou as primeiras letras para as crianças do distrito, em meados do século, tivemos Dona Lucy, que compôs o primeiro acervo de livros num espaço público do distrito de Barão Geraldo. Criou o acervo, um espaço para abrigá-lo e dinamizá-lo, e chamou-o de Biblioteca Monteiro Lobato.

Por volta de 1968, Dona Lucy, a professora de Português que se fixara na escola em 1966, teve a idéia de criar na escola a primeira biblioteca em lugar público do distrito. Até hoje, o distrito não tem uma biblioteca pública além das pequenas bibliotecas das escolas.

Dona Lucy era uma amante da literatura, suas duas grandes paixões eram Machado de Assis e Monteiro Lobato. Tendo estudado letras clássicas numa das mais importantes universidades do país (Universidade de São Paulo), priorizava o ensino da Literatura e quando dava aulas teóricas de gramática, sempre partia dos textos.

Alta, magra, muito elegante. Pele morena. Sempre trajava “tailleur” discreto, com saias pouco acima dos joelhos, de meias de “nylon”. Os cabelos eram grisalhos, curtos e lisos. No pescoço, sempre usava um autêntico colar de pérolas. Naquele tempo, os professores podiam não só financiar jóias verdadeiras, mas também exibi-las no trabalho, os salários eram altos e provavelmente Dona Lucy pertencia a uma família abastada.

Entrava na sala, sentava, cruzava as pernas e punha os óculos para iniciar a leitura. Ela lia muito, com uma voz clara e sempre num tom baixo. Quase sempre era ela quem lia, mas, às vezes, quando a classe ficava agitada, ela também pedia para os alunos lerem. Nunca repreendia ostensivamente os alunos, como outros professores. Ela toda emanava calma e tranqüilidade. Talvez pelos anos de experiência como professora, transmitisse muita segurança.

Sabia incutir nos alunos sua paixão pelos livros: propunha leituras, comprava livros para a biblioteca e repetia sempre um versículo de São Paulo apóstolo: *Lê tudo e fica com o que é bom*. Pedia para os alunos doarem os livros à biblioteca, quando tivessem terminado de ler os livros comprados, mas não deixava de enfatizar a importância de ter uma biblioteca em casa também.

Dona Lucy deixou seu gosto pela leitura e suas histórias fantásticas não só no coração de seus ex-alunos²³, como também deixou o seu rastro com o acervo de livros que pacientemente começou a juntar na escola nos idos da década de 60. Até hoje, muitos exemplares comprados por ela ainda ocupam nossa biblioteca da sala-ambiente.

²³ O retrato de Dona Lucy foi criado a partir do depoimento de sua ex-aluna Maria Cristina Carvalho.

O amor de Dona Lucy aos livros saiu da sala de aula e ocupou outro espaço na escola: uma sala somente para guardar livros, para estudar. Assim nasceu a Biblioteca Monteiro Lobato.

Esta biblioteca não pode ser considerada uma Fênix, que renasce das cinzas, mas em vários momentos de sua história, foi abalada e o acervo, danificado. Às professoras de Português foi dada a missão de começar e recomeçar sempre a tarefa de cuidar da biblioteca, desta biblioteca que nasceu numa escola que na época da sua fundação, nem um prédio próprio possuía. Dividia espaço com outra escola, o então “Grupo Escolar José Pedro de Oliveira”, que nascera da escola mista do Bairro da Roseira, fundada em 1932, por Dona Alzira. A construção do prédio para o funcionamento deste grupo escolar já havia sido precária, com apenas 5 salas de aula e nenhum lugar destinado aos livros.

A história desta biblioteca acompanha a história da escola, com suas fases mais tranqüilas e outras mais conturbadas. Ela pode ser dividida em três fases bastante distintas:

1ª fase (1968/1975): fundação da Biblioteca Monteiro Lobato em 1968 até o início das novas construções de salas de aula.

2ª Fase (1976/1997): início de uma fase bastante conturbada, com mudanças constantes do local de funcionamento da biblioteca.

3ª fase (1998/2003): inicia-se com o Projeto de Pesquisa Fapesp e a implantação das salas-ambiente.

CRIAÇÃO E INSTALAÇÃO

A primeira fase é marcada por uma conquista. A sua existência não estava prevista, de acordo com o projeto da obra, e sua implantação não esteve ligada a qualquer incentivo governamental ou apoio financeiro recebido dos cofres públicos. Ela nasceu de um trabalho conjunto entre professores, alunos, pais e comunidade comercial e industrial do Distrito de Barão Geraldo. Ou seja, o que seria de responsabilidade do poder público,

passou a ser uma luta, uma conquista da comunidade. *Quem sabe faz a hora não espera acontecer.*²⁴

Esse esforço da comunidade na criação dessa biblioteca resultou num espaço bastante interessante para a escola e também para a comunidade em geral. O seu propósito de constituir-se num lugar para pesquisa e estudo e para empréstimo de livros à comunidade escolar se cumpriu. Tudo isso numa sala ampla, bem iluminada, bem localizada na escola; tudo bem cuidado e organizado, equipado e mobiliado, para esse fim. Houve até cerimônia de inauguração, com registro em livro de ata e com livro de tomo.

Dona Celina²⁵ chegou à escola em 1967 e não encontrou nenhum espaço reservado para a biblioteca. Conta ela que deu todo apoio à iniciativa de Dona Lucy. Para Dona Celina, a professora de Português vinha percebendo muita deficiência das crianças no processo de aprendizagem e viu na biblioteca uma forma de sanar estas dificuldades. Além disso, como não havia muitas formas de lazer no distrito e os livros eram considerados caros, a idéia de uma biblioteca era ainda mais bem vinda.

A Associação de Pais e Mestres da escola ajudou na parte financeira do empreendimento de construção da biblioteca. Não só os pais, mas também a Rhodia, indústria de grande porte localizada no distrito, colaborou intensamente com materiais de construção para transformação de uma das salas da escola em biblioteca.

Ainda segundo depoimento de Dona Celina, foi Dona Lucy que conseguiu doações de livros, fez campanhas com os alunos, com os comerciantes do distrito, pois *do Estado não se recebia nada.*

Como essa biblioteca foi idealizada e montada, também aparece nos depoimentos de uma ex-funcionária:

Eu comecei a trabalhar em 1960. Eu era servente da escola. Não tinha nenhuma sala reservada para guardar livros. Só com a chegada da D. Celina. Ela foi fazendo festas juninas para arrumar a escola. Não tinha nem sala para os professores. Ela conseguiu uma sala para professores que foi dividida, metade para os

²⁴ *Para não dizer que não falei de flores*, Geraldo Vandré (letra de música)

²⁵ Celina Frederighi de Brito foi diretora da escola de 1967-1987 e nos concedeu entrevista em outubro de 2002

professores e metade para a biblioteca. Comprou diversas coleções com dinheiro das festas juninas. (ex-servente)²⁶

As informações são convergentes ao que se tem no depoimento de uma ex-aluna:

(...) foi em 68 ou 69 quando nós, alunos, começamos a lutar junto com os professores, para que nós pudéssemos ter pelo menos uma biblioteca. Nós precisávamos fazer pesquisa de Ciências. Era uma luta, porque não tínhamos onde buscar. Empréstávamos livros dos nossos primos mais velhos. Íamos para a escola com uma montanha de livros nos braços. Dona Lucy, nossa professora de Português, cobrava nossa leitura. Como comprar livros? O livro era muito caro. Então lutamos para construir a biblioteca. Levamos os livros que tínhamos em casa, Dona Celina conseguiu doações de dicionários e enciclopédias.²⁷

Como se vê, a comunidade escolar, através de suas ações, de suas “táticas” empenhou-se na construção dessa biblioteca, que certamente acabou dando muitos frutos e tendo seus momentos de glória. Entretanto ela também teve seus momentos de dificuldades. Por várias vezes a biblioteca e seu acervo foram parcialmente destruídos, com as sucessivas mudanças de local, ao sabor das duas grandes reformas que foram realizadas na escola para aumentar o número de salas, ou das reformas impostas pelo Governo Estadual, em seus remanejamentos dos alunos e dos professores de uma escola para outra, ou ainda pelo descaso das direções em relação à importância da biblioteca escolar.

Quanto à organização desta biblioteca, menciona-se nos depoimentos além do livro de tomo, o treinamento de pessoal para a sua utilização:

Dona Lucy a organizou, fez a classificação dos livros e treinou alunos para aprender este sistema. Nós não tínhamos bibliotecária. Os alunos, orientados por ela, tomavam conta da biblioteca. Assistiam os colegas que vinham consultar livros e havia uma parte deles que era emprestada e devolvida. Tudo muito bem organizado. Isso mobilizou, muito, os alunos. (ex-diretora)

²⁶ Rita Moda Pietrobon foi servente da escola de 1960 a 1987 e concedeu-nos entrevista em outubro de 2002

²⁷ Héli de Fátima Pires foi aluna da escola de 1963 a 1970 e concedeu-nos entrevista em outubro de 2002.

Outros depoimentos confirmam. Neles, aparece a descrição desta organização: havia fichas que ficavam afixadas nas capas dos livros, formas de controle do material utilizado pelos alunos, mobiliário que dava apoio às consultas dos livros:

Eu ajudava na biblioteca, tinha uns cartõezinhos, que ficavam na capa do livro eu dava baixa no livro quando o aluno devolvia. (ex-servente).

Quem tomava conta da biblioteca éramos nós da sétima e oitava série. Nós ficávamos responsáveis pela biblioteca em determinados períodos. Registrávamos quem entrava, quem saía, que tipo de pesquisa que ia fazer. Se o livro fosse retirado, tínhamos que registrar num livro. Às vezes, o pessoal ia ali para fazer baderna e nós tínhamos que impor a ordem. (ex-aluna)

De 1969 a 1977, época em que estudei na escola, a biblioteca funcionava na sala 9, e não era grande. Tinha poucos volumes de literatura. Às vezes comprávamos livro para ler, outras vezes retirávamos da biblioteca. Eu gosto de ler e acho que devo a essa biblioteca da escola. (secretária e ex-aluna)²⁸

A biblioteca era uma sala grande, com mesinhas e cadeiras. Nós fazíamos trabalho em grupo lá. No horário diferente da aula. Quando o professor pedia uma leitura, nós comprávamos o livro, porque na biblioteca não havia para todo mundo, só alguns. (ex-aluna)²⁹

Não só os alunos e funcionários se recordam dessa organização, os professores entrevistados também citam-na em seus depoimentos:

Havia 5 salas de aula, uma era a biblioteca. Ela era bem organizada, com muitos livros: enciclopédias. Não havia propriamente bibliotecária, uma funcionária tomava conta da biblioteca orientada pela professora de Português. Havia o livro de tomo e um livro de registro de entradas e saídas. Cada livro tinha sua ficha encaixada na capa. Era bem controlada. A biblioteca funcionava naquela sala separada onde nós fazíamos reunião de professores [sala 9]. Mais tarde ela foi dividida em duas partes, uma parte para a biblioteca e uma parte sala dos professores. (ex-professor)³⁰

²⁸ Renata Cristina Moda Pietrobon Motta foi aluna da escola de 1969 a 1987; e é secretária desde 1988 e concedeu-nos entrevista em outubro de 2002.

²⁹ Maria Cristina de Carvalho foi aluna na escola de 1970 a 1973 e concedeu-nos entrevista em outubro de 2002

³⁰ Antônio Romano foi professor de Matemática na escola de 1970 a 1996 e concedeu-nos entrevista em agosto de 2002.

Em 1974, A biblioteca da escola funcionava onde é a sala nove. Toda cheia de armários de livros e mesas com quatro cadeiras, mesas de fórmica com quatro cadeiras. Com uma bibliotecária, era uma funcionária bibliotecária. A biblioteca era um silêncio absoluto. Os alunos que estavam sem aula, pela falta de professor, iam para a biblioteca. Eu levava muito meus alunos para a biblioteca fazer pesquisa nas revistas, nos livros. Havia controle, os alunos não saíam com livros. Havia dicionários para cada aluno da classe. A biblioteca funcionava que era uma beleza. Os alunos tinham fichas. E no prontuário do aluno havia uma observação: “o aluno não entregou livro tal.” Ele só levava transferência ou fazia matrícula se tivesse dado baixa no livro. Isso durou até a construção do segundo bloco. Depois houve mudança de diretor. (ex-professor)³¹

Quanto à eficiência da biblioteca como um espaço para pesquisa e retirada de livros, e quanto à eficiência de sua organização e funcionamento esses depoimentos são convergentes. Mas percebe-se que a percepção em relação ao acervo como grande ou pequeno varia em cada entrevistado. Uma foto dessa biblioteca mostra um acervo em 1974, que pode ser estimado em 2 mil exemplares.

Não ficou claro nos depoimentos se esse espaço destinado à biblioteca chegou a dividir espaço com a sala dos professores, nesta primeira fase de seu funcionamento, mas em uma das atas da APM (Associação de Pais e Mestres) da escola, de 1970, constava o registro de uma meta que era o isolamento da biblioteca da sala dos professores. No depoimento de Dona Rita, no ato da criação da biblioteca, ela já dividia espaço com a sala dos professores. Já no depoimento do ex-professor de Português, isso só ocorreu depois da primeira reforma, em 1976. *Depois da reforma, a biblioteca veio a funcionar na sala quatro, dividida ao meio, metade biblioteca, metade sala dos professores. Era muito desconfortável. O professor chegava mais cedo e não podia conversar com o colega, porque tinha aluno na biblioteca.* Essa informação de que a biblioteca dividia espaço com a sala dos professores, também aparece no depoimento de outro ex-professor (de Matemática) da escola nesta época, no entanto este não menciona a época exata em que isso ocorreu. Percebe-se que em alguns momentos de sua história a biblioteca realmente dividiu espaço

³¹ Newton Antônio Wigberto de Mattos Gobbo foi professor na escola de 1974 a 1997. É vice-diretor desde 1998. Concedeu-nos entrevista em agosto de 2002.

com a sala dos professores. O que fica bem claro e certo é o envolvimento da comunidade escolar na construção e uso deste espaço.

Outro ponto, com algumas divergências, diz respeito à existência ou não de uma bibliotecária. No depoimento da ex-servente, consta passagem de uma estagiária da Unicamp que tomou conta da biblioteca: *Teve uma época que houve uma moça que era estagiária da Unicamp e arrumou a biblioteca.* (Ex-servente)

No entanto, no depoimento anterior, do ex-professor de Português, em 1974 havia uma bibliotecária que exercia exclusivamente essa função. Mas, verificando o “Mapa de Movimento”, documento oficial da escola que registra os funcionários e professores da época, não se verificou o registro de qualquer bibliotecária, embora houvesse a possibilidade de contratar-se uma. Registrado num livro de Ata de uma reunião da APM, datado de 1970, verificou-se a necessidade de contratação de uma bibliotecária. A ex-diretora confirma que, por essa época, a APM pagava um salário simbólico a uma ex-aluna da 8ª série para tomar conta da biblioteca. Verificando também o livro de tomo que registra a primeira anotação de livros em 27/12/73, deduz-se que esta estagiária de que fala a ex-servente, deve ser a mesma ex-aluna de que fala a ex-diretora, e ainda a mesma bibliotecária de que fala o ex-professor de Português, que chegou na escola em 1974.

Bibliotecária mesmo, com contrato de trabalho, esta biblioteca não teve, porém ficou registrada a passagem de duas pessoas que fizeram as vezes de uma bibliotecária. Uma delas era uma ex-aluna da escola, chamada Shirlei Botelho, que, em entrevista, confirmou ter trabalhado como funcionária da escola, não só na secretaria, como também na biblioteca, registrando livros, cuidando do espaço, emprestando livros para os alunos. Como mais tarde ela veio a cursar Biblioteconomia e tornou-se bibliotecária, ela não julga o que fez na Biblioteca Monteiro Lobato como trabalho de bibliotecária, mas sim um “servicinho” de ajuda. Confirmou ainda que recebia um pequeno salário, quase simbólico da APM (Associação de Pais e Mestres) pelos trabalhos prestados. A outra “bibliotecária” que passou pela escola nos anos de 1973 e 1974, chamava-se Odete Moretti Dalben. Era uma estagiária do curso de biblioteconomia da Puccamp, ex-aluna da escola também, que retornou ao Barão para fazer estágio, cumprindo uma tarefa da faculdade. Atualmente é bibliotecária do Instituto Tecnológico de Alimentos.

Desta primeira fase da história desta biblioteca que corresponde à fase da instalação e de seu funcionamento de forma mais regular, percebe-se que, apesar de o poder público, na criação desta escola, não prever em seu prédio a construção de um espaço destinado aos livros, esse espaço é inventado e conquistado pela comunidade escolar. Essa comunidade é capaz de mobilizar pessoas, angariar o engajamento de todos (alunos, ex-alunos, professores, diretor, pais, comerciantes) através de campanhas para a aquisição de material (livros, mobiliário), é capaz de organizar um espaço apropriado para a leitura e pesquisa, criando regulamentos e dinamizando o seu uso.

Fica bastante evidente, através dos depoimentos, principalmente de dona Celina, a força e o entusiasmo da professora de Português, Dona Lucy, que parece impulsionar o processo, ajudada por uma comunidade bastante presente e atuante. É com a chegada desta professora à escola que se notifica a necessidade da leitura com o objetivo de sanar a falta de base dos alunos para seguir aprendendo; sanar a deficiência no falar, para melhorar o nível cultural dos alunos e também com o objetivo de ser uma forma de lazer e distração numa época em que não havia muita diversão no distrito, distante da cidade. Os objetivos da leitura que emergem do depoimento da ex-diretora nos apontam para uma representação bastante nobre da leitura. Algo capaz de transformar os alunos, recuperando-os em suas carências e dificuldades culturais e de linguagem. Ideal de uma professora de Português, formada em letras clássicas pela USP, que vem para uma escola pequena e quase de zona rural. Percebe-se que a essa representação a direção adere, e apoia.

A comunidade também colabora para a efetivação deste ideal, mas a visão de leitura que emerge do depoimento da ex-aluna, que participou do processo de forma bastante ativa, se mostra outra. Para ela, a criação da biblioteca na escola cumpria a necessidade de acesso a material de pesquisa para dar conta das tarefas escolares e das exigências dos professores, evitando o transporte da casa para a escola de um número excessivo de livros. A comunidade se junta, cria, instala e põe em funcionamento a biblioteca, mas cada um dos segmentos o faz com objetivos diversos e movidos por representações de leitura diversas.

Ainda no depoimento de dona Celina, ex-diretora, ficam bastante marcados os agentes construtores da biblioteca: APM (Associação de Pais e Mestres), comerciantes, sitiantes, empresas locais e alunos, através de doações e prestação de serviços. A forma de

arrecadação de material necessário aparece também no depoimento da ex-funcionária, dona Rita que menciona as festas juninas realizadas na escola com essa finalidade.

A idéia de que se a escola possuir bons professores, tudo acaba dando certo, aparece no depoimento da ex-aluna que destaca *naquela época havia bons professores*. Era então possível, em seu entender, uma parceria com eles para a obtenção de livros e a instalação da biblioteca.

Dos depoimentos emerge uma biblioteca que funcionava num espaço que era, ora silencioso, ora barulhento; ora grande, ora pequeno, mobiliado, organizado, normatizado, dinamizado pela presença de alunos estudando, pesquisando e conversando; ou de professores e sua turma em aula, com um acervo diversificado, catalogado, tombado, resultante de compras e doações e gerenciado por uma figura que flutua: para um, era uma bibliotecária de formação, moça boa e educada que depois prestou concurso em outro lugar e deixou o cargo na escola (mas que nenhum documento encontrado confirma); para outros, um aluno treinado, que aqui e ali recebe ajuda dos funcionários existentes na unidade escolar; para outros, ainda, um estagiário da Unicamp, que fazia um trabalho; para alguns, os alunos, em colaboração voluntária. Tudo isso denota que nesse período a biblioteca funcionava em sala própria, era bem dinamizada e organizada e, segundo a comunidade, era não apenas uma biblioteca possível para aquela comunidade, mas era o ideal de uma biblioteca escolar.

Nas escolas mais tradicionais, criadas nas primeiras décadas do século XX, em que uma minoria da população freqüentava a escola, o espaço destinado à biblioteca já nascia com a construção do prédio, com a contratação de uma bibliotecária de formação. Embora isso não fosse uma regra geral. Melo (2002:61), em pesquisa numa importante instituição educacional da cidade de Goiânia, revela que a

Escola Normal Oficial (...) viveu de constantes deslocamentos, até 1955 quando se instalou definitivamente, em prédio próprio, na Vila Nova. Apesar do Regimento interno da Escola Normal (1947) prever uma biblioteca e o cargo de bibliotecário, a Biblioteca da Escola Normal parecia mais uma sala de leitura cujo funcionamento obedecia ao horário das aulas (...). Uma funcionária zelava pela entrada e saída de livros através de anotações em um caderno, não havendo regras rígidas para o empréstimo.

Mas dos depoimentos dos freqüentadores da biblioteca da época pesquisada pela autora, emerge uma biblioteca em que tudo funcionava direitinho, sem problemas.

Em Garcia (1998), aparecem sugestões de vários autores sobre como criar uma biblioteca escolar, como organizá-la, como e quem deve cuidar dela, como utilizá-la, qual sua finalidade. Em Silva (1998), um dos artigos da coletânea, percebem-se três pontos importantes para o funcionamento de uma biblioteca: 1) a pessoa que cuida dela deve gostar de ler para servir de elo de ligação entre os leitores ou futuros leitores; 2) deve haver a facilitação de acesso ao livro, sem burocratização; 3) sem eximir o Estado dessa responsabilidade, diz ele que, de acordo com as necessidades, a comunidade deve criar um espaço que funcionará como biblioteca.

Sem ser ideal, parece que nesta primeira fase da Biblioteca Monteiro Lobato, ela satisfaz a estes três pontos apontados pelo autor como uma biblioteca escolar possível. Temos a professora que lidera a criação e o funcionamento, que o faz por sentir a necessidade da leitura, despertando assim na comunidade a valorização do livro; o uso deste espaço era facilitado, na medida em que permitia o acesso da comunidade escolar, a partir de uma forma prática de uso; e a biblioteca nasceu da necessidade escolar de busca de informações e pela falta de lazer no distrito.

Lopes (1998), discorrendo sobre a organização de uma biblioteca escolar, propõe que seja

uma sala com tamanho suficiente para acomodar uma classe de alunos é o espaço mínimo recomendado; (...) local silencioso, longe da quadra de esportes e pátio de recreio. Ventilação, iluminação adequada e ausência de umidade (...) além de mesas e cadeiras e estantes [não muito altas] também deve-se providenciar caixas ou cestos (para livros e revistas), quadro de feltro ou cortiça, lousa com cortina, varal para exposições, tapetes, esteiras ou almofadas para acomodar alunos, baú com todo tipo de vestuário e objetos que possam ser utilizados como fantasia.

Na época da criação da biblioteca Monteiro Lobato, muitos destes cuidados foram tomados. Possivelmente, esses materiais que a autora propõe como complemento ao acervo de livros a biblioteca não possuía, por tratar-se de uma época em que a concepção

de biblioteca ainda era muito tradicional: local apenas de pesquisa de informações e retirada de livros para serem lidos em outros locais.

Sobre o acervo, propõe ela que, além daquele que o poder público fornece, a comunidade escolar poderá buscar complemento através de doações feitas pelos alunos, pais, comerciantes etc. Sobre a seleção, propõe que seja condizente aos usuários e sobre a organização do acervo propõe que, embora não tenha que obedecer aos princípios da biblioteconomia, ela poderá organizar-se através de livro de tomo com as seguintes informações: ano, número do livro, autor, título, coleção, exemplar, edição, editora, aquisição, data de baixa e observações. No preparo do livro, deve haver bolso do livro, ficha de leitura, papeleta de devolução. Quanto à organização das estantes, deve obedecer aos interesses dos usuários.

Parece que muitos pontos, destas sugestões, foram utilizados na organização da Biblioteca Monteiro Lobato: a aquisição do acervo, através de doações; a sua seleção, já que muitas obras infanto-juvenis foram adquiridas para atender aos interesses dos alunos; sem seguir rigidamente os princípios da biblioteconomia, fez-se uma organização mínima através de bolso do livro, fichas, livro de tomo, como revelam, não só os depoimentos, como também alguns exemplares ainda presentes no acervo da escola. Mas quanto à organização das estantes, nenhum depoimento revelou a sua forma.

Quanto ao pessoal capacitado para tratar do suprimento e organização da biblioteca e a um plano de funcionamento desta, assunto de Campos e Bezerra (1998), na mesma obra, percebe-se que a comunidade escolar, nesta época, soube minimamente resolver os problemas, pois a professora que liderava o processo treinou seus alunos de acordo com as regras mínimas de funcionamento, como aparecem nos depoimentos da ex-diretora e da ex-aluna e para isso criou um conjunto de regras a serem seguidos por todos; usuários e organizadores.

OS LIVROS RESISTEM: A BIBLIOTECA ASSUME DIFERENTES FORMAS

A segunda fase é marcada por dificuldades. Tudo parece contribuir para a destruição da biblioteca, mas ela resiste. A partir de 1976, a história da biblioteca foi

marcada por várias mudanças de lugar, por perdas parciais do acervo e uma desregulagem em seu funcionamento.

A escola começa a crescer em número de alunos e de salas de aula. Através de uma imposição do Governo Estadual, é criado o curso “colegial”; e uma lei cria a obrigatoriedade do ensino primário para as oito séries³².

Assim, também são abertas salas para as quatro primeiras séries do ensino fundamental. Tudo isso num pequeno prédio construído para poucos alunos, com poucas salas, mas diversos espaços educativos. Com isso, os primeiros a serem desalojados foram a biblioteca e o laboratório. Essa foi a primeira “derrota” da biblioteca “Monteiro Lobato”. A biblioteca, que até então estava instalada, equipada, regulamentada e funcionando, começou a perder espaço e condição de funcionamento. No período de 1976-1997, a biblioteca teve que enfrentar duas grandes reformas do prédio, acontecimentos que colaboraram para agravar suas dificuldades de sua existência.

Dois depoimentos revelam as implicações destas reformas para a biblioteca: um deles é da ex-diretora, o outro do ex-professor:

Com a reestruturação da escola de primeiro grau, a biblioteca se acabou. Da Delegacia de Ensino, mandaram que se abrissem classes e mais classes, inclusive o colegial. A escola não comportava naquela época. Em julho de 1975, a ordem que nós recebemos foi de que toda escola deveria ter as oito séries. Nós tínhamos apenas 6 salas de aula e tivemos que acabar com a biblioteca e o laboratório. Não tinha onde colocar os livros. A ordem da delegacia foi: “Põe no corredor da escola.” Desmantelou tudo. O corredor era aberto, no pátio aberto da escola, perto daquela árvore frondosa. Os livros começaram a sumir. As mesinhas se perderam. Sumiu tudo.

Portanto, a partir de 1976, o espaço que havia sido conquistado no prédio para a biblioteca desapareceu, o acervo ficou danificado, perdeu-se muita coisa, inclusive os móveis. E o poder público, que já não tinha se preocupado com a construção de uma sala apropriada para a instalação da biblioteca, também parece que passou a colaborar com a sua destruição, ou pelo menos com o seu mau funcionamento. É com pesar que a então diretora

³² Decreto nº 52.353 de janeiro de 1970 que instituiu a escola integrada de 8 anos, antecipando a lei 5692 do ano de 1971.

da escola na época conta como foi o desmanche. Neste mesmo ano iniciou-se a construção de mais quatro salas de aula. E a biblioteca, já bastante desfalcada, parcialmente destruída e sem a professora que havia liderado a sua criação e a funcionária que fazia as vezes de bibliotecária, foi alojada na sala 4, segundo depoimento do ex-professor de Português: *Depois da reforma, a biblioteca veio funcionar na sala quatro, dividida ao meio, metade era biblioteca, metade sala dos professores.*

Em seguida, não se consegue precisar a época e nem as razões, a biblioteca transferiu-se novamente com a sala dos professores para a antiga sala 9. Os depoimentos de ex-professores sobre esta segunda fase da história da biblioteca são sempre incisivos: *não me lembro muito bem. Essa biblioteca mudou tanto de lugar.*

Os primeiros anos da década de 80 são marcados por uma certa decadência geral do ensino público. Associado a isso, houve a aposentadoria de vários professores e da diretora, que estavam, há muito tempo, fixados na escola. Isso também refletiu na biblioteca, que continuou sendo transportada para várias e diferentes salas, sofrendo perdas e ficando cada vez mais desatualizada e paralisada.

Quase dez anos após a primeira reforma, veio a Segunda. Em 1985, houve mais uma reforma na escola. Durante a construção de mais quatro salas de aula no sobrado, a biblioteca, mais uma vez, sofreu uma destruição parcial. Com esta reforma, a escola, não só a biblioteca, foi toda detonada. Durante as obras, os livros da biblioteca foram todos jogados no chão de uma das salas como se fossem sucatas. Os livros foram desalojados da sala em que estavam colocados precariamente, para que esta pudesse alojar os pedreiros, portanto, o trabalho de transporte dos livros foi feito, provavelmente, pelos próprios pedreiros, pois os professores estavam em férias, e quando estes retornaram já encontraram a biblioteca novamente destruída. Esta informação aparece nos depoimentos de dois entrevistados: Dona Rita e Prof. Newton, respectivamente ex-servente e ex-professor de Português. Segundo ela, *quando construíram aquele prédio, os livros ficaram jogados. Eu estava de licença. Quando eu voltei fiquei muito triste. Os livros todos no chão, os alunos subiam em cima dos livros para alcançar na prateleira. Quando retornamos, em fevereiro, a reforma já havia sido iniciada e vimos a biblioteca desalojada para ceder espaço para o alojamento dos pedreiros. Os livros estavam todos amontoados, jogados mesmo. Ali se estragou muita coisa. E nós arrumamos depois, mas aquela biblioteca se acabou.*

Mais uma destruição e outra reconstrução. Com essa construção de mais 4 salas no segundo andar, em 1985, a biblioteca deixou sua “parceria” com a sala dos professores, na sala 9, e ganhou novo espaço, apesar da destruição parcial do acervo e provavelmente dos documentos relacionados ao seu funcionamento: livro de tombo, fichas etc. Ela foi reinstalada numa das salas do novo bloco, onde hoje funciona a sala-ambiente de Português.

Mas a biblioteca não permaneceu durante muito tempo no segundo andar. Considerando-se que a sala 13 era muito distante, decidiu-se pelo remanejamento novamente dos livros para o andar térreo e ela voltou para a sala 9, dividindo, mais uma vez espaço com a sala dos professores. Ocupou, depois disso, outras salas também. Nos depoimentos, não fica muito claro por quais salas a biblioteca passou e as datas destas mudanças. A verdade é que, quando se precisava de uma sala, era sempre a biblioteca que perdia espaço. Mais tarde a biblioteca viria a ocupar também a sala onde atualmente funciona a sala de informática. E para que esta existisse, desalojou-se a biblioteca, claro.

Os depoimentos são convergentes no que diz respeito à peregrinação da biblioteca pelas salas da escola: *Uma sala foi dividida para ser biblioteca e sala dos professores. ... A biblioteca andou muito de sala em sala. ... Não ficou muito naquela sala.* (ex-professores e ex-funcionários)

A falta de um espaço permanente para abrigar os livros, a troca constante de sala da biblioteca, a improvisação e o descuido podem ser indícios de uma compreensão muito frágil de biblioteca para a escola. Embora esteja presente no imaginário das pessoas a importância da leitura, principalmente na escola, local de seu ensino e reprodução, na prática as ações esperadas para com os livros e a biblioteca por parte do coletivo da escola parecem não acontecer. O descaso do poder público é flagrante. O “pessoal” da escola parece seguir as ordens de cima, sem questionar. Mas questiona. Só tem pouca força para manter o seu desejo. E, assim, a sala da biblioteca sempre é a primeira a ser deslocada, desmantelada. Recentemente, quando o Governo do estado de São Paulo enviou para as escolas um conjunto de 10 computadores, rapidinho a escola encontrou um espaço para alojá-los. Muitos livros foram também enviados às escolas, porém, encontrar um espaço para abrigá-los, especialmente, não teve tanta urgência. Talvez essa diferença de comportamento se explique de alguma forma. Difícil saber.

Em meados da década de 80, a Biblioteca Monteiro Lobato já estava bastante desfalcada e defasada, apresentando apenas um pequeno acervo de obras antigas, e sendo “interpretada” pela comunidade escolar como um depósito de livros velhos e mal cuidados: *Com esse vai e vem, os livros se perderam. Aquilo que sobrou naquela salinha, nós não chamávamos de biblioteca.* (ex-professor de Português)

Se a década de 80 foi uma época de quase abandono da escola pelos órgãos governamentais, foi também a época em que se começou a discussão de uma suposta crise da leitura. Desde meados da década anterior, as editoras haviam começado a lançar no mercado muitos títulos da chamada literatura infanto-juvenil. A divulgação desta “nova” literatura era feita através de algumas livrarias da cidade, que eram mediadoras na distribuição de livros para os professores, ou por representantes que visitavam as escolas, ou através de catálogos enviados para os professores. Isso permitiu que os professores passassem a ter acesso aos novos títulos de literatura feita para jovens, pois eram oferecidos exemplares para consulta. Mais tarde, logo no início da década de 90, as editoras começariam a trazer, para Campinas, as Salas de Professores.³³

A década de 80 foi também o período de divulgação das novas propostas para o ensino de Português, que enfatizavam a importância das práticas de leitura não só no processo de alfabetização, mas ao longo de toda a escolarização. São desse período os discursos que incentivavam o hábito de ler, o prazer de ler, a necessidade da escola formar o gosto pela leitura.

Também foi em meados dos anos 80, (1986) que uma nova professora de Português³⁴ chegou à escola. Em seu depoimento, ela descreve um pouco suas lembranças sobre esse acervo de livros que a escola guardava em uma das salas. Ela não tem muita lembrança do espaço reservado para a biblioteca. O que mais lhe marcou foi um pequeno acervo de livros de literatura que era guardado no armário da professora que havia se removido, cuja vaga ela ocupou. Quanto à biblioteca, refere-se vagamente como um local onde os alunos iam buscar livro didático.

³³ Segundo informações de um funcionário da Editora Ática, as chamadas salas de professores começaram a ser criadas a partir de 1990. As Editoras Ática, Moderna, FTD e Scipione foram as primeiras. Além da distribuição de catálogos de livros e doação bimestral de exemplares para consulta, estas salas ofereciam um local agradável para os professores consultarem os livros antes de levá-lo para casa e adotá-lo para a leitura de seus alunos.

Por isso ela fez muitos esforços para equipar “a biblioteca” com livros novos da chamada literatura infanto-juvenil. Durante alguns anos, ela (novamente uma professora de Português) conseguiu formar um bom acervo com livros cujo aspecto, temática, forma de abordagem da língua eram mais atraentes às crianças e jovens. A biblioteca renovou-se, pelo menos parcialmente. Segundo depoimento desta professora, *aos poucos eu fui correndo atrás dos livros paradidáticos. Cada hora eu ia numa livraria, porque nós não tínhamos casa do professor. Eu recolhia centavos de cada aluno e comprava, também recebia cortesia das editoras. E assim eu fui montando um acervo.*

No entanto, ainda não passava de um “depósito de livros”, segundo depoimento da secretária e ex-aluna da escola, pois as caixas de livros doadas eram incorporadas ao acervo sem nenhuma organização ou seleção, simplesmente se guardava a caixa com livros no espaço que era reservado para a biblioteca.

Além do acervo organizado por esta nova professora de Português que trabalhava com alunos da 5ª a 8ª séries, data de 1987 a presença de um estagiário da Unicamp que tentou reorganizar o acervo que sobrara da biblioteca “Monteiro Lobato”. Marcas desta organização da biblioteca estão presentes no livro de tombo existente na escola. Muitos livros de literatura, destinados mais às crianças das primeiras quatro séries do ensino fundamental, estavam ali registrados. Provavelmente, foram livros enviados pelo governo do Estado, em seu programa de incentivo à leitura através do Projeto “Salas de leitura”. Ninguém na escola foi capaz de se lembrar disto, mas nesta época, como eu já era professora em outra escola pública e pude constatar a presença de muitos títulos de literatura enviados pelo Governo do Estado de São Paulo para as bibliotecas das escolas em que trabalhei. A presença deste estagiário também aparece no depoimento da atual secretária da escola: *Nós tivemos um estagiário da Unicamp, há uns 10 anos atrás. A biblioteca já tinha se transferido para onde é, hoje, o arquivo morto. Ele fez registros num livro, fez fichas.*

Então, um ano após a Segunda reforma feita no prédio para ampliação do número de salas de aula, o empenho de uma professora (num “coletivo” aparentemente

³⁴ Margarida Maria Santos Zambelli foi professora de Língua Portuguesa de 1986 a 1997 e concedeu-nos

despreocupado) é uma força de reconstrução, de resistência. Algo imprescindível à vida da biblioteca e dos livros na escola mesmo que a “vida”, por ter uma forma diferente daquela idealizada para os livros numa escola, seja constantemente significada como uma não-vida.

Nos anos 90, as coisas não se modificaram muito em relação à biblioteca. Nos depoimentos de professores da época, percebe-se que ela ainda sofreu algumas destruições. Depois de muitas andanças, que incluíram sala de professores, sala de informática, sala de aula e arquivo morto, finalmente o acervo da escola passou a ocupar uma salinha de 2,5 por 2, 5m, que fica entre a sala dos professores e a secretaria. Ninguém soube precisar em que ano isso ocorreu.

Foi nesta salinha que a encontrei quando cheguei à escola, em 1994. Fica mais fácil, para mim, contar a história desta biblioteca a partir de minhas vivências neste lugar. A certeza que tenho é que, nesta época, ela estava ali alojada, nesta pequena sala entre a secretaria e a sala dos professores. Lembro-me bem do seu aspecto. Era uma saleta que abrigava os livros, em estantes cuja arrumação não obedecia a nenhum critério visível. Muitos livros didáticos, enciclopédias, todas incompletas, alguns exemplares de livros de literatura bem velhos e uma estante com uns 300 exemplares da chamada literatura infanto-juvenil. Muitas vezes vi a chegada de caixas de papelão contendo livros velhos que eram doados pela comunidade do distrito. Segundo depoimento da secretária da escola, esta prática de doação de livros à escola sempre foi muito comum. Moradores do bairro, pais de alunos, ex-alunos e até donos de livrarias do distrito, muitas vezes sem aviso prévio, sempre descarregavam (e descarregam ainda), na escola, caixas com livros usados, mas em bom estado. Entre eles se encontram livros didáticos, de literatura, coleções. Segundo ela, estas caixas com livros eram incorporados ao acervo sem nenhum critério. O mesmo parece ocorrer com os livros que são enviados pelo poder público, efeitos de suas campanhas de promoção da leitura. Parece não haver uma recepção adequada aos livros, nem controle de chegada e de distribuição dos mesmos. Ou os professores interessados cuidam dos livros, ou eles se perdem.

Nos três primeiros anos em que trabalhei na escola (94/95/96), pude perceber que a professora de Português, que chegara em 1986 e com quem trabalhei alguns anos, não cuidava do acervo, que ficava nesta salinha de 2,5 X 2,5 m, mas mantinha ali, em separado,

uma prateleira com estes 300 exemplares de livros de literatura infanto-juvenil, que ela própria conseguira através das doações das editoras e dos quais fazia uso com seus alunos.

Logo após minha chegada, em 1994, a direção da escola mudou e inaugurou-se uma época em que esta salinha, ao lado da secretaria e que abrigava o acervo de livros, passou a permanecer aberta, o que viabilizava o acesso livre de alunos, professores, funcionários, mas também produzia inúmeros problemas decorrentes da ausência de um bibliotecário ou responsável que controlasse a retirada, a devolução e a organização dos livros, razão pela qual esta professora, que mantinha ali o acervo obtido ao longo de anos de trabalho, passou a guardá-lo num armário fechado na sala dos professores.

Em 1996, alguns professores da escola iniciaram um projeto de pesquisa em parceria com a Unicamp. A biblioteca, que ainda ficava entre a sala dos professores e a secretaria, saiu desse lugar e foi para uma das salas do andar superior, a sala 13, local que já havia ocupado nos anos 80, que era maior e que abrigaria um espaço multimídia, para uso do pessoal envolvido no projeto de pesquisa com a universidade. Ali, o acervo ficaria ao lado de um aparelho de TV, um retroprojetor, um conjunto de cadeiras de braço. Esta decisão visava garantir um lugar para as aulas eventuais, planejadas especificamente no interior do projeto FAPESP. *Nessa mudança, parte do acervo foi descartada*, conta a ex-professora de Português. Eu, nem sequer vi a mudança. Tenho lembrança de ter dado uma aula neste espaço da sala de multimídia, em 1997, a pedido de uma professora que fazia parte do projeto e me espantei com aquele espaço criado na escola, do qual eu não tinha conhecimento. Marcou-me, sobretudo, o aspecto sombrio da sala: duas paredes com livros, em estantes abertas, uma cortina, bem escura, cadeiras, uma TV. Não era um lugar acolhedor, foi o que senti.

Mais uma vez, percebe-se que as mudanças nos espaços da escola se realizam à revelia do corpo de professores e de uma política definida em conjunto. Os professores desconhecem a escola e seus espaços, além da sala de aula. As reuniões que definem as decisões da escola não contam com a participação de todo o quadro docente. Por isso, alguns são pegos de surpresa com a criação de novos espaços.

A partir de 1995, o Governo do estado de São Paulo deu início à distribuição de livros de literatura e paradidáticos no PNLD³⁵. Em 1997, enviou às escolas um acervo de

³⁵ PNLD = Plano Nacional do Livro Didático.

obras que haviam sido escolhidas por nós. Permitiu que os professores, em vez de adotarem livros didáticos, que eram distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático, pudessem adotar acervos de livros de literatura para compor bibliotecas; e ainda enviou um montante de dinheiro que poderia ser usado na compra de outros livros. Como não havia quem tomasse conta da biblioteca, agora “instalada” na sala de multimídia, nós, professores do ensino fundamental, decidimos colocar esse acervo recém-chegado no armário fechado na sala dos professores que já guardava um acervo organizado pela ex-professora de Português. Encapamos e registramos todos os livros, que seriam levados pelos professores às salas de aula em caixinhas ou carrinhos, para serem usados em aulas de biblioteca de classe. Compramos um livro de tombo para registrar esses livros. Não tínhamos conhecimento, naquela época, da existência do livro de tombo da antiga biblioteca. Na época desta pesquisa, este livro infelizmente não foi encontrado.

A sala criada para funcionar como multimeios somente era usada pelos professores que faziam parte do Projeto Fapesp, a maior parte deles do ensino médio. Nós, do ensino fundamental, levávamos para nossas salas um conjunto de livros que cada professor separava para suas turmas em caixinhas e fazíamos biblioteca de classe.

Nessa segunda fase da biblioteca, bastante distinta da primeira, bastante marcada por dificuldades, fica evidente a resistência dessa biblioteca em relação às forças que por diversas vezes parecem ter tentado destruí-la por completo. A biblioteca, que até 1975 funcionara de forma organizada, regulamentada, dinamizada em uma sala própria para isso, se desinstala, se desregula e se converte, após essa data, em dois conjuntos de obras: um que é remanescente da biblioteca “Monteiro Lobato”, e do qual ninguém se ocupa e pelo qual ninguém se responsabiliza de fato. Outro que se constrói (novamente) pela ação de uma professora de Português, que chega à escola em 1986 e que é complementado por um novo conjunto que chega à escola em 1997 pela ação de outras professoras de Português. Enquanto um permanece “inativo” em diversos espaços, alguns bem reduzidos e sem acesso livre, o outro é gerenciado diretamente pelos professores, que o disponibiliza aos seus alunos, nas salas de aula.

Fica evidente que aquele espaço que acolhe os livros remanescentes da Biblioteca Monteiro Lobato não é mais entendido por muitos na escola como uma biblioteca, mas sim como um amontoado de livros, impossível de servir como uma

biblioteca escolar. No entanto, na prática, o depoimento da professora de Português, Margarida, revela uma reinvenção do espaço destinado a uma biblioteca ativa. Em seu depoimento, aparece a busca de uma forma, mais ou menos em moda nos anos 80 de fazer um conjunto de livros chegar até os alunos, através de uma espécie de biblioteca ambulante.

O que faz mais sentido neste relato? Apontar para as ações individuais ou de pequenos grupos que ao longo desses vinte anos deram uma forma plural a essa biblioteca, garantindo sua existência ou sobrevivência. A Biblioteca Monteiro Lobato desapareceu sim. Mas sobrevive não apenas na lembrança melancólica de ex-alunos e professores, mas em outras formatos e jeitos de ser, que se alternam nesses anos.

Além de falar sobre o local e mobiliário, acervo e organização da biblioteca, Lopes (1998) também sugere espaços e formas alternativos para a biblioteca e ensino da leitura; a) caixa volante, b) Biblioteca de classe, c) troca de livros e d) Banco de textos. Neste período da existência da biblioteca na escola, significada, muitas vezes, como um depósito de livros velhos e desatualizados pelos entrevistados, a sugestão da autora, parece estar presente no processo de reinvenção do espaço para o ensino da leitura na escola pelos professores de Português.

Assim, ao lado da força que quer destruir a biblioteca, há sempre uma força que quer construí-la, que a faz viver numa forma particular. A comunidade escolar agora se vê sozinha nesse processo de resistência, sem o apoio da comunidade do bairro, que dela se distanciou. E, como no processo de instalação da biblioteca, agora nesta fase de resistência, é marcante também a presença de professoras de Português.

Percebe-se também, através dos depoimentos, a existência de uma representação ideal do que seria uma biblioteca escolar adequada. Consideremos o saudosismo de alguns em relação à fase inicial da biblioteca. Um saudosismo que não anula a força que permite a permanência ainda hoje de parte do acervo da Biblioteca Monteiro Lobato na escola. A comunidade escolar, mais engajada, ou menos engajada no processo de resistência, tenta mantê-lo vivo, ou guardado numa pequena salinha, ou dinamizando-o através da circulação de livros na escola.

Nery (1998) fala sobre os tipos de bibliotecas escolares que se encontram nas escolas, tanto públicas como privadas, que vão desde “depósitos de lixo”, até espaços que, embora não sejam sofisticados, possuem um acervo organizado, selecionado, pois a

comunidade escolar tem a coragem de se desfazer de doações inúteis à clientela escolar, e é capaz de reencadernar e consertar livros que acabam se estragando pelo uso. Para ela, a biblioteca escolar não precisa iniciar-se com muitos livros, desde que sejam úteis.

Nesta segunda fase da biblioteca, o acervo que restou da Biblioteca Monteiro Lobato, após a reforma de 1976, somadas às doações sistemáticas feitas pela comunidade, tudo guardado naquela saleta ao lado da sala dos professores, em 1994, não era formado somente de obras inúteis para a comunidade escolar. Muitos daqueles livros ainda permanecem no nosso acervo atual, mesmo depois de termos feito a seleção que se fez necessária em 1998, quando iniciamos o processo de construção de nossa sala-ambiente de Língua Portuguesa. Mas o que havia, em 1998, em nada se parecia com a biblioteca escolar como “centro do fazer educativo”, num espaço agradável, com estantes baixas, cestos de livros, um canto descontraído para leitura, mesa ou carteira com cadeira para momentos de ler e escrever, de ler e desenhar, estantes divididas por assuntos ou interesses, como propõe a autora.

Carvalho (1998) também reforça a necessidade de um ambiente agradável, aconchegante, bem ventilado, iluminado, silencioso, limpo, com mobiliário adequado, organizado, bem decorado, tão distante do que encontrei na escola quando cheguei em 1994 ou da situação existente, em 1998, quando comecei a organizar a sala-ambiente de Língua Portuguesa, incorporando as estantes de livros.

Os deslocamentos, acertos e desacertos da biblioteca escolar “Monteiro Lobato”, desde sua criação, em 1967/8 até 1998, percebidos através dos depoimentos e pela pesquisa documental, constroem uma história que não é muito diferente da história de muitas bibliotecas escolares, ou mesmo bibliotecas públicas. Na busca das práticas de leitura na cidade de Goiânia, desde o criação desta cidade, 1933, até 1959, Melo (2002:45;47) mostra como foi organizada a biblioteca pública de Goiânia,

pela iniciativa de um grupo de mulheres que organizaram um baile do livro, cujo ingresso para os senhores era um livro. Mostra ainda que a falta de verbas e a necessidade de espaço que abrigasse o acervo que se pretendia aumentar, suscitaram vários deslocamentos da Biblioteca Pública. Deslocamentos de espaço e de identidade.

Além da mudança de local, ela teve seu nome modificado por três vezes. No mesmo trabalho, a autora cita pesquisa feita por Schapochnik (1999:10) que

constata que as bibliotecas e os gabinetes de leitura do Rio de Janeiro, no século XIX, tiveram uma existência crítica pela cidade do Rio de Janeiro, ocupando desde as dependências de hospitais e quartéis até quartos de hotéis e casas particulares. Os funcionários e administradores se viam obrigados a encaixotar os livros e desmontar parte do mobiliário para depois realizar a operação inversa, remodelando a biblioteca de acordo com as novas instalações.

A autora também constata as mesmas queixas nos depoimentos dos arquivistas da Biblioteca Pública de Goiânia que lhe concederam entrevistas.

Quanto à falta de pessoal especializado para cuidar da biblioteca, a autora relata que o Liceu de Goiânia,

apesar do regimento prever o cargo de bibliotecário, diretamente subordinado ao Diretor, ex-professor e ex-alunos não se lembram de um funcionário especializado fazendo um trabalho sistemático na biblioteca do Liceu. Vários funcionários e até bedéis fizeram o papel de bibliotecário (p.60).

Percebe-se, portanto, que a precariedade de instalações, funcionamento e de pessoal especializado para cuidar das bibliotecas escolares é algo presente em várias bibliotecas escolares e bibliotecas públicas do país. Mas, não só do país. Em recente encontro sobre leitura realizado na cidade de São Paulo³⁶, vários congressistas da França, Canadá e Portugal expuseram dados sobre as dificuldades das bibliotecas escolares em seus países.

Evidentemente com problemas menores, as bibliotecas escolares dos países do primeiro mundo também apresentam suas dificuldades. Em palestra proferida no encontro, o Prof. Dr. Max Butlen, do Institute Universitaire de la Formation des Maitres d’Etiolles/França, afirmou:

³⁶ VI Encontro Estadual de Leitura – São Paulo/2002, promovido em 21/23 de outubro, pela PROLER e Departamento de Bibliotecas Infanto-juvenis.

depois de 25 anos de implantação de projeto de bibliotecas escolares, na França, percebe-se que: a) para o curso primário, não há bibliotecária, o professor faz esse papel, no entanto há mais cooperação [entre bibliotecas públicas e bibliotecas escolares] que nos níveis mais adiantados; b) no segundo grau, há menos cooperação, mas existe a presença do bibliotecário.

Constata, também, que 70% das escolas que possuem bibliotecas (portanto há escolas que não possuem) não possuem bibliotecário. Portanto, a permanência da biblioteca na escola é frágil e de difícil manutenção, exigindo-se, assim, do professor dedicação à biblioteca, sem pagamento extra, ficando este soterrado de atividades.

A Profa. Dra. Suzanne Pouluot, da Universidade de Sherbrooke/ Canadá, apresentou em sua palestra dados estatísticos sobre bibliotecas escolares de seu país:

42% das escolas têm local reservado para a leitura, enquanto que o restante divide espaço com artes plásticas e visuais. Revela ainda que na década de 90, houve um empobrecimento dos acervos, bibliotecários perderam seus empregos e foram substituídos por um documentólogo ou técnico de documentação com nível menor, ou ainda por pais e amigos da escola que recebiam uma forma pontual de atuação pelo ministério da cultura.

No entanto, afirma ainda em sua apresentação, que muito incentivo à leitura é promovido pelo governo canadense, principalmente nas regiões francófonas, que apresentam um atraso em relação às regiões do país em que se fala a língua inglesa no que se refere à leitura.

OS LIVROS SE ESPALHAM PELAS SALAS-AMBIENTE

Na terceira fase da história desta biblioteca, o acervo concentrado na sala de multimeios se espalha pela escola. Isso se deu em 1998, quando o Governo do Estado incentivou a implantação das salas-ambiente, nas escolas da rede. Diante da necessidade de rever a distribuição de aulas e áreas de conhecimento do currículo escolar pelas salas existentes, a recém criada sala de multimeios (onde estava o acervo da antiga biblioteca “Monteiro Lobato”, desde 1996) transformou-se numa das salas-ambiente de Língua

Portuguesa. Mais uma vez a biblioteca perdeu o lugar na escola, pois o local em que estava e que também servia como local para as sessões de vídeo, etc. transformou-se em sala de aula, ou melhor, sala-ambiente. Desta feita, porém, o acervo repartiu-se em lotes que foram alocados nas diferentes salas: Português, História, Ciências, Artes etc. Parte dele é novamente descartado em função de uma avaliação mais condizente de uso e adequabilidade para o trabalho em Língua Portuguesa e demais disciplinas.

Essa decisão não foi tomada coletivamente, refletidamente. Não houve na escola nenhum questionamento também, nem de professores, nem de alunos, ou de funcionários, sobre o fim da sala de multimeios/biblioteca, mas não foi uma decisão para mim sem conflitos internos inúmeros. Como colocar fim a uma biblioteca? Como uma escola sem biblioteca? Mas que biblioteca? Com quem responsável? Em que espaço? Com que vida? Articulada a que trabalhos? Sob quais cuidados? Trancada em armários? Ou sem qualquer vigilância?

Talvez, ali, sob o cuidado direto dos professores de cada disciplina e bem próxima das atividades de aula, a biblioteca pudesse se revigorar e funcionar melhor.

Do acervo que permaneceu na sala 13 e está na sala ambiente de Língua Portuguesa já nos ocupamos no início deste trabalho, mas há outros acervos espalhados nas outras salas-ambiente da escola.

Coleções de livros didáticos das diversas áreas do currículo ocupam as estantes das várias salas de aulas. São livros destinados ao Ensino Fundamental, já que o poder público não envia livros para o Ensino Médio. Este tipo de coleção só não foi encontrado nas salas de Inglês e de Educação Artística.

As enciclopédias remanescentes do antigo acervo, somadas às doadas recentemente pela comunidade, ocupam as estantes, principalmente das salas de Ciências, de História e da outra de Português; em estantes abertas, que permitem o acesso direto e o manuseio em maior liberdade, ao menos em tese.

Por volta de 220 exemplares de paradidáticos estão nas estantes abertas da sala de História. Muitos deles formam conjunto de 30 exemplares de um mesmo título.

Dos 1200 livros enviados em 2002 para o Ensino Médio, a maior parte está guardada na sala 13; o restante permanece em armários fechados nas seguintes salas: na sala de Matemática há 40 exemplares; na de História há outros 40, e na sala de Ciências

(Biologia, Química e Física), na sala 9, onde funciona um laboratório e sala de multimeios, há 60 exemplares.

Em outra sala de Biologia e Ciências, junto aos didáticos, há 12 livros paradidáticos e um conjunto de revistas *Ciência Hoje*, em estantes abertas.

Na sala usada para Inglês há uma única estante de livros com poucos didáticos de diferentes editoras, livro do professor, e não um conjunto para os alunos, como nas outras salas. Porém há por volta de 40 livros de literatura, alguns enviados pelo PNLD.

Como se vê, o acervo diversificado, em sua grande maioria, fica nas estantes abertas e nas estantes fechadas da sala de Língua Portuguesa. Quanto às demais salas, nas estantes abertas estão predominantemente os livros didáticos e enciclopédias, mas os paradidáticos ficam trancados em armários fechados e se somam por volta de 160 livros.

Por volta de uns 150 livros estão acomodados em estantes abertas na sala dos professores, na sala da diretoria, muitos que foram enviados pelo PNLD e para o Ensino Médio.

FORMAS DE CONSTITUIÇÃO DO ACERVO DE NOSSA BIBLIOTECA

O primeiro acervo de livros da escola, antes mesmo da inauguração da Biblioteca Monteiro Lobato em 1966, foi composto por livros dos alunos e da própria professora, Dona Lucy. Era um acervo circulante.

Segundo Perrotti³⁷, há três conceitos de bibliotecas: biblioteca como “conservação” da memória da sociedade; biblioteca como “difusão cultural”, que responde ao ideal iluminista de promoção da cultura; e biblioteca como apropriação da cultura, em que deve haver um diálogo entre o aluno e o espaço da biblioteca através de práticas mediadoras que permitem a apropriação. Para ele os dois primeiros tipos não são os mais adequados para a educação. Assim, defende o conceito da biblioteca interativa, que admitindo a apropriação cultural, transforma-se num ideal de biblioteca escolar.

Partindo desse conceito de biblioteca, como apropriação, podemos considerar um acervo de livros uma biblioteca. Uma caixa de livros, que fica guardada numa saleta

³⁷ Edmir Perrotti, Departamento Bibliotecas da ECA-USP, em palestra proferida em 15/05/2002, na FE-Unicamp

escura da escola, ao entrar numa sala de aula iluminada e movimentada por 30 ou 40 crianças, que podem manusear os livros, folheá-los, lê-los, emprestá-los, ganha status de uma biblioteca, pois os livros deixam de estar acumulados e conservados para ganhar o espaço da circulação, das interações, das apropriações.

O acervo da biblioteca Monteiro Lobato vem sendo constituído de várias formas: por doações, por compras e por campanhas promovidas pelo poder público. Na primeira fase da biblioteca (1968/1975) predominou a **compra** e a **doação**. Na segunda predominaram a **doação** e as remessas do governo. Já na terceira, as campanhas do governo foram bem superiores às doações e mesmo às compras. Uma ata da APM (Associação de Pais e Mestres) de 11/08/69, por exemplo, documenta a decisão da compra da Enciclopédia Universal para a biblioteca. Noutra, de outubro de 1971, registra-se o pagamento desta enciclopédia. Um exemplar da *Consolidação das leis* do Governo do Estado de São Paulo, foi comprado em 07/06/68; assim como várias enciclopédias: *Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo*, de Fernando Bastos Ávila, sem data; *Enciclopédia Barsa*, em 20/10/71; *Enciclopédia Universal*, em 17/06/69; *Enciclopédia Delta Larousse*, em 05/10/72; *História do Brasil*, de A. Souto Maior.

Percebe-se nesta fase um interesse em formar uma biblioteca na escola que não servisse somente alunos, mas também professores em seus interesses trabalhistas e profissionais. A enciclopédia parece ser uma fonte importante de pesquisa escolar que, embora traga informações superficiais dos assuntos pesquisados, consegue tratar de um número grande de assuntos. Diante de uma escola sem livros, a enciclopédia parecia ter seu papel importante. A biblioteca era vista como um lugar de busca de informações para resolver tarefas escolares.

O livro de tombo confeccionado especialmente para a biblioteca do então Ginásio Estadual Barão Geraldo de Rezende traz alguns registros importantes. Embora antes de 1973 os livros da biblioteca fossem registrados em cadernos, (que não foram encontrados) segundo depoimento da ex-professora de Português³⁸, em 16/03/1973 o livro de tombo, que foi consultado para essa pesquisa, apresenta várias páginas preenchidas, com informações na seguinte ordem: data, número do tombo, nome do autor, título da obra, volume, casa editora, local, edição, ano, compra ou doação, preço e observações.

Os registros iniciaram-se em 16/03/73 e se prolongaram até 05/01/74, quando aparece o último registro desta primeira fase. Há 1102 livros de estudo e de literatura tombados. Da relação constam 647 exemplares de livros de estudo, didáticos e de legislação, como por exemplo: *Código Civil Brasileiro*, de Manoel Augusto Vieira Neto, *Psicologia Educacional*, de Lannoy Dorin, *Aprendizagem*, de A. Mednick Sarnoff e outros. Há também 26 livros religiosos, como *Minha vida cristã*, de Monsenhor Álvaro Negromante. Estão presentes 278 livros de ficção brasileira e estrangeira, como por exemplo, *O gigante Gargantua*, de François Rabelais, *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos. Muitos de José de Alencar e outros de Monteiro Lobato, Francisco Marins, Malba Tahan, Conan Doyle também são registrados. Além destes, são registradas várias enciclopédias: 14 volumes da Barsa, Dicionário Barsa, Enciclopédia Universal, em 10 volumes, Trópico, em 10 volumes.

Esses registros são resultantes de um esforço mais sistematizado de organização da biblioteca Monteiro Lobato feito por uma estagiária de biblioteconomia da Puccamp, que havia sido aluna da escola e que em entrevista confirmou sua atuação na escola em 1974.³⁹

A noção do que seria um bom acervo escolar naquela época parece diferir um pouco da nossa atualmente. Para nós, hoje, uma biblioteca escolar deve ser formada por um acervo bem diversificado, principalmente de livros de ficção, de paradidáticos das diversas áreas do currículo para servirem como leitura de entretenimento associada à busca de informações. Parece que naquela época, a preocupação com a leitura lazer estava bem definida como a leitura dos clássicos brasileiros e universais. Aquela leitura mais próxima da criança e do adolescente não aparecia registrada nos arquivos, mesmo porque a divulgação desta só iniciaria de forma mais intensa a partir da década de 80.

Os registros parecem revelar também que havia uma preocupação na formação de um acervo que servisse para a formação moral, para o civismo, para a religião. A biblioteca parece oferecer a “boa” leitura já consagrada pelo cânone.

Neste livro, há também o registro, em 15/06/1974, de 27 exemplares de *Caçadas de Pedrinho* e 40 exemplares de uma *Antologia Escolar de Contos Brasileiros de*

³⁸ Depoimento da professora D. Lucy, idealizadora e mentora da instalação e criação da Biblioteca Monteiro Lobato.

³⁹ Odete Moretti Dalben, que nos concedeu entrevista maio de 2003.

Hoje, de Renard Perez, publicados em 1971. Estas informações também aparecem no depoimento do ex-professor de Português, Newton Gobbo:

Nós tínhamos a coleção de Monteiro Lobato, não dizer a coleção inteira, mas Narizinho, Reinações de Narizinho, Dona Benta, Geografia de Dona Benta, Viagem do céu de Dona Benta, agora eu não estou me lembrando, eram 5 obras de Monteiro Lobato, mais ou menos. Havia 35 livros de cada um com numeração...

Grande parte destes livros ainda está nas prateleiras da sala-ambiente, juntamente com outros conjuntos de livros de 25 a 30 exemplares cada um, como por exemplo: *O Burrico Lúcio*, de Léo Vaz, *As aventuras de Tibicuera*, de Érico Veríssimo, *Xisto no espaço*, de Lúcia Machado Almeida, A presença de vários exemplares de um mesmo título, adquiridos nos anos 70, tanto no livro de tombo como, ainda hoje, nas prateleiras da biblioteca pode revelar uma concepção de ensino de leitura da época, que entendia o ensino da leitura como possível somente unificando o que e quando os alunos deveriam ler. Visão que parece modificar-se nas fases seguintes.

Durante a segunda fase da biblioteca (1976/1997), um período bastante conturbado para o acervo, devido às sucessivas mudanças de lugar, parte do acervo foi perdido e não houve mais um registro sistemático no livro de tombo. Ao lado das perdas, novas "aquisições" feitas também por **doações** espontâneas da comunidade em geral, mas das quais não foram encontrados registros, e sequer registros de **compra** nesta época. No entanto, o livro de tombo registra a passagem de um estagiário da Unicamp em 1986/87 que tentou uma nova organização. Ao lado dos registros do primeiro acervo, entre 19/06/87 a 28/07/87, encontram-se registrados 314 livros de literatura. Neste conjunto, a chamada literatura infanto-juvenil aparece catalogada. Muitos livros infantis com até três exemplares cada um, provavelmente distribuídos pela FAE (Fundação de Assistência ao Escolar); alguns destes exemplares estão ainda presentes no acervo da sala 13. Posteriormente, em 27/06/89, houve o registro de apenas um livro.

Ao todo, esse livro de tombo registra 1417 livros. Uma parte, que foi registrada na primeira fase do acervo e uma outra, já na segunda fase, em que tudo parecia desmantelado, mas entre as perdas, havia também ganhos, através do que o governo enviava de livros para as escolas e também das doações espontâneas. Soma-se também o

pequeno acervo circulante formado pela professora Margarida que chegou na escola em 1985, mas que não estava registrado no livro de tombo; e ocupava uma das estantes da biblioteca.

Forçosamente, nesta etapa, houve a predominância de um acervo diversificado. Agora parecia impossível compor a biblioteca com vários exemplares de cada título. Não se comprava mais livros. Mesmo o esforço do poder público em enviar livros de literatura para as escolas, não obedecia a essa premissa de que todos deveriam ler ao mesmo tempo o mesmo livro.

No entanto é somente na fase seguinte que essa visão de ensino de leitura que se baseia na possibilidade de ensinar a ler, mesmo que cada aluno leia um livro diferente do outro em determinado momento, começa a ficar mais evidente.

A terceira fase (1998/2003) foi iniciada com o Projeto de Pesquisa FAPESP. Como vimos, o acervo que permanecera na escola e que ocupava a sala de multimeios recém criada em 1997 é todo reorganizado. Excluiu-se dele muita coisa. Uma parte de obras especializadas de cada disciplina foi enviada às outras respectivas salas-ambiente de História, Geografia Ciências etc. Uma parte, considerada desinteressante à faixa etária dos alunos, foi excluída e doada para outras instituições da cidade.

O acervo que permaneceu na sala-ambiente de Português foi todo catalogado e registrado, neste momento. Um montante de 1242 livros foi registrado e criou-se um catálogo por ordem alfabética de autores. Os livros foram também classificados em vários grupos: Literatura brasileira, Literatura estrangeira, Contos, Poesias, Biografias e Cartas, Teatro, Literatura de Informação.

Nesta fase, de forma bem mais constante que a anterior, o acervo cresceu muito devido aos programas de incentivo à leitura feitos pelos Governos Federal e Estadual, que enviaram vários lotes de livros na década de 90 e a partir do ano 2000. Porém, a escola continuou recebendo doações espontâneas da comunidade.

Assim, não só da compra e das doações espontâneas da comunidade fez-se o acervo de livros da escola Barão Geraldo de Rezende. Além do primeiro registro de livros datado de 1973, no livro de tombo, em 1987, existe o registro de 316 livros. Acreditamos (não há nenhuma anotação) que parte deste acervo, ou todo ele, registrado em 1987, tinha sua origem em programa do poder público de distribuição de livros às escolas. Muitos

títulos com três exemplares cada um. Toda a obra de Monteiro Lobato, alguns da chamada literatura infanto-juvenil, como *O mistério do cinco estrelas*, de Marcos Rey; alguns clássicos brasileiros, como *Ana Terra*, de Érico Veríssimo, *O coronel e o lobisomem*, de José Cândido de Carvalho; muitos infantis, como *Panela de Arroz*, de Luís Camargo, *Todo Dia*, de Eva Furnari.

Na década de 80, o Governo do Estado de São Paulo passou a enviar coleções de livros para compor acervos de bibliotecas ou salas de leitura⁴⁰ das escolas da rede. Analisando os exemplares que compõem o acervo atual da escola, pode-se verificar a presença de vários livros com selos de diversas campanhas em prol da leitura, tanto de iniciativa do Governo Estadual como do Governo Federal. No final dos anos 80 e nos anos 90, o acervo começa a receber outros tipos de livros, diferentes daqueles que constam no livro de tombo. Nesta época, começam a aparecer livros com o selo MEC/FAE/PNLD. Livros editados em 1988 e que pertencem à safra de livros infanto-juvenis que começou a invadir o mercado nos anos 70. Um exemplo é o livro *Contos da rua Brocá*, de Pierre Gripari, da Editora Martins Fontes, editado em 1988 e que traz o selo da FAE/MEC do Programa Nacional: Salas de Leitura/Bibliotecas Escolares.

Nos anos 90, outros acervos foram enviados pela Secretaria da Educação. Vários exemplares editados nesta época também podem ser encontrados nas estantes da sala-ambiente. Entre eles estão: *O guardador de rebanhos*, de Fernando Pessoa, da Editora Princípio. Este exemplar foi editado em 1997 e traz o selo em sua capa do Programa Nacional: Salas de Leitura/Bibliotecas Escolares. Editado em 1993, pela Editora Atual, *As novas viagens do marujo verde*, de Gláucia Lemos também revela a presença de livros da chamada literatura infanto-juvenil, dos anos 70.

A partir de 1995, quando o governo do Estado, de São Paulo passou a fazer a distribuição dos livros do PNLD, em separado⁴¹, permitindo também a chegada de livros não didáticos às escolas, vários acervos foram enviados para a nossa escola. Agora com novos selos: FNLD/FNDE/MEC/FDE/Secretaria de Estado da Educação. Do PNLD de 1998, temos um exemplo: *Para Gostar de Ler-volume 1 – crônicas*, de Carlos Drummond

⁴⁰ Salas de leitura foi um programa de incentivo à leitura criado pelo governo Federal, como forma de incentivar a leitura nas escolas que não possuíam biblioteca e bibliotecária.

⁴¹ PNLD é um programa de aquisição e distribuição de livros do Governo Federal surgido na década de 60. Desde 1995, o FNDE repassa recursos para o Governo do Estado de São Paulo que se responsabiliza por toda a execução do programa no Estado. Desde 2000, o serviço em São Paulo está plenamente informatizado.

de Andrade e outros, da Editora Ática. Do PNLD de 1999, a coletânea de contos, da Editora FTD, *Setecontos Setecantos-volume 1*. Do PNLD de 2000, foi encontrado o volume adaptado de *Robinson Crusóe*, de Daniel Defoe. A partir de 2000, os livros do PNLD também passaram a trazer outro selo na capa, marca do então Governo Estadual: Escola de Cara Nova, da Secretaria de Estado da Educação. Uma coletânea de contos, *Contos e Lendas do Nascimento de Roma*, de François Sautereau, da Editora Companhia das Letras é um exemplo de livros enviados pelo PNLD de 2001.

Neste acervo fica clara a visão de uma biblioteca escolar, cujo acervo é diversificado: contém obras do cânone, mas também a nova literatura infanto-juvenil de boa qualidade que passou a ser lançada com mais frequência devido ao incentivo à produção a valorização deste tipo de literatura.

Em 2002, a escola recebeu por volta de 1.200 livros, através do Programa de Melhoria e Expansão do Ensino Médio. Deste acervo de quase 1200 livros, 755 ficaram na sala-ambiente de Português. Entre eles, um exemplar de um livro de poemas de Pablo Neruda, *Vinte Poemas de Amor e uma Canção Desesperada*, da Editora José Olympio.

Se estes programas de promoção de leitura feitos pelo poder público são concebidos numa visão salvacionista através da leitura; se eles não atingem a essência da problemática da leitura numa visão sócio-política-cultural; se eles buscam tão somente a promoção da necessidade da leitura entre crianças e jovens numa visão pragmática; se eles acreditam que só com a distribuição dos livros e com a boa vontade dos professores a problemática da leitura no Brasil se resolverá (Perrotti: 1990), aqui não os analisaremos sob esse aspecto, mas na visão de que esses livros, simplesmente, chegaram à escola de Barão e passaram a compor a Biblioteca, trazendo consigo um modelo novo de ensino de leitura: trabalhar com a leitura diversificada em que o professor não precisa ter lido todos os livros que seus alunos lêem, não precisa exigir que todos os alunos leiam a mesma obra, ao mesmo tempo, em que é possível fazer um trabalho de incentivo à leitura com um universo diversificado de títulos e livre de avaliações.

O nosso acervo, portanto, é constituído de doações, compras e do envio de coleções pelos programas de incentivo à leitura. Excluindo-se a primeira fase da história deste acervo, em que uma pessoa era designada para cuidar dos livros, as formas de

recepção deste material pela escola, ao longo de 20 anos, tem se revelado frágil, desordenada e até mesmo irresponsável.

Nos pequenos acervos doados, regularmente, aparecem diferentes tipos de livros, pois quem doa nem sempre faz uma seleção prévia. Como nessa escola há muito tempo, não há mais uma pessoa destinada a cuidar dos livros, na chegada de doações, um funcionário qualquer se ocupa delas. Essa forma de recepção dos livros doados colaborou para transformar a antiga saleta de livros da escola em depósito de livros. As caixas eram levadas para essa saleta e os volumes eram incorporados às estantes.

Depois da implantação das salas-ambiente em 1998, a recepção destes pequenos acervos doados também foi feita, durante algum tempo, sem registro algum. Os livros eram selecionados e incorporados às estantes, obedecendo à sua classificação. Durante um tempo, quando estes livros chegavam à escola, ficavam ou na sala dos professores, ou na secretaria, e o professor que se interessasse por eles, levava-os para sua sala-ambiente. As outras salas-ambiente de outras disciplinas não registravam ainda a chegada destes livros.

Com relação à chegada dos acervos enviados pelo governo, ocorre semelhante recepção. Neste caso, não há necessidade de seleção, pois os programas já enviam um conjunto selecionado, mas o registro deles não foi feito, durante algum tempo. Como não há um responsável direto para tomar conta do acervo e como nem sempre os diretores são sensíveis à importância do livro na escola, quando eles chegam não há uma mobilização para recebê-los convenientemente. Os livros das campanhas e programas oficiais que antes chegavam via Diretoria de Ensino hoje chegam pelo correio. A secretária da escola recorta das caixas onde eles são trazidos a etiqueta que contém o número do lote de livros e quantidade de exemplares contida nela. Em seguida, ela acusa, via internet, o recebimento do material; e essa etiqueta é descartada. A busca das informações via internet também não mostra o número de paradidáticos, mas somente os didáticos recebidos pela escola. Por isso é difícil saber o número exato de livros que a escola vem recebendo nos últimos tempos através dos programas de incentivo à leitura do poder público.

As caixas são abertas e ficam vários dias, ou na secretaria, ou na diretoria. Depois, uma funcionária é designada para carimbar cada exemplar, até que a diretora pede para os professores escolherem aqueles adequados às suas disciplinas e levá-los para suas

respectivas salas-ambiente. Às vezes, nem selecionamos, um funcionário chega à porta de nossa sala e entrega os exemplares que foram mandados pela direção. Esse procedimento pode durar vários dias e, nesse tempo, os livros ficam completamente sem controle. Ninguém é designado para anotar os que chegam.

Quando os livros chegam às salas-ambiente, os professores os juntam aos outros da estante e também não tomam o cuidado de anotar. Na sala-ambiente de Português, durante um tempo isso também ocorreu. Logo que iniciamos a montagem da sala fizemos um catálogo, registrando todos os livros que permaneceram nas estantes da sala. Depois, durante um tempo, devido ao meu envolvimento com outros afazeres na sala, também não registramos mais os livros que foram incorporados ao acervo, nem os doados, nem os enviados pelo governo. Tomamos o cuidado de fazer isso, quando em 2002, o Governo do Estado enviou um grande acervo através do Programa de Expansão do Ensino Médio.

Quando esse acervo chegou à escola, todo ele foi carimbado, depois foi feita uma seleção pelas disciplinas e cada conjunto foi enviado às nossas salas-ambiente. Desta vez, tomamos o cuidado de registrar os livros e mantê-los em um armário fechado, separado dos outros do nosso acervo, que ficam em armários abertos. Essa decisão foi tomada devido à percepção que tivemos das perdas constantes de livros que tivemos durante esses anos em que a sala-ambiente, como foi organizada, predisps. Dos 1244 livros registrados, em 1998, após cinco anos de uso constante, restaram apenas 472. Houve uma perda considerável, mesmo com nossos cuidados em relação à sala-ambiente, ao acervo e sua circulação.

O roubo, ou apenas a não devolução dos livros não é prática contemporânea devido ao preço exorbitante que este produto tem entre nós.

A história da bibliocleptomania remonta aos primórdios das bibliotecas na Europa Ocidental e indiscutivelmente pode ser aprofundada no tempo até as bibliotecas gregas e orientais. (MANGUEL: 1997: 275) Ladrões de livros eram uma praga na Idade Média e na Renascença: em 1752 o papa Benedito XIV lançou uma bula segundo a qual os ladrões de livros seriam excomungados. (MANGUEL: 1997: 276)

Muitas inscrições apareciam nos livros desta época que denunciavam essa prática. Por exemplo, uma que aparece num valioso tomo renascentista:

O nome do meu senhor acima vês, / Cuida, portanto, para que não me roubes; / Pois, se o fizeres, sem demora / Teu pescoço... me pagará. / Olha para abaixo e verás / A figura da árvore da força; / Cuida-te, portanto, em tempo, / Ou nesta árvore subirás.

Ou uma inscrição na Biblioteca do Mosteiro de São Bento em Barcelona:

Para aquele que rouba ou toma emprestado e não devolve um livro de seu dono, que o livro se transforme em serpente em suas mãos e o envenene. Que seja atingido por paralisia e todos os seus membros murchem, Que defínhe de dor, chorando alto por clemência, e que não haja descanso em sua agonia até que mergulhe na desintegração. Que as traças corroam suas entranhas como sinal do verme que não morreu. E quando finalmente for ao julgamento final, que as chamas do inferno o consumam para sempre. (MANGUEL: 1997: 276)

Toda biblioteca pública, mesmo com os mais modernos mecanismos de controle, também tem suas perdas; não seria uma sala-ambiente com apenas a presença do professor que não fica só tomando conta dos livros, mas faz muitas outras coisas, que faria com que o sumiço dos livros fosse evitado totalmente.

Embora a perda dos livros através do roubo, ou simplesmente pela displicência do aluno, pela falta de cobrança do professor seja uma prática antiga, é um fator que nos traz preocupação. Mesmo acreditando ser impossível evitar essas perdas, nos sentimos responsáveis pelo acervo que nos é confiado. Entre o jogo da circulação, da interação e da conservação, nós, professores, que nos interessamos pelo livro e pela leitura vivemos as nossas contradições. Ao mesmo tempo em que queremos deixar disponível e ao alcance dos alunos o acervo queremos também conservá-lo, para que muitos outros possam usufruir dele, para que o livro não se torne um objeto de consumo tão descartável como parece que está acontecendo. Por isso passamos a preservar um pouco os novos livros vindos em 2002.

Essa perda massiva dos livros pode ser compreendida como uma resultante da falta de cuidado do poder público de contratar pessoal especializado para tomar conta da biblioteca, esperando que o professor da escola pública de hoje, que tem de trabalhar em

dois períodos, em várias escolas, tenha, ainda, a disposição para cuidar de um acervo, fora do horário de suas aulas, evidentemente. Também não tem o cuidado de planejar ou financiar a construção de salas apropriadas para o funcionamento de bibliotecas, que teriam, também, a função de conservar os livros. Enviam-se, no entanto, muitos livros para as escolas, gastam-se fortunas em livros que, a priori, não terão vida longa nelas, especialmente se levarmos em conta os acervos em sua totalidade.

As coisas parecem começar a se modificar na escola, com a chegada da nova diretora⁴² (também professora de Português), em agosto de 2002, que pediu a cada professor para registrar o número de livros de suas respectivas salas-ambiente. Além disso, está propondo a volta da instalação de uma sala destinada à biblioteca na escola; e tem buscado através do poder público e novamente através da comunidade verbas para a construção de um espaço destinado à construção de uma biblioteca interativa.

Até quando as escolas não terão bibliotecas e nem bibliotecárias? Até quando os livros precisarão ser desviados, perdidos, para o poder público perceber a importância desse lugar e desse profissional na escola?

⁴² Maria Conceição

PALAVRAS FINAIS

Essas palavras finais fazem-se necessárias para quebrar o tom pessimista do nosso último questionamento sobre o destino dos livros na escola. Por isso essas palavras registram alguns sentimentos nossos em relação ao nosso processo de pesquisa, às nossas percepções e conclusões.

São três os sentimentos que foram nos movendo neste processo: de alegria, de tristeza e de esperança. Durante estes seis anos em que estivemos em contato com essa sala-ambiente e seu acervo (1998-2003), foram muitas as nossas alegrias. Primeiramente pela intimidade que fomos desenvolvendo com o acervo de uma biblioteca escolar. E não foi uma intimidade com um acervo parado, imóvel, mas sim em movimento de mão em mão. Com a mesma intensidade a alegria de vivenciar um processo que permitiu a muitos alunos um contato intenso com os livros. Afinal, retirar 150 livros de literatura durante um ano letivo não é pouca coisa. Para outros, permitiu, talvez, a única oportunidade da vida de aproximação tão freqüente com livros, cinco vezes por semana durante 50 minutos por dia. Essa alegria também vinha dos resultados das atividades que eram desenvolvidas nas aulas e que tinham o acervo como ponto de partida.

Quando alunos que não freqüentavam a nossa sala-ambiente dirigiam olhares gulosos da porta para as estantes, manifestavam sinais de lamento por não poder freqüentá-la, a alegria se fundia com a tristeza, pois o interesse do jovem pelo livro era evidente, mas não podíamos atender a todos.

Só tristeza quando encontrávamos o ambiente parcialmente destruído por alunos de outros períodos. Estantes desparafusadas, paredes pichadas, cortinas rasgadas, poeira, poeira muita poeira nos móveis e nas estantes.

Maior que as alegrias e as tristezas juntas a esperança que fica em nossos corações, pois neste processo entre acertos e desacertos nasceu a certeza de que o espaço da biblioteca deve ser resgatado. Interesse e vontade para isso aparecem no desejo de vários segmentos da escola. A esperança não está na certeza de que este espaço trará um futuro certo para os livros. O futuro continua incerto. Mas a certeza de que a nossa pesquisa permitiu conhecer melhor o papel de uma biblioteca escolar, permitiu verificar que há ainda muito interesse dos jovens pelo livro e pela leitura, pelo mistério enfim.

BIBLIOGRAFIA

- AMATO, Miriam e outras. *Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento*. In: GARCIA, Edson Gabriel. *Biblioteca Escolar. Estrutura e Funcionamento. Pelo fim do Provisório Eterno*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.
- BHABHA, H.K apud SCORSI, Rosalia de Ângelo. *Na Sala de aula, entre leitores: a sala-ambiente como local de cultura e memória*. In: *Revista Leitura Teoria e Prática*. ALB, 2002.
- BIANCHI, Maria do Carmo. *Relatório do Projeto de Pesquisa em Parceria EE Barão Geraldo de Rezende e Unicamp*. agosto/1999.
- BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas*. São Paulo: Globo, 1999.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BRASIL – Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa*. MEC/SEF, 1998
- BUTLEN, Max. Anotações pessoais da palestra proferida no VI Encontro Estadual de leitura-SP/2002, promovido pela PROLER e Bibliotecas Infanto-juvenis de São Paulo.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os Clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CAMPOS, Cláudia de Arruda e BEZERRA, Maria de Lourdes Leandro. *Bibliotecas Escolares: um espaço estratégico*. In: GARCIA, Edson Gabriel. *Biblioteca Escolar. Estrutura e Funcionamento. Pelo fim do Provisório Eterno*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.
- CARVALHO, Eva Lina de. *Considerações sobre a prática de leitura*. In: GARCIA, Edson Gabriel. *Biblioteca Escolar. Estrutura e Funcionamento. Pelo fim do Provisório Eterno*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger (Org.) *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- *Cultura escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: Artimed Editora, 2001.
 - *A História Cultural*. Bertrande Brasil Difel, 1994.

- GERALDI, João Wanderley. (org.) *O texto na sala de aula. Leitura e produção*. Cascavel: Assoeste Editora educativa, 1985.
- JAMESON, F. apud SCORSI, Rosalia de Ângelo. *Na Sala de aula, entre leitores: a sala-ambiente como local de cultura e memória*. In: *Revista Leitura Teoria e Prática*. ALB, 2002.
- LOPES, Yara Brandão Boesel. *Organização e Funcionamento de uma sala de leitura*. in: GARCIA, Edson Gabriel. *Biblioteca Escolar. Estrutura e Funcionamento. Pelo fim do Provisório Eterno*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- MARTINS, Amélia Rezende. Um idealista realizador. 1936 (pesquisa feita no Centro de Memória José Roberto do Amaral Lapa - da Unicamp)
- MELO, Ormindia Maria de Fátima Carrijo. *Práticas, modos e objetos de leitura na cidade de Goiânia – 1993 a 1959*. Tese de Doutorado. FE/Unicamp, 2002.
- Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- NERY, Alfredina. *Biblioteca Escolar: um jeito de ajeitar a escola*. in: GARCIA, Edson Gabriel. *Biblioteca Escolar. Estrutura e Funcionamento. Pelo fim do Provisório Eterno*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.
- OBERG, Maria Sílvia Pires. *A mediação socio-cultural reguladora: a ficção juvenil brasileira contemporânea: entre a educação, a arte e o mercado*. São Paulo: ECA, USP, dissertação de mestrado, 1998.
- PENIN, Sonia Teresinha de Souza. *Sala Ambiente: Invocando, convocando, provocando a aprendizagem*. in: *Jornal Semestral do GEPCE (Grupo de Estudo e Pesquisa em Ciência e Ensino) FE/Unicamp*, dezembro, 1997.
- PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura Infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.
- *Confinamento Cultural, Infância e Leitura*. São Paulo: Summus, 1990.
- POULUOT, Suzanne. Anotações pessoais de palestra proferida no VI Encontro Estadual de leitura-SP/2002, promovido pela PROLER e Bibliotecas Infanto-juvenis de São Paulo.
- REIS, Maria Cândida Delgado Reis. *Tessitura de Destinos – Mulher e Educação – São Paulo 1910/20/30*. São Paulo: EDUC, 1993.
- REZENDE, Maria Amélia de. *Um Idealista Realizador*. 1939

- RIBEIRO, Rita. *Barão Geraldo: História e Evolução*. Capinas: Editora do Autor, 2000.
- ROCHWELL, Elsie. *La Lectura como prática cultural: conceptos para el estudio de los libros escolares*. In: Revista “Educação e Pesquisa” São Paulo, v.27, n.1, p.11-26, jan./jun.2001
- SCHAPOCHNIK, apud MELO, Ormindia Maria de Fátima Carrijo. *Práticas, modos e objetos de leitura na cidade de Goiânia – 1993 a 1959*. Tese de Doutorado. FE/Unicamp, 2002.
- SCORSI, Rosalia de Ângelo. *Na sala de aula entre leitores. A sala-ambiente como local de cultura e memória*” in: Revista Teoria e Prática, 2001, p 44-50
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Biblioteca Escola: Quem cuida?*. in: GARCIA, Edson Gabriel. *Biblioteca Escolar. Estrutura e Funcionamento. Pelo fim do Provisório Eterno*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.
- SILVA, Lillian Lopes Martin da. *Notas para uma educação do leitor*. in: Revista do Instituto Brasileiro de Edições Escolares-IBEP, Ano I, n. 2, junho/2001.
- SILVA, Lillian Lopes Martins. *Mudar o Ensino de Língua Portuguesa: Uma Promessa que não venceu nem se cumpriu, mas que merece ser Interpretada*. FAE Unicamp, tese de doutorado, 1994.
- SILVEIRA, Eliane. Salas-laboratório, jornal, oficinas, teatro, dança... in: Revista Nova Escola, maio, 1992, p 42-45.
- Site www.lendoeaprendendo.sp.gov.br
- Site: www.educacao.sp.gov.br
- SOARES, Magda. *Português na escola: história de uma disciplina curricular*. In: *Revista da Educação AEF nº 101/1996*. IEL Unicamp
- VYGOTSKY, L.S. *A Formação Social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1992
- YATES, F.A. apud SCORSI, Rosalia de Ângelo. *Na Sala de aula, entre leitores: a sala-ambiente como local de cultura e memória*. In: *Revista Leitura Teoria e Prática*. ALB, 2002.

Álbum

de

Fotografias

A ESCOLA NOS ANOS 60/70



BIBLIOTECA E SALA-AMBIENTE DE CIÊNCIAS NOS ANOS 70



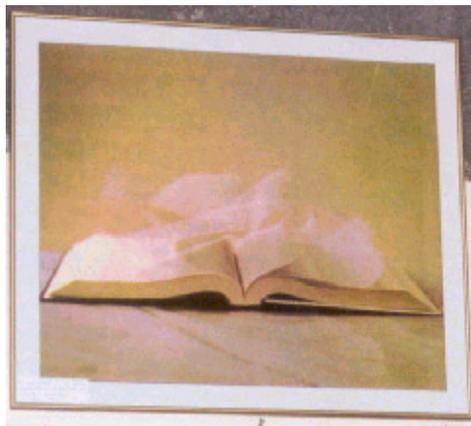
A ESCOLA HOJE



A SALA-AMBIENTE DE LÍNGUA POTUGUESA AO FUNDO



A SALA-AMBIENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA À FRENTE



AS ESTANTES DA SALA-AMBIENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA



A SALA-AMBIENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA EM MOVIMENTO



CAPAS DE LIVROS DO ACERVO DA BIBLIOTECA DA SALA-AMBIENTE

